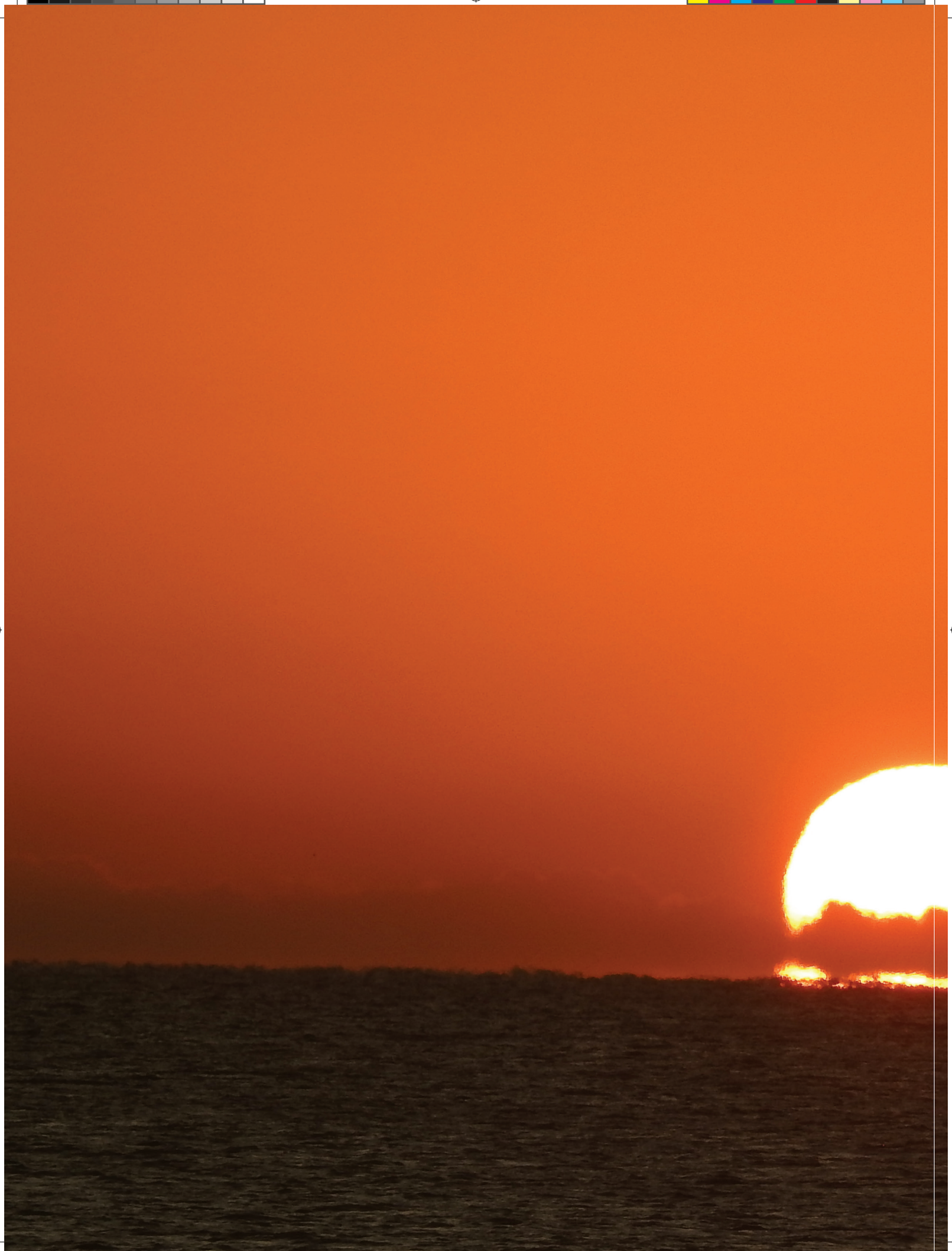
Rogério Lenzi.

001-Anuario2019-1-16.indd 161 24/05/2021 15:21:20



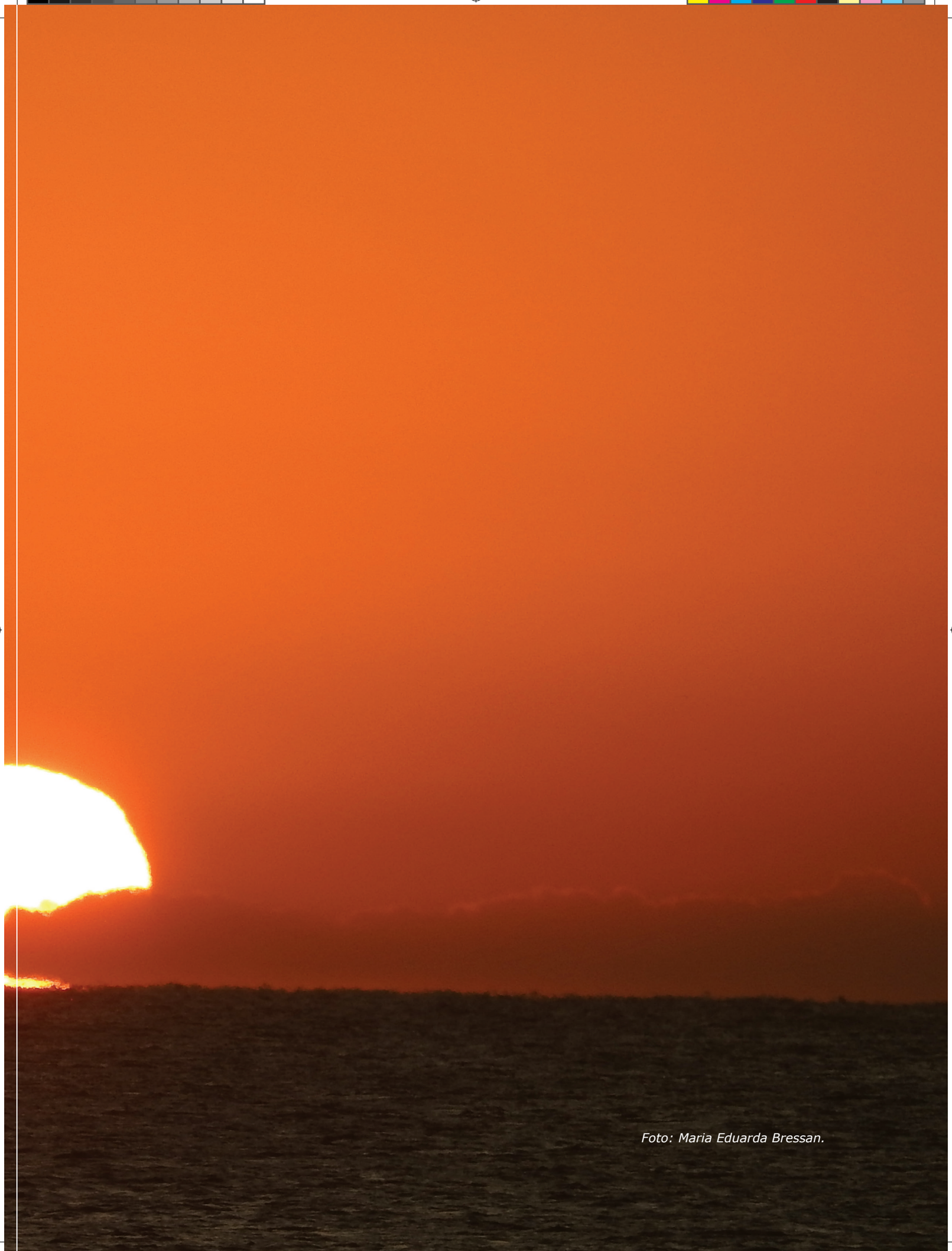
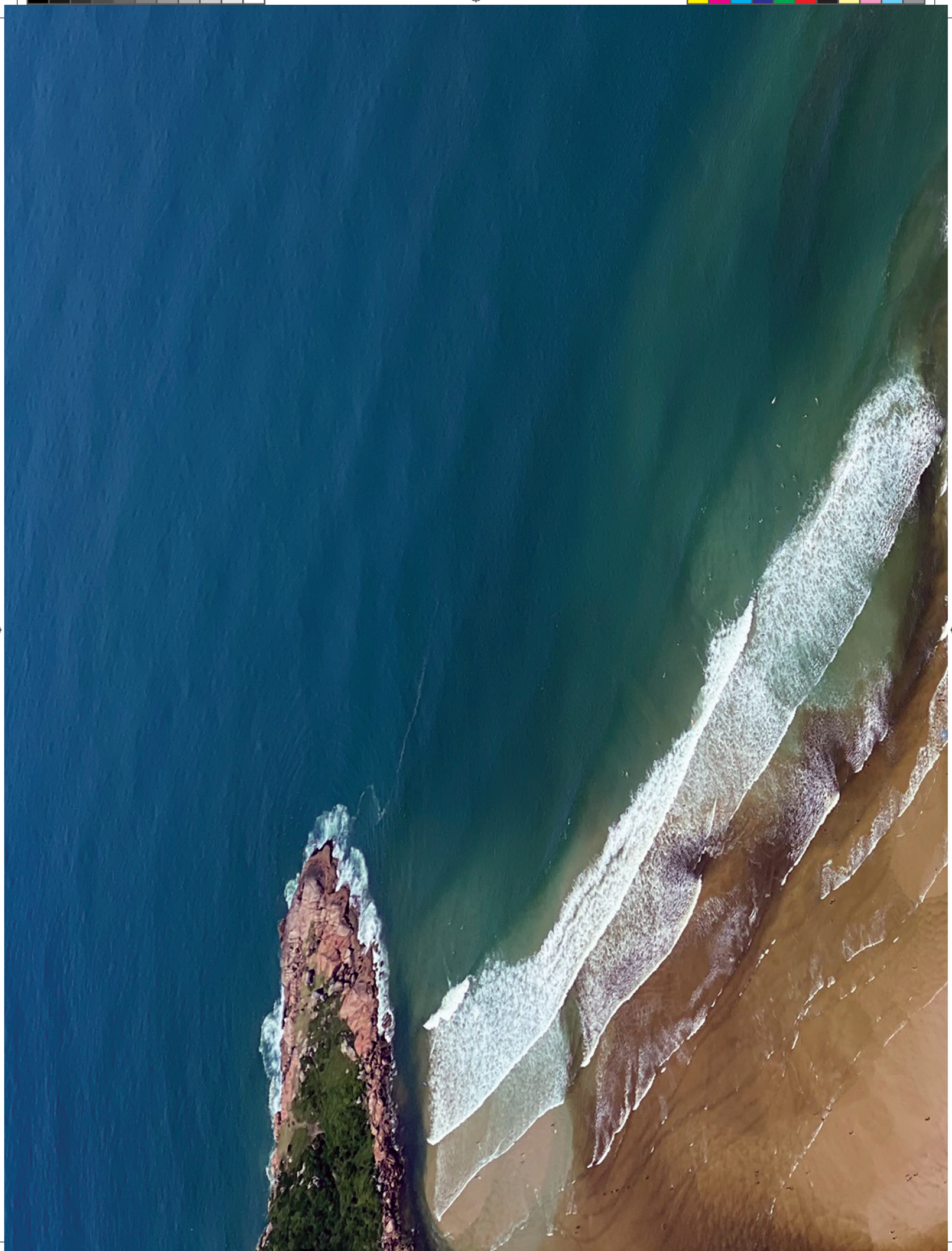


Foto: Maria Eduarda Bressan.

001-Anuario2019-1-16.indd 163 24/05/2021 15:21:23



001-Anuario2019-1-16.indd 164 24/05/2021 15:21:25

Foto: Ligiane Finardi Meyer.

001-Anuario2019-1-16.indd 166 24/05/2021 15:21:29

Fotos: Alberto César Russi.

001-Anuario2019-1-16.indd 167 24/05/2021 15:21:30

001-Anuario2019-1-16.indd 168 24/05/2021 15:21:32

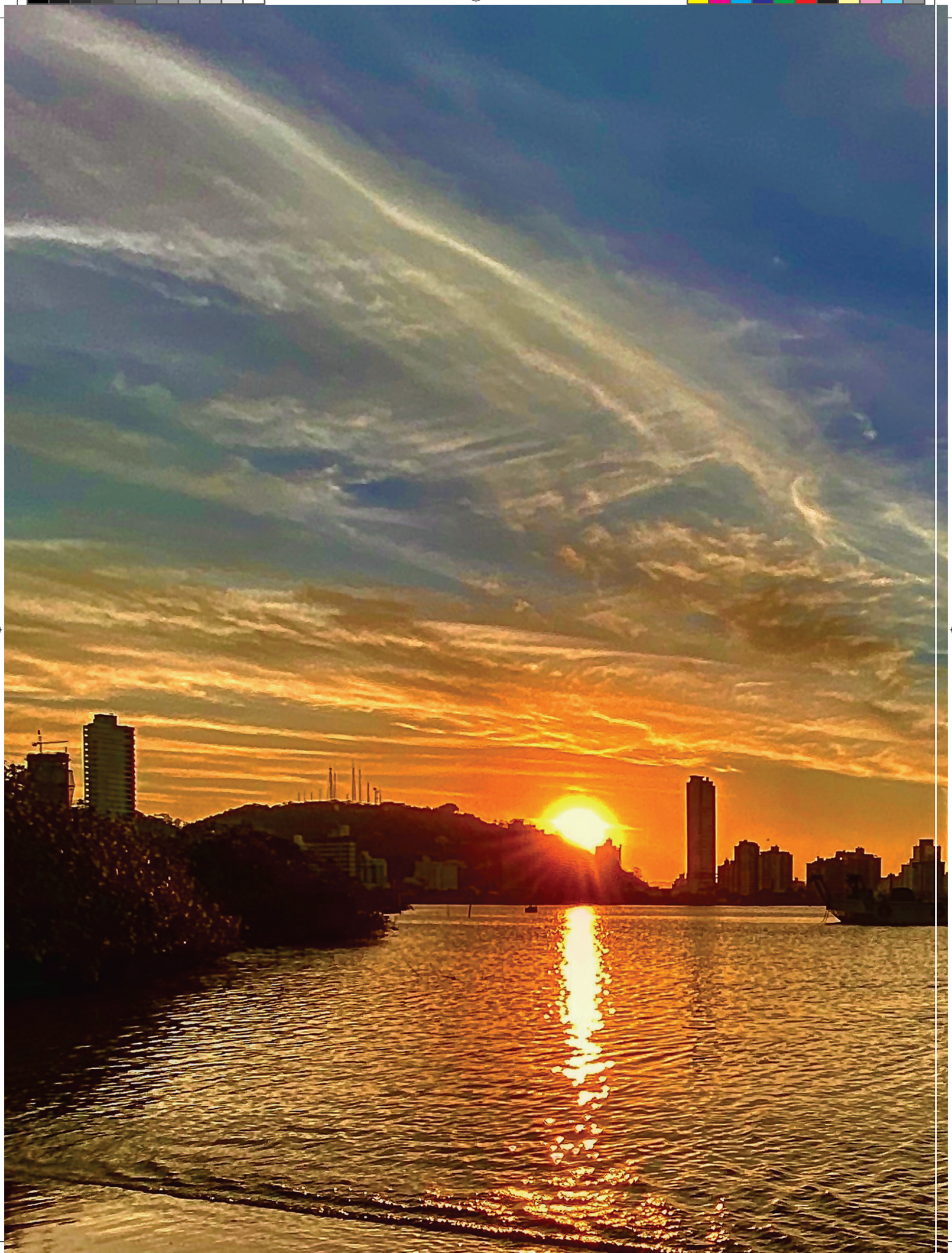
Foto: FGML/CDMH - acervo digital.

001-Anuario2019-1-16.indd 170 24/05/2021 15:21:35

Fotos: FGML/CDMH - acervo digital.

001-Anuario2019-1-16.indd 172 24/05/2021 15:21:38

Fotos: FGML/CDMH - acervo digital.



001-Anuario2019-1-16.indd 174 24/05/2021 15:21:41

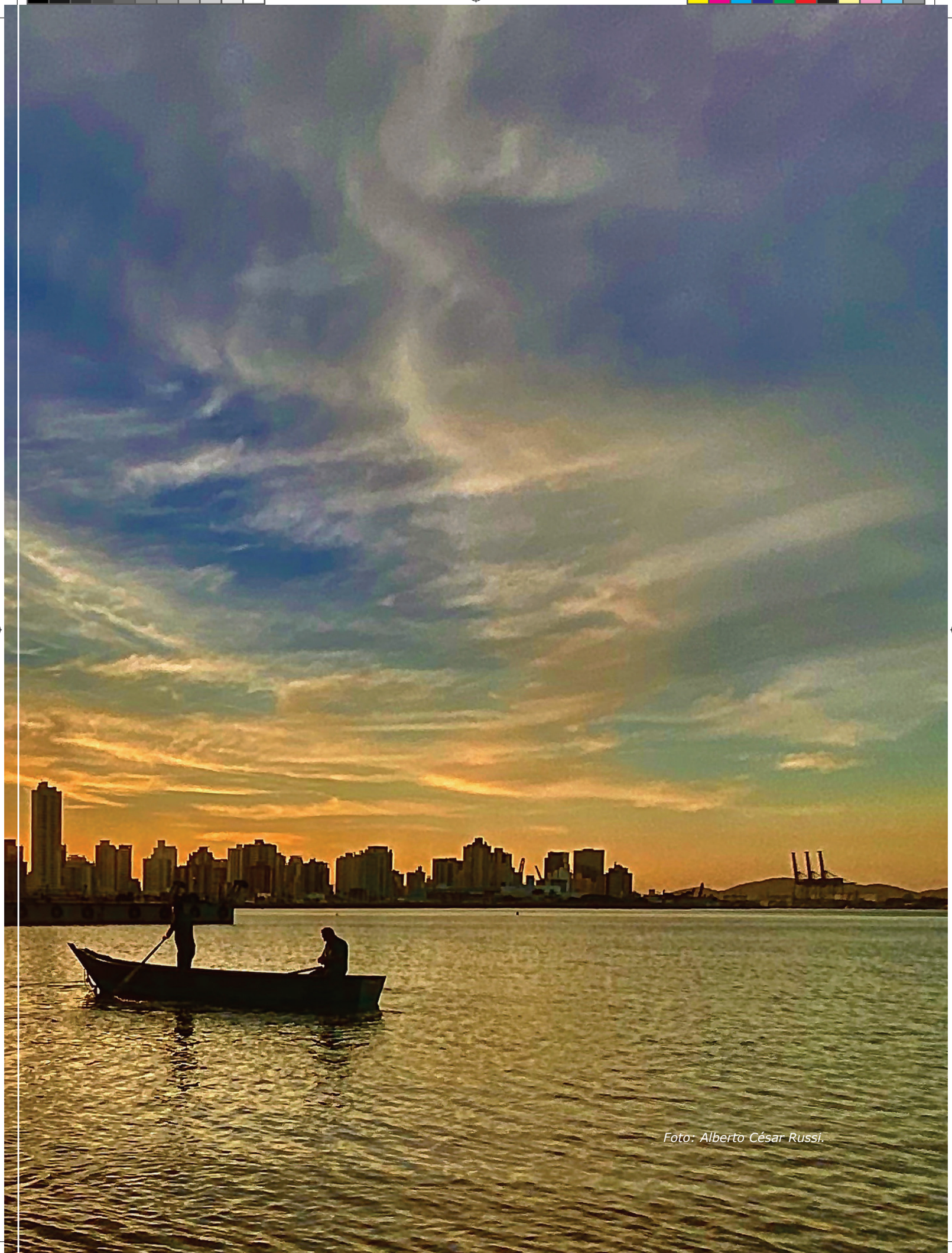


Foto: Alberto César Russi.

001-Anuario2019-1-16.indd 175 24/05/2021 15:21:43

Foto: Alberto César Russi.

002-Anuario2019-17-144.indd 17 24/05/2021 15:24:18

002-Anuario2019-17-144.indd 18 24/05/2021 15:24:18

PREFEITURA DE
ITAJAÍ

FUNDAÇÃO
GENÉSIO
MIRANDA
LINS

AAMHAPI
Associação de Amigos do Museu Histórico e Arquivo Público de Itajaí

002-Anuario2019-17-144.indd 19 24/05/2021 15:24:19

PREFEITURA DE ITAJAÍ

FUNDAÇÃO GENÉSIO MIRANDA LINS

AAMHAPI
Associação de Amigos do Museu Histórico e Arquivo Público de Itajaí

Prefeito
Volnei José Morastoni

Vice
Marcelo Sodré

Superintendente das Fundações
Normélio Pedro Werner

Diretor-executivo da FGML
Fabrício Marinho

Ex-Libris FGML - Anuário de Itajaí
Periódico anual da Fundação Genésio Miranda Lins
Projeto Gráfico, Edição, Capa, Diagramação e Arte-finalização
Rogério Marcos Lenzi
Capa: intervenção sobre fotografias de Ligiane Finardi Meyer
Conselho Editorial do Anuário 2019
Fabrício Marinho
Euclides José da Cruz
Rogério Marcos Lenzi

A636 Anuário de Itajaí 2019 / Fundação Genésio Miranda Lins. –
Itajaí : FGML, 2019.
160 p. : Il.

ISSN 1679 – 3056

1.Itajaí (SC) – História – Periódicos 2. História – Periódicos

CDD: SC I981.642005
CDU: 94(816.4)Itajaí

Ficha catalográfica
Bibliotecária Vera Lúcia de Nóbrega Pecego Estork
CRB 14/321

Sumário

Apresentação

Fabrício Marinho *22*

Primeira casa da Câmara Municipal de Itajaí

Edison d´Ávila *24*

Anotações para a História das Madeireiras em Itajaí

Magru Floriano e Carlos Guérios *34*

Principais baluartes da Igreja Matriz SS. Sacramento

Pe. Eder Cláudio Celva *50*

Itajaí de antigamente – relato de experiência

Magru Floriano *60*

O rebelde com causa

Ivan Rupp Bittencourt *64*

Mata-borrão: [professor Manoel Ferreira de Miranda]

Saulo Adami *68*

Notas para a História da Hotelaria em Itajaí

Magru Floriano e Carlos Guérios *76*

Resquícios da aldeia

Eduardo Hora *83*

Paróquia Santíssimo Sacramento: uma pequena apresentação

Pe. Eder Cláudio Celva *86*

Histórias do Colégio Salesiano

Emerson Ghislandi *92*

Nicolau Malburg, a empresa Malburg e a família

Homero Malburg *98*

Viagem ao meu Estado

Pe. Thomaz Fontes (introdução: Edison d´Ávila) *110*

Os primeiros tempos da cidade Schneeburg

Saulo Adami *122*

Um momunento que está impregnado n´alma

Emerson Ghislandi *132*

Carta (fac-símile) a Eduardo

Edmundo Campos *134*

A arte cerâmica de Edmundo Camps

Maria Eduarda Bressam *138*

Gravuras e pinturas de Eduardo Moreira

Reproduzidas em páginas diversas do Anuário

002-Anuario2019-17-144.indd 22 24/05/2021 15:24:19

Apresentação

A nova edição do Anuário* de Itajaí foi pensada e concebida no momento em que estamos vivenciando a fase mais crítica da pandemia do Coronavírus no país. Fala-se em nova era pós-pandemia, em novo normal (como se pudéssemos nos definir como normais), em ressurgimento, recomeço, retomada, pois bem. Vamos aproveitar o momento e também retomar, mas retomar à normalidade das publicações do Anuário que, em 2019 e 2020, não nos foi presenteado.

Sim, presenteado. O Anuário é um presente, ou melhor, um tesouro da cultura, da arte, da literatura, da memória, enfim, da história do nosso povo, da nossa gente, gente que construiu e constrói essa Itajaí que tanto nos orgulha.

Não se pode construir um futuro sem observar e conhecer o passado ou, como dizia o historiador grego Heródoto: "pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro".

Assim sendo, o conhecimento e as articulações que sucedem estas linhas podem levar um mundo de aprendizado capaz de abrir horizontes de compreensão para um futuro melhor à nossa cidade.

Portanto, aproveitem a leitura e absorvam o conhecimento.

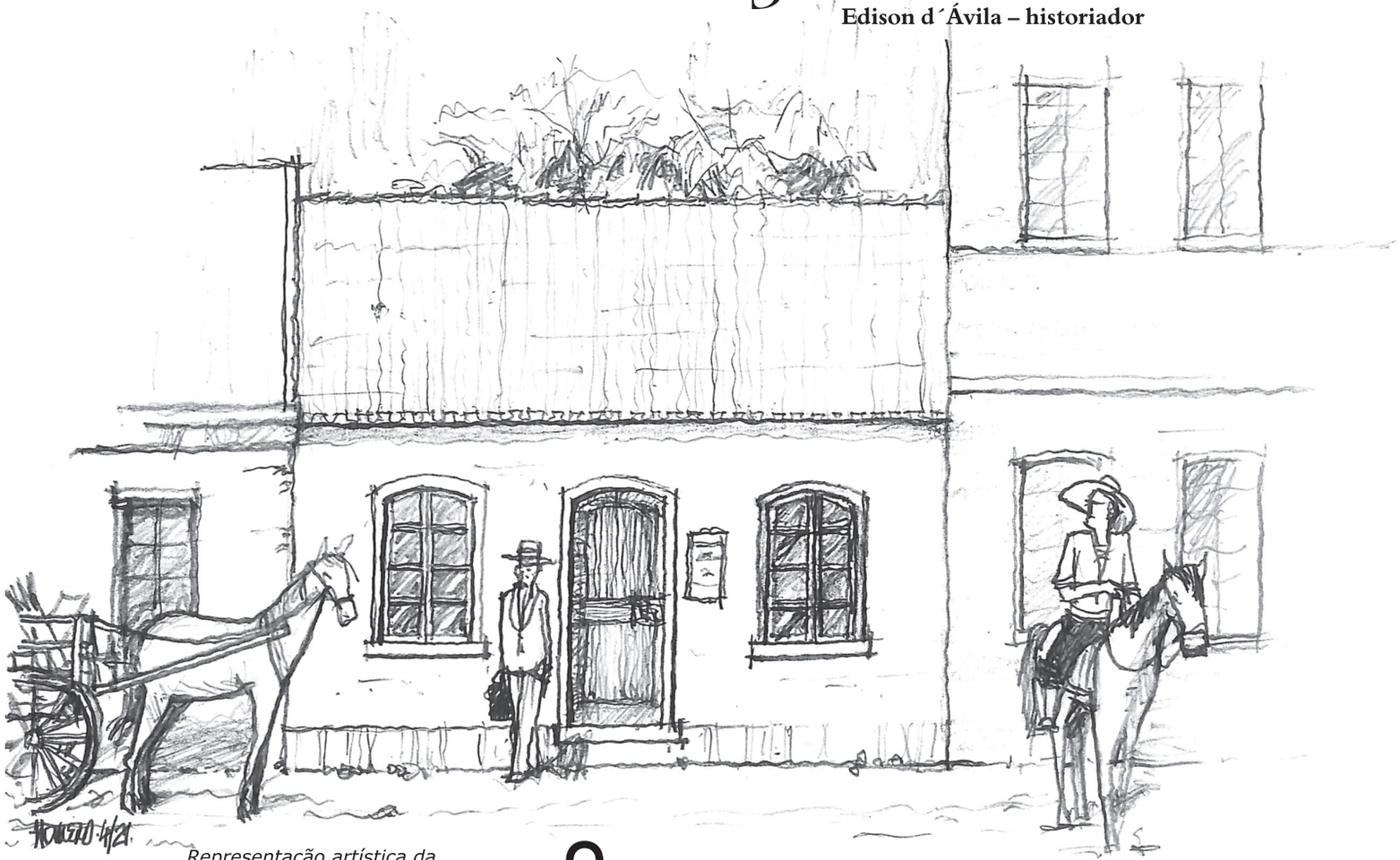
Fabrício Marinho

Diretor-executivo da FGML

*Criado pelos eméritos jornalistas itajaienses Juventino Linhares e Jayme Fernandes Vieira, no ano de 1924, essa primeira edição - hoje um volume raro e histórico - não foi seguida de outras, como era a intenção, até 1949, quando Marcos Konder e Silveira Júnior tornam a editar o Anuário, porém sem continuidade. Já no ano de 1959, os jornalistas Laércio Cunha e Silva e Roberto Mello de Faria publicaram o Anuário desse ano e o de 1960, em comemoração ao 1º Centenário do Município de Itajaí. No ano de 1998 a publicação foi retomada pela Fundação Genésio Miranda Lins por Edison d´´Avila, Antonio Carlos Floriano, Eduardo Teixeira Moreira e Rogério Marcos Lenzi. Desde então o Anuário de Itajaí tornou-se um periódico imprescindível para a difusão dos conteúdos produzidos no município, nos campos da história, da literatura e das Artes, que possibilitam o conhecimento e o reviver da nossa cultura e memória.

Primeira casa da Câmara Municipal de Itajaí

Edison d´Ávila – historiador



Representação artística da primeira sede da Câmara de Vereadores de Itajaí. Autor: Homero Bruno Malburg.

Quando se editou em 2012 o livro "**A História do Legislativo – Câmara de Vereadores de Itajaí – 1860/2012**", na Parte I, Capítulo "As sedes da Câmara Municipal ao longo do tempo", foi consignado que a primeira sede "sabe-se por se ouvir dizer, que ficava na esquina do Largo da Matriz com a Rua Municipal, ou seja, hoje, da Praça Vidal Ramos com a Rua Lauro Müller".

Essa versão registrada no livro talvez houvesse surgido porque a casa daquela esquina, de fato, na segunda metade do século XIX, passou a ser de propriedade dum Schneider. A Ata

de Instalação do Município de Itajaí, do dia 15 de junho de 1860, diz textualmente que ele fora instalado "na sala da casa dos encarregados de a prontificarem, para servir de Paço da Câmara Municipal, e nela se celebrar as sessões, a qual pertence a João Chinaid [...]".

Todavia, a versão baseada naquele "por se ouvir dizer" deve agora ser abandonada, porque informações históricas recentemente levantadas contraditaram aquela versão e a invalidaram por completo, sendo o que se vai buscar demonstrar neste artigo.

É sabido que, ao se opor à criação do município de Itajaí, na informação que prestara ao Presidente da Província de Santa Catarina, em 16 de abril de 1855, a Câmara Municipal de Porto Belo, dentre as razões contrárias, arrolou que a Freguesia de Itajaí ainda não tinha "pronta a Matriz e nem nenhum outro edifício público para nele se celebrar os atos públicos". Dissera a verdade. A Matriz do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição estava por acabar desde 1852; as imagens sacras haviam sido recolhidas à casa do Tenente-Coronel Agostinho Alves Ramos; o vigário fazia as celebrações religiosas em sua própria residência e não havia mesmo nenhum imóvel de posse do poder público.

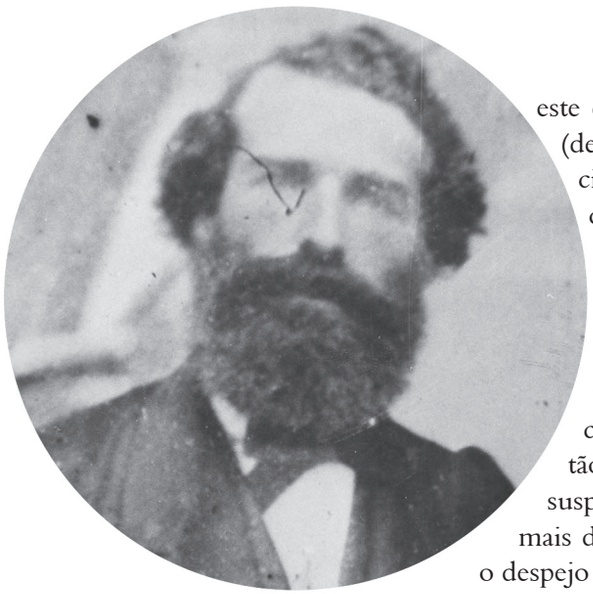
A Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina, por isso, ao aprovar os termos da Resolução Nº 464, de 4 de abril de 1859, sancionada pelo Presidente da Província, que elevava à categoria de Vila a Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí para formar o município denominado Itajaí, impôs como condição, em seu Artigo 1º, "que seus munícipes tenham prontificado, a sua custa, casa para as sessões da Câmara". Não havendo na Vila, que seria a sede do novo município, um prédio público que pudesse abrigar a Câmara dos Vereadores, decidiram os deputados provinciais que os custos do aluguel de uma casa particular para sede do legislativo municipal não onerassem o orçamento do município que seria instalado.

O custeio das despesas com o aluguel da casa da Câmara Municipal esteve entre as razões que retardaram a instalação definitiva do município de Itajaí. Marcos Konder trouxe esclarecimentos a respeito em dois discursos que pronunciou. O primeiro, em 1922, quando do lançamento da pedra fundamental do novo edifício da sede da Prefeitura, e o segundo, em 1925, ao inaugurar esse mesmo prédio, que vem hoje a ser o "Palácio Marcos Konder", sede do Museu Histórico de Itajaí. No discurso de 1922, ele entrou com essa nota histórica:

> Quando em 15 de junho de 1860 o nosso município se emancipou da tutela de Porto Belo, tiveram os nossos primeiros edis de celebrar a sessão de instalação e posse em um edifício alugado generosamente por um grupo de munícipes entusiastas da sua autonomia, e com mobiliário emprestado, visto não possuir o novo município verbas para fazer face aos primeiros encargos.

No discurso de 1925, o orador acresceu àquela primeira notícia histórica prestada em 1922 mais informações a respeito da história do aluguel da primeira casa da Câmara Municipal:

> Estamos em 15 de junho de 1860. O novo município de Itajaí, desmembrado do de Porto Belo, acaba de instalar-se solenemente. Para não retardar a sua criação, três novos munícipes, dos mais representativos daquela época, se obrigaram a pagar à sua custa os alugueis da casa, onde a nova Câmara se instalará, edifício



Joaquim Pereira Liberato, primeiro Presidente da Câmara de Vereadores de Itajaí. Acervo: FGML/CDMH.

este que era propriedade de um alemão, de nome João Schnaid (deve ser João Schneider). Apesar do compromisso escrito, circunstâncias várias sobrevieram, tornando-o ilusório e colocando a Câmara em dificuldades perante o seu senhorio. Dos comprometidos, um ficou em breve reduzido à extrema pobreza e obrigado a aceitar o cargo de procurador municipal para manter a sua subsistência; o outro – Joaquim Liberato – ausentou-se do município, excusando-se o terceiro, em virtude naturalmente de não poder ele sozinho responder pelo compromisso contraído. Estas razões e ainda as lutas partidárias, tão implacáveis na época do regime parlamentar, determinaram a suspensão indefinida do pagamento dos alugueis, atrasando-os por mais de um ano. O proprietário não esteve pelos autos. Requereu o despejo e, por ordem do juiz municipal, foi o prédio desocupado em dezembro de 1864.

O compromisso firmado por aqueles três itajaienses, em que se obrigaram a pagar a sua custa os alugueres da casa Câmara Municipal, tem o seu texto conhecido por conta de "certidão autêntica *verbo ad verbum*", emitida em 21 de fevereiro de 1884 pelo então presidente da Câmara de Vereadores Luiz Fortunato Mendes. Esse é o teor:

> Presidência da Câmara Municipal da Cidade de Itajaí, 21 de Fevereiro de 1884.
>
> O Secretário da Câmara, revendo o livro de notas do Escrivão de Paz da Freguesia desta Cidade, que serviu do mês de setembro de 1857 até o mês de setembro de 1859, que se acha no arquivo da Câmara, dele tive certidão autêntica de *verbo ad verbum*, da escritura pública de obrigação que fizeram Antônio Pereira Liberato, Joaquim Pereira Liberato e Manoel José Pereira Máximo de prontificarem a sua custa casa para as sessões da Câmara Municipal e mais funções públicas, com a cláusula de pagarem todos os alugueis, até que a Câmara edificasse edifício próprio para celebrar suas sessões, para o fim de ser instalada a Vila do Santíssimo Sacramento de Itajaí, criada pela lei provincial nº 464, de 4 de abril de 1859, passando-a desta certidão em forma que faça fé pública onde convier; o que cumpra ao pé desta. O Presidente da Câmara Municipal, Luiz Fortunato Mendes.

Vê-se, assim, que os três promitentes assumiram aquela obrigação de pagamento por escritura pública feita em cartório do Escrivão do Juizado de Paz do então Distrito da Freguesia de Itajaí. Da assinatura desse termo de compromisso público, provavelmente feito no mês de agosto de 1859, eles deram ciência ao Presidente da Província de Santa Catarina. Tanto que, ato contínuo, aquela autoridade provincial determinou que a Câmara Municipal de Porto Belo fizesse realizar a eleição de vereadores para a nova Câmara de Itajaí, o que veio a acontecer em 2 de outubro de 1859.

Os três promitentes – Antônio Pereira Liberato, seu irmão Joaquim Pereira Liberato e Manoel José Pereira Máximo – podiam mesmo ser qualificados como cidadãos "os mais representativos" da sua época, como pretendeu Marcos Konder. Pertenciam à classe dos

comerciantes, em ascensão econômica, social e política durante o Império, tinham destacada militância no Partido Liberal e ocupavam cargos públicos. Antônio Pereira Liberato era abastado comerciante de exportação e importação e armador; advogado provisionado; juiz de paz; juiz municipal e de órfãos e ausentes. Político influente, vereador, chefiava o Partido Liberal. Joaquim Pereira Liberato, também comerciante e armador, por quatro anos fora subdelegado de polícia do Distrito de Itajaí e, depois, vereador, primeiro presidente da Câmara Municipal de Itajaí e delegado de polícia do município. Por fim, Manoel José Pereira Máximo, dos três comerciantes era o menos abonado, residia na freguesia de Itajaí e foi eleito vereador à Câmara que instalou o município de Itajaí em 15 de junho de 1860.

Agora resta saber onde ficava, enfim, a casa pertencente a João Chinaid ou Schneider, que os encarregados prontificaram para servir de Paço da Câmara Municipal e em cuja sala se fizera a solene instalação do município de Itajaí, a 15 de junho de 1860. A valiosa e precisa informação histórica estava inserida no artigo "50º aniversário da instalação do município de Itajaí", do jornal O Pharol, do dia 17 de junho de 1910:

> Completaram-se a 15 do corrente mês, 50 anos que foi instalado o município de Itajaí. Em virtude da Resolução da Assembleia Provincial nº 464, de 4 de abril de 1859, sancionada pelo Presidente da Província João José Coutinho, procedera-se aqui à eleição de 7 vereadores, sendo eleitos os srs. Joaquim Pereira Liberato, Claudino José Francisco Pacheco, José da Silva Mafra, José Henriques Flôres, Francisco Antônio de Souza, Jacinto Zuzarte de Freitas e Manoel José Pereira Máximo. **No dia 15 de junho de 1860, na casa que então pertencia ao sr. João Schnaid e que depois pertenceu ao sr. Carlos Serino Müller e estava situada no local em que atualmente existe o sobrado do sr. Olympio Hermílio de Miranda** (grifo do autor), presentes os cidadãos acima mencionados, exceto os dois últimos, deferiu-lhes juramento de vereadores o tenente José Antônio da Silva Simas, Presidente da Câmara Municipal da Vila de São Sebastião de Tijucas, que no dia anterior chegara acompanhado do Secretário, da mesma Câmara, José Mendes da Costa Rodrigues. O município fazia parte da comarca de São Francisco e compunha-se da paróquia do Santíssimo Sacramento e da Penha de Itapocorói que pertenciam ao município de São Francisco e da de Camboriú, que pertencia ao município de Porto Belo. Foi comemorado o 50º aniversário da instalação do município de Itajaí com uma sessão solene e com a inauguração da luz elétrica no paço municipal. Pelas 4 horas da tarde, no Paço Municipal, que se achava externa e internamente ornamentado, presentes o sr. Presidente do Conselho Dr. Pedro Ferreira e Silva, o Vice Presidente Marcos Konder, o 1º Secretário João Bauer Júnior, os Conselheiros Olivério Vieira de Souza Júnior, Júlio Kumm, os suplentes Domingos de Souza Linhares e João Kracik, o Superintendente Samuel Heusi, muitas senhoras e senhoritas, autoridades federais, estaduais e municipais, o vigário Padre José Foxius, cônsules, professores, professoras, representantes de diversas associações e classes sociais, e da imprensa, o presidente, depois de fazer o histórico da criação e instalação do município e referências ao desenvolvimento que este tem tido, abriu a sessão. Ato contínuo a banda de música "Independente" tocou o hino Catarinense. Foram lidos telegramas de

> felicitações pelo aniversário, dirigidos ao Conselho e ao Superintendente pelo Superintendente de Tijucas. Pelo conselheiro Olivério Vieira foi proposto se dirigisse telegrama de cumprimentos ao Presidente da República, ao Governador do Estado e aos Representantes federais catarinenses, sendo unanimemente aceita esta proposta. Pronunciaram discursos, sendo muito aplaudidos, os srs. Marcos Konder, João Guedes da Fonseca e Joaquim Mariano Ferreira Júnior. Ao encerrar a sessão o presidente agradeceu a todos os que a ela haviam comparecido e ergueu vivas ao município de Itajaí, ao Estado de Santa Catarina e à Nação Brasileira, vivas que foram freneticamente correspondidos, tocando em seguida a banda de música "Independente" o Hino Nacional, que foi ouvido de pé por todas as pessoas presentes. Quase ao terminar a sessão, acendeu-se a luz elétrica em todo o Paço Municipal, sendo deslumbrante o efeito que se produziu. Foi lavrada minuciosa ata da sessão, e cerca de 80 pessoas a assinaram.

A localização exata do "sobrado do sr. Olympio Hermílio de Miranda" quem dá é Juventino Linhares, no seu utilíssimo livro "O que a memória guardou", ao recordar os cinco primeiros sobrados de Itajaí:

> Após o correio, o "Hotel Brasil" que, de início, foi administrado por Alexius Reiser, pai do falecido Felipe Reiser, que o transmitiu depois a Pedro Burghardt, que o dirigiu por muito anos, e funcionava no mesmo prédio ainda existente e que era um dos cinco sobrados da cidade. Os outros eram: a casa residencial do despachante Olímpio Hermílio de Miranda, que ficava defronte.

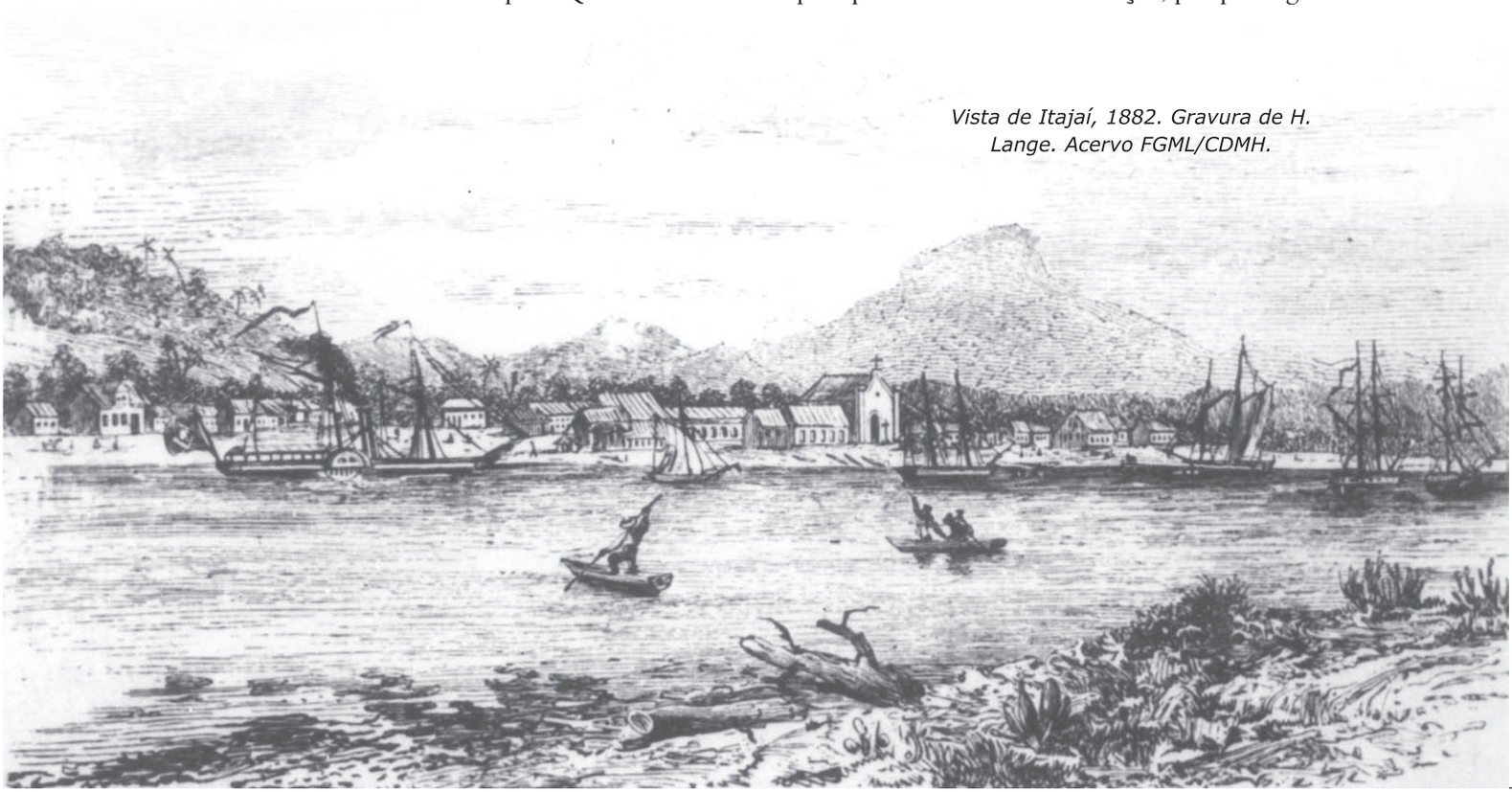
A primeira sede dos Correios e o antigo "Hotel Brasil", hoje "Hotel Rota do Mar", ficavam na Rua Lauro Müller, em meio a sua primeira quadra. Portanto, a primeira Casa da Câmara Municipal de Itajaí estava situada no local em que agora está preservada pela Clínica São Lucas a fachada do sobrado que pertenceu ao despachante Olímpio Hermílio de Miranda.

Essa casa térrea, de propriedade do alemão João Schneider, deixa-se entrever espremida entre as casas vizinhas na gravura de Henry Lange, "Die Villa Itajahy", de 1882. Do proprietário, o que se sabe, além de ser proveniente da Alemanha, é que naqueles anos de 1860 mantinha em Itajaí uma hospedaria. A simplicidade da construção de duas janelas e uma porta frontais e os cômodos nada amplos da casa não impediram o secretário José Mendes da Costa Rodrigues, que redigira a ata de instalação do município de Itajaí, de intitular, *pro forma*, o imóvel alugado de "Paço da Câmara Municipal", ou seja, "Palácio do Legislativo do Município".

Ao tomar assento na cadeira de presidente da Câmara Municipal, como vereador mais votado, conforme prescrevia a legislação da época, Joaquim Pereira Liberato proferiu o discurso que no seguir se transcreve, publicado no jornal O Cruzeiro, de Desterro/SC, edição do dia 5 de julho de 1860, por ser o primeiro pronunciado por um vereador itajaiense na Câmara Municipal e inédito nos anais da história de Itajaí:

> Senhores e Colegas.
>
> No momento solene, em que vamos celebrar a elevação da nossa paróquia à categoria de vila, no momento solene, em que invocando o auxílio do Todo-

Poderoso, prestamos o juramento de concorrer com os nossos esforços a favor do município, cuja gerência o povo nos confiou, permiti, senhores e colegas, que desta cadeira, que tão imerecidamente ocupo, vos dirija a palavra para manifestar os meus votos, e que estes votos tenham eco e aplauso nos corações dos nossos communícipes. Nestes tempos de indiferentismo para os legítimos interesses da pátria, nestes tempos, em que os interesses particulares são geralmente antepostos aos interesses públicos, urge que nos compenetremos do sagrado mandato, que nos foi confiado, urge que empreguemos o sacrifício de nossos esforços para corresponder à generosa confiança que em nós depositou o povo deste município. É verdade, senhores, que sendo a municipalidade a garantia por excelência dos povos, e o pedestal em que se assenta a legítima liberdade política, contudo entre nós está essa garantia bastante depreciada, porque a municipalidade é mais um simulacro da liberdade, do que o seu baluarte. Mas por isso mesmo nos cumpre ser mais solícitos para conservar esse pouco fogo sagrado da liberdade, que ainda se não extinguiu no santuário da municipalidade, e com fé robusta e esperançosa deveremos aguardar a época, em que o povo seja outra vez dotado com essas regalias municipais, que até os governos absolutos nunca ousaram arrebatar-lhes. Por toda a parte, de um a outro ponto do Império, o espírito público começa a despertar, e a reclamar a necessidade de uma nova organização municipal. Enquanto não chega a satisfação desse público desideratum vamos nós, pelos recursos ao nosso alcance, cumprindo o árduo encargo, que o povo nos confiou, e que somos obrigados a cumprir, não só por um sentimento de gratidão, mas principalmente pela religião do dever, segundo o juramento, que acabamos de prestar. Este encargo é tanto mais pesado, quanto é verdade que nós somos os legisladores do novo município. As novas regalias municipais com que fomos brindados pela lei provincial de 4 de abril de 1859, demandam também deveres de nossa parte., e para acudir a esses deveres, é urgente uma derrama de impostos municipais. Que esta matéria ocupe especialmente a nossa atenção, porque urge



Vista de Itajaí, 1882. Gravura de H. Lange. Acervo FGML/CDMH.

> não agravarmos o povo, que tão generosamente nos confiou este importante mandato. Como vos disse, senhores, acabamos de contrair uma árdua empresa. De nossos esforços, de nossa união depende em grande parte o futuro próspero da nossa prezada vila. O Itajaí é um ponto importante no mapa do Império, é um ponto esperançoso, em que a Europa tem seus olhos fitos, porque aqui tem medrado a colonização europeia, e o nosso solo é de uma extraordinária riqueza, e de um clima, cuja benignidade é proverbial. Pois bem, senhores! Façamos pela nossa parte, com que o Itajaí caminhe para esse futuro de prosperidade que o espera. E contemos, senhores, que assim como no presente nos não faltou confiança dos nossos communícipes, também no porvir não nos hão de faltar as bênçãos daqueles a quem no presente preparamos esse grandioso futuro. Que a Providência abençoe os nossos esforços; que a Providência proteja o Itajaí; tais são os meus votos.

Circunstâncias várias foram apontadas por Marcos Konder como causas do descumprimento pelos três promitentes, passados os primeiros anos, do compromisso assumido com o pagamento do aluguel da casa da Câmara Municipal, que a levou a ser despejada. O processo de despejo correu em juízo e o jornal O Despertador, de Desterro, do dia 27 de dezembro de 1864, deu notícia do que se passava:

> No dia 15 o procurador da câmara municipal pediu vista de uns autos de despejo que contra a mesma promove João de tal, alemão, a quem se deve perto de 300$000 reis de aluguel da casa em que a câmara celebra suas sessões. Foi-lhe determinado que juntasse documentos para poder correr a discussão da causa nos próprios autos. O procurador da câmara apresentou o traslado da escritura desse contrato que em 1859 foi celebrado e assinado por Antônio Pereira Liberato, Joaquim Pereira Liberato e Manoel José Pereira Máximo, pelo qual se obrigaram esses três Srs. a pagar os alugueis de uma casa para nela funcionar a câmara da nova Vila de Itajaí, até que se edificasse casa própria para tais funções municipais, condição esta imposta pela respectiva lei provincial que a criou. Este traslado consta estar sem as formalidades exigidas em direito; isto é, falta de data e o mês em que teve lugar esse contrato. A mesma falta consta do livro de notas do Escrivão! E que tal!... Como é que se dão estas cousas lá no Itajaí? Quem quiser que adivinhe. Estamos todos na expectativa do desfecho desse drama. Há quem preveja que a

Vista de Itajaí, 1884. Pintura de H.C. Acervo: FGML/CDMH.

> municipalidade será a prejudicada, se o credor souber defender bem o seu direito, ao contrário o prejuízo será deste.

O promitente Manoel José Pereira Máximo, que se elegera vereador para a primeira Câmara Municipal em mandato curto de apenas um ano, de fato, sendo comerciante de poucos recursos, julgou lhe ser mais conveniente encerrar seu comércio de minguados ganhos e aceitar o emprego público de procurador da Câmara Municipal, passando a viver dos módicos vencimentos do cargo.

Já o segundo promitente, Joaquim Pereira Liberato, que de acordo com Marcos Konder se ausentara do município, em verdade, havia enfrentado enorme problema financeiro e familiar. Comerciante, fora dono do veleiro Adelaide, detivera o primeiro contrato de fornecimento de víveres para os imigrantes da Colônia Itajaí/Brusque, no entanto, gestor temerário, entrou em decadência financeira. Ele era casado com uma filha do Tenente-Coronel José Henriques Flôres, portanto, irmã da mãe de Marcos Konder e sua tia. Ante a iminência da bancarrota financeira, Joaquim Pereira Liberato inesperadamente se ausentou de Itajaí em 1864, deixando a mulher com o sogro. Eles não tiveram filhos. O desaparecimento dele causou grande alvoroço na Vila de Itajaí e muita repercussão na imprensa de Santa Catarina. Dizia-se que fora para a Argentina; que tivera o acobertamento do sogro, que por isso chegou a ser preso. Mas o sogro contraditava a dizer que tudo se fizera com a cumplicidade dos irmãos Liberato. O fato foi que o episódio causou o rompimento das relações entre o Tenente-Coronel Flôres e a família Liberato e levou Flôres a se afastar do Partido Liberal, onde militava, passando-se para o Partido Conservador. Em 1869, jornal de Cuiabá deu notícia que Joaquim Pereira Liberato estava a comerciar couros em Mato Grosso e em 1872, já tendo retornado a Itajaí, ele foi absolvido do crime de falência fraudulenta. Seu falecimento ocorreu em fevereiro de 1876; tendo sua viúva contraído novo matrimônio em 1881.

O terceiro promitente, Antônio Pereira Liberato, embora provido de suficientes recursos financeiros, como comerciante de grosso trato que era, julgou-se desobrigado de assumir sozinho o compromisso do pagamento do aluguel. A tomar essa decisão, Antônio Pereira Liberato agia por conta também de questões partidárias da época, pois sendo ele um dos chefes do Partido Liberal, não o animava assim criar facilidades à Câmara Municipal que, no quadriênio seguinte seria dominada pelo Partido Conservador e presidida por seu recente desafeto político José Henriques Flôres.

O montante da dívida com o locatário da casa da Câmara Municipal, segundo o jornal O Despertador, chegava perto de 300 mil reis. Mas não se tem o valor mensal do aluguel para se poder tirar o tempo dessa inadimplência. Todavia, logo depois, quando a Câmara Municipal começou a pagar outros alugueres, esse valor mensal era de 20 mil reis. Então, pode-se concluir que a inadimplência que levara ao despejo da casa de João Schneider deve ter sido de quinze meses ou pouco mais.

Cumprida a ordem de despejo dada pelo Juiz Municipal, Dr. Balbino Cesar de Mello, em dezembro de 1864, a Câmara Municipal deixou aquela primeira casa em que esteve instalada desde 15 de junho de 1860 e foi se abrigar, *pro tempore*, na exígua sala da meia-água em que

residia seu secretário e mestre-escola Manuel Joaquim da Silva Soeiro, que generosamente havia feito a oferta.

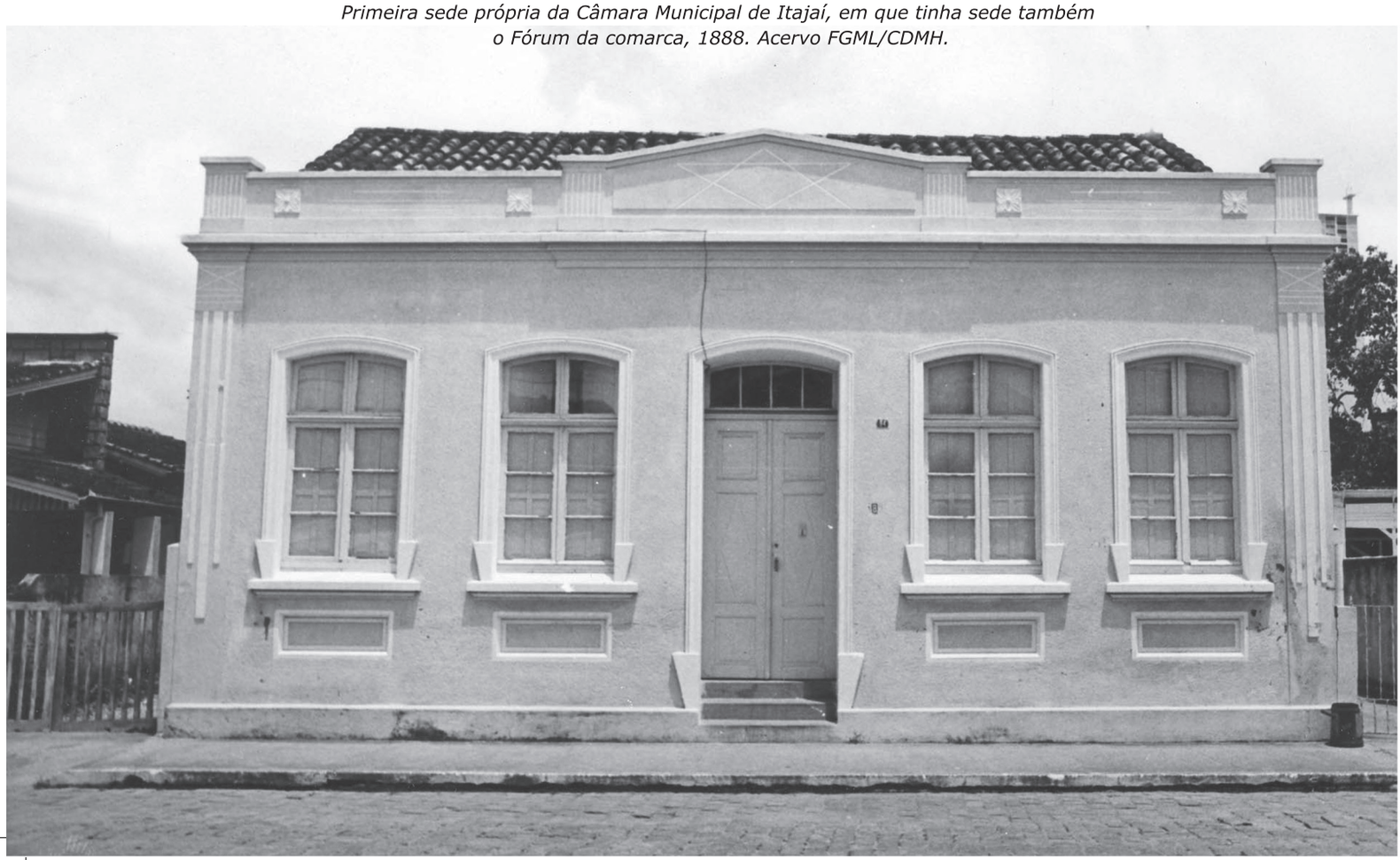
Fontes e bibliografia:

Arquivo Público de Itajaí/Fundação Genésio Miranda Lins – Coleção jornal O Pharol
Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina – Hemeroteca Digital
Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital
D´Ávila, Edison. **Pequena História de Itajaí.** 2ª edição. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2018
Esmeraldino, Herval Ângelo. (coord.) **A história do Legislativo** – Câmara de Vereadores de Itajaí – 1860/2012. Itajaí: Câmara de Vereadores de Itajaí, 2012
Konder, Marcos. **Palavras e Realizações do Prefeito Municipal de Itajaí Marcos Konder**. Blumenau: Tipografia e Livraria Blumenauense S/A, s/d
Linhares, Juventino. **O que a memória guardou**. Itajaí: Editora da Univali, 1997
Rothbarth, Marlene Dalva da Silva & Lindinalva Deólla da Silva. **Famílias de Itajaí**: mais de um século de história. Itajaí: Ed. do autor, 2005

Dizeres da Placa a ser colocada no lugar da Primeira Casa da Câmara Municipal:

Neste lugar, em casa que pertencia a João Schneider e já demolida, teve como sua primeira sede a Câmara Municipal e foi instalado a 15 de Junho de 1860 o Município de Itajaí

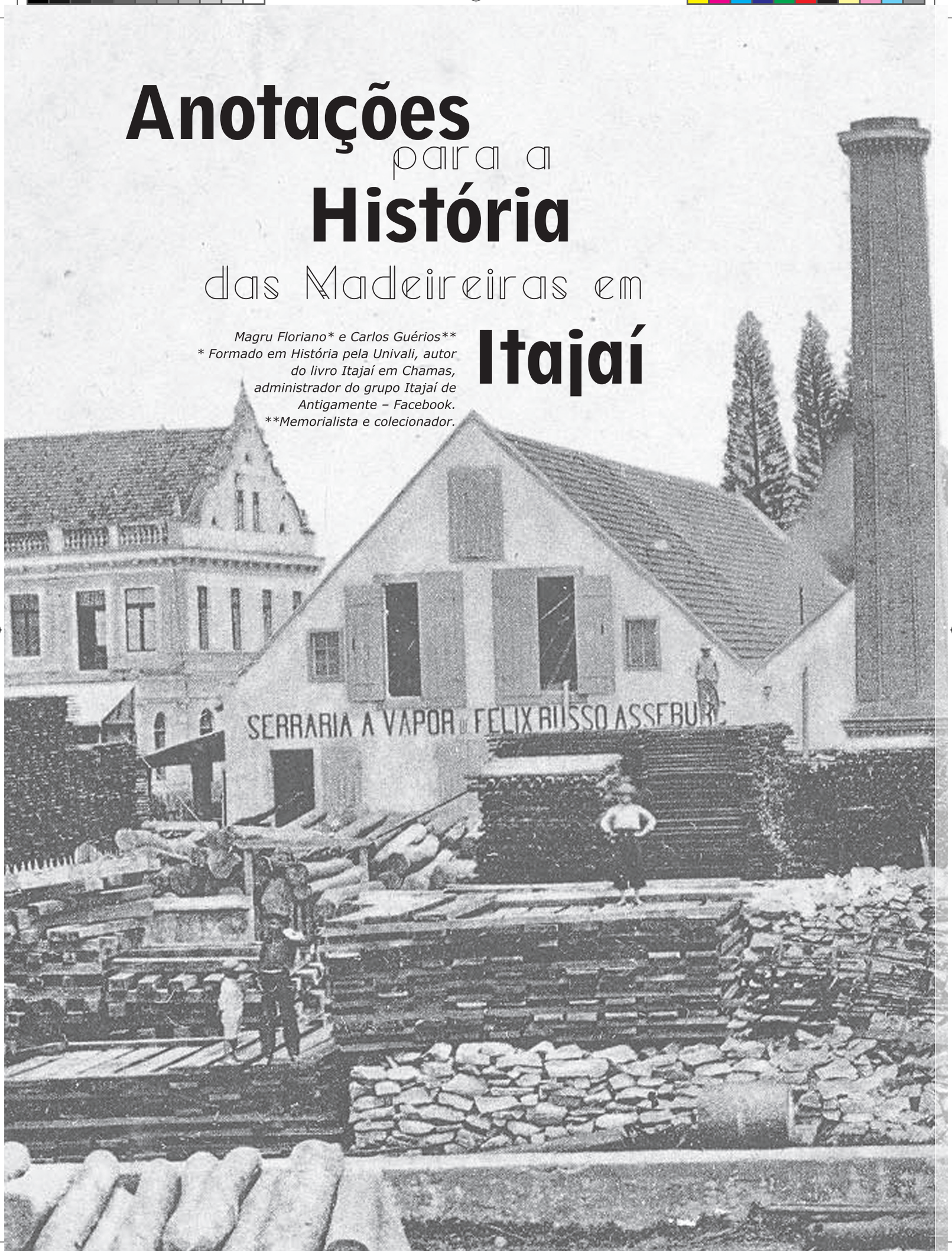
Primeira sede própria da Câmara Municipal de Itajaí, em que tinha sede também o Fórum da comarca, 1888. Acervo FGML/CDMH.



002-Anuario2019-17-144.indd 33 24/05/2021 15:24:22

Anotações para a História das Madeireiras em Itajaí

Magru Floriano e Carlos Guérios***
** Formado em História pela Univali, autor do livro Itajaí em Chamas, administrador do grupo Itajaí de Antigamente – Facebook.*
***Memorialista e colecionador.*



Quem busca na memória os aspectos físicos e econômicos da cidade de Itajaí no século passado geralmente inicia seu relato afirmando que "Itajaí era uma grande madeireira". Em determinado período as pilhas de madeira tomavam conta da paisagem urbana da Fazenda a Cordeiros, do Centro ao Rio Pequeno. Num primeiro esforço para localizar os depósitos e escritórios de empresas exportadoras de madeira inventariamos as empresas por rua, sendo que no final desse inventário nominamos as empresas que ainda não conseguimos determinar sua localização exata. Vale registrar que muitos endereços abrigavam depósitos e escritórios de mais de uma empresa, como um empresário ou grupo empresarial também podia deter o domínio de mais de uma marca de fantasia ou empresa, tornando o mapeamento do setor bastante dificultado nos dias atuais, principalmente por apresentarem pequenas variações nos seus respectivos nomes. Muitas empresas também foram mudando de nome e razão social.

O objetivo dessa pesquisa documental e de campo é localizar na geografia da cidade de Itajaí os depósitos e escritórios das empresas exportadoras de madeira, com o inventário final servindo de referência para futuras pesquisas sobre a história das madeireiras em Itajaí. Nesse sentido, a publicação dessas anotações iniciais tem o objetivo de incentivar as pessoas envolvidas com o setor madeireiro a auxiliar na identificação daquelas empresas que ainda estão sem o devido endereço na cidade de Itajaí e corrigir eventuais falhas das informações que foram colhidas em depoimentos pessoais, jornais integrantes da hemeroteca da Fundação Genésio Miranda Lins, além de milhares de documentos disponibilizados pela Fundação Soto.

Quem desejar contribuir com esse inventário pode enviar informações para o endereço digital: magrufloriano@gmail.com com o título MADEIRA.

Segue o inventário:

Rua Albino Gugelmin

65 - FORNECEDORA E EXPORTADORA DE MADEIRAS FOREX LTDA. Tem endereço comercial na Rua Albino Gugelmin n.65. No ano de 1961 arrenda a Fábrica de Caixas Mixtas da empresa IRMÃOS GRACIA S/A localizada na Rua Silva n. 152.

Observação: Também encontramos referências à empresa FORNECEDORA E EXPORTADORA DE MADEIRAS FOREX S/A que possui matriz no Rio de Janeiro. Aqui em Itajaí tem depósito na Rua Silva n. 152. Responsável pela marca MAFOREXMA. [Data referência: 1961-1962].

65 - MADEIREIRA & METALÚRGICA ARCO ÍRIS LTDA – industrial e exportadora. Proprietária da marca ARCO-ÍRIS. Mantém matriz em Lajes com filial em Itajaí na Rua Albino Gugelmin n. 65. Diretor: Noé P. da Silva.

Observação: Também temos referência à empresa MADEIREIRA ARCO ÍRIS com sede na Rua Felipe Reiser, sendo seu proprietário Fortunato Marin.

Serraria a vapor da empresa Asseburg & Cia., 1915. Acervo: FGML/CDMH.

002-Anuario2019-17-144.indd 35 24/05/2021 15:24:25

98 - GUGELMIN S/A. Com sede na Rua Albino Gugelmin n. 98.

Observação: Temos referências também à empresa GUGELMIN S/A COMÉRCIO E INDUSTRIA.

98 - INDÚSTRIAS RIO BONITO S/A. Mantém a matriz na cidade de Lages e secção de embarques em Itajaí na Rua Albino Gugelmin n. 98. Diretores: Albino Gugelmin, Sebastião Hélio Gugelmin, Eloy Gugelmin, Alceu Gugelmin, Luiz Claudio Gugelmin, Silvio Braz Gugelmin, Oscar Eugenio Maes. Detentora da marca IMARIBO.

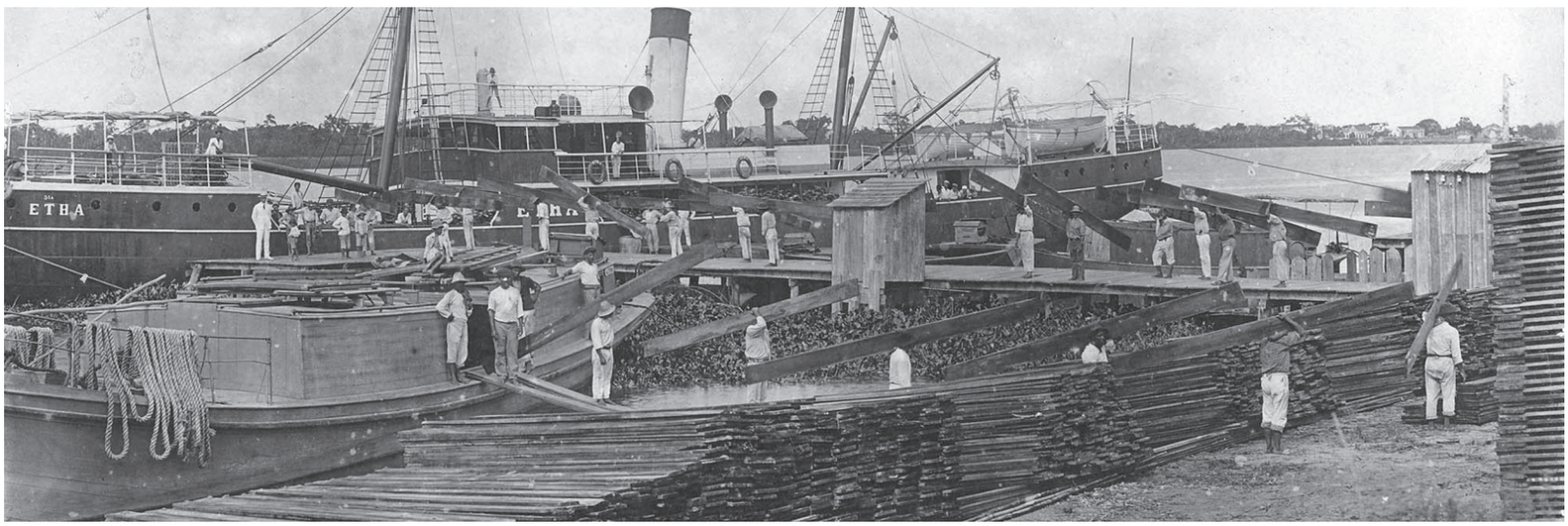
Observação: Temos referências à empresa INDÚSTRIAS DE MADEIRAS RIO BONITO S/A.

Rua Alfredo Eicke

13 - R. KAVANACH COMÉRCIO EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS. Mantém sede na Rua Alfredo Eicke n. 13.

77 - A. C. MOREIRA & BASTOS. Fundada no ano de 1959 pelos empresários Antônio Célio Moreira e Dourival Bastos. No ano de 1960 a empresa muda o nome para MOREIRA BASTOS & CIA admitindo os sócios Olívio Ataliba Steigleder, Oswaldo João Custódio e Raimundo José Ambrósio Brandt. Exporta madeira serrada e beneficiada de pinho, de lei e qualidade pelos portos de Itajaí, São Francisco do Sul e Florianópolis. No ano de 1965 adquire a serraria Irmãos Massignan & Cia. Até 1965 seu endereço comercial está estabelecido à Rua Coronel Eugênio Müller s/n. Detentora da marca MADEIRAL.

OBS: Também encontramos o nome da empresa como MOREIRA BASTOS & CIA – INDÚSTRIA, COMÉRCIO E EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS. Matriz na Rua Alfredo Eicke 77. Depósitos em Lajes, Curitibanos, Itajaí. [Data referência 1959-1970].



Trapiche de Felipe Reiser, Itajaí, s/d.
Acervo: FGML/CDMH.

Rua Alfredo Trompowski

84 - HILÁRIO FUCK & CIA – EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS. Depósito na Rua Alfredo Trompowski n. 84. Também mantém depósito defronte ao porto de Itajaí na Avenida Coronel Eugênio Müller. [Data referência 1983].

Madeireira da Cia. Malburg, Itajaí, 1919. Acervo: FGML/CDMH.

Rua Andrade Müller / José Eugênio Müller

00 – UNIDA COMPANHIA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE MADEIRAS. Com sede na Rua Andrade Müller s/n. Vendida para MADEBIL no ano de 1962.

108 - MADEIRAS PAU BRASIL. Mantém sede na Rua Andrade Muller n. 108. Proprietário: Alfred Hoffmann.

136 - LEOPOLDO ZARLING MADEIRAS S/A. Com sede na Rua Andrade Müller n. 136.

Rua Benjamim Franklin Pereira

166 - PRODUTORA DE PINHO LTDA. Detentora da marca PROPINHO com sede na Rua Benjamim Franklin Pereira n. 166. Diretor: Arnildo Otto Ko Freitas. Gerente: Manuel Pinheiro dos Santos.

180 - G. H. ADLERSBERG & CIA LTDA. Empresa fundada no ano de 1950 por Gustav H. Adlersberg, tendo como sócios Paulo Konder Bornhausen e José Ademar Procopiak. Mantém escritórios em Joinville e Curitibanos. Em Itajaí a empresa esta localizada na Rua Benjamim Franklin Pereira n. 180/200.

180 - MADEIREIRA VILA LTDA. Detentora da marca MADEVILA com sede na Rua Benjamin Franklin Pereira n. 180. Diretor: Rogério Philippi. No mesmo endereço também encontramos referências à empresa ROGÉRIO PHILIPI MADEIRAS. Já a empresa ROGÉRIO PHILIPPI & CIA LTDA também tem endereço na Rua Indaial n. 2005.

262 - SANTOS ALMEIDA S/A – INDÚSTRIA, COMÉRCIO E EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS. Detentora da marca SANALMA. Sede de Itajaí na Rua Benjamim Franklin Pereira n. 262. Matriz em Capinzal. Diretor: Getúlio A. Costa.

Rua Bernardino João Vitorino

20 - IRMÃOS VITORINO LTDA. Com sede na Travessa Bernardino João Vitorino n. 20.

00 - BORNHAUSEN E CIA. Possuí escritório à Rua Pedro Ferreira n. 26 e depósitos à Rua Blumenau. Promove despachos para empresas exportadores de madeira sem depósito em Itajaí e mantém representação da empresa seguradora Minas Brasil.

00 - INDUSTRIA E COMÉRCIO MADEIRAS DOUAT. Mantém sede na Rua Blumenau s/n. Também temos referência à empresa MADEIREIRA DOUAT S/A proprietária da marca DOUAT. Fundada em 1932. Tem sede principal no Rio de Janeiro com sucursais em São Francisco do Sul, Itajaí e Caçador; depósitos em Porto União, Lajes, Curitibanos, Mafra. Diretor Gerente Ernani de Menezes. Atuava na produção, beneficiamento e exportação de madeira.

00 - M. LEPPER S/A. Com sede na Rua Blumenau s/n. Encontramos referência também ao nome M. LEPPER & CIA S/A.

41 - INDUSTRIA E COMERCIO DE MADEIRAS S/A. Sua sede está estabelecida na Rua Blumenau n. 41, tendo como diretores Leopoldo Zarling e Ourival Cesário Pereira. Mantém loteamentos a cargo de Aristides Zans; fábrica de esquadrias a cargo de Ewaldo Grahl; depósito em Rio do Sul a cargo de Fritz Olson e em Ibirama a cargo de Leopoldo von Barascki. Produz tacos, forros, assoalhos e rodapés. Responsável pela marca ZARLING. Mantém filial no Rio de Janeiro. [Data referência: 1958/1959].

99 - PAGNOCELLI & HACHMANN S/A. Detentora da marca SERRAFITA. Matriz em Capinzal e filial em Itajaí na Rua Blumenau n. 99. Diretor: Ernesto Laury Hachmann.

166 - UNIDA – CIA INDUSTRIAL COMERCIAL DE MADEIRAS. Detentora da marca UNIDA, com matriz em Blumenau e filial em Itaiópolis. Sede de Itajaí na Rua Blumenau n. 166. Procurador: Adalberto Sedrez. Proprietária de fábrica de caixas de madeira e serraria de madeira de canela.

175 - MADEIRAS BENEFICIADAS ITAJAÍ LTDA. Detentora da marca MADEBIL com sede na Rua Blumenau n. 175. Mantém fábrica de caixas, madeiras em geral, e produtos beneficiados de madeira. No ano de 1958 compra a UNIDA COMPANHIA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE MADEIRAS com duas unidades localizadas na Rua Blumenau e Rua Andrade Müller. Proprietários: Julio Odebrecht, Hans Rodolfo Odebrecht, Arécio Ávila dos Santos, Alfredo Iten. No ano de 1962 muda a razão social para MADEIRAS BENEFICIADAS ITAJAI S/A. [Data referência 1958-1962].

183 - EXPORTADORA CASTELLI PASINI S.A. Possuí matriz em Curitiba e filial na Rua Blumenau n. 183. Diretores: João Gazziero, Orcindo Castelli, Helmuth Weingraber. Na década de 1950 a empresa sofre com a ocorrência de um dos maiores incêndios em madeireiras de Itajaí. Exporta preferencialmente madeira de pinho dos campos do Paraná. Detentora da marca CASTELLI.

205 - INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MADEIRAS BATISTELLA S.A. Proprietária da marca BATTISTELLA com matriz em Lages. A filial de Itajaí está localizada na Rua

Blumenau n. 205, tendo como procurador Nivaldo F. Nogara e depositário/embarcador J. Antunes Santos. O endereço da empresa também aparece como sendo na Rua Blumenau 133.

310 - AGROMAR S/A – INDÚSTRIA E COMÉRCIO AGRÍCOLA E MARÍTIMO. Mantém sede à Rua Blumenau 310/312.

340 - INDÚSTRIAS DE MADEIRAS PRATENSE LTDA. Detentora da marca PRATENSE. Mantém depósitos em Nova Prata, Lagoa Vermelha, Vacaria, Lajes e matriz no Município de Lajes. A filial de Itajaí opera na Rua Blumenau n. 340/342. Diretor: Antônio Luiz Ternes. Exporta madeira de pinho serrada e beneficiada pelos portos de Itajaí, Florianópolis e São Francisco do Sul. [Data referência: 1961]. Também encontramos o nome INDÚSTRIA DE MADEIRAS PRATENSE LTDA.

625 - MANOEL DORVAL DA COSTA. Mantém sede na Rua Blumenau n. 625.

2174 - MADEIREIRA BITTENCOURT. Mantém sede na Rua Blumenau n. 2174.

2174 - MADEIREIRA REUNIDA LTDA. Mantém escritório na Rua Blumenau 2174 e secção de embarque na Rua Felipe Reiser n.63. Detentora da marca MAREL. Diretor: Cedi F. Zadra. Matriz no município de Lages. Exportação de madeira serrada, aplainada, beneficiada. Encontramos também referência à marca MARELA.

Avenida Coronel Eugênio Müller

00 - A. C. MOREIRA & BASTOS.

00 - HILÁRIO FUCK & CIA – EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS. Depósito na Rua Alfredo Trompowski n. 84. Também mantém depósito defronte ao porto de Itajaí na Avenida Coronel Eugênio Müller. [Data referência 1983].

Rua Felipe Reiser

00 – EUCLIDES LEIRIA & CIA LTDA.

00 – MADEREIRA ARCO ÍRIS. Mantém sede na Rua Felipe Reiser, sendo proprietário Fortunato Marin. Temos referência também à empresa MADEIREIRA & METALÚRGICA ARCO ÍRIS LTDA – INDUSTRIAL E EXPORTADORA. Proprietária da marca ARCO-ÍRIS. Mantém matriz em Lajes com filial em Itajaí na Rua Albino Gugelmin n. 65. Diretor: Noé P. da Silva.

63 - DELLIO MARODIN & CIA. Tem sede na Rua Felipe Reiser n.63.

Trapiche de carga/descarga de madeira. Itajaí, 1927. Acervo: FGML/CDMH.

63 - MADEIREIRA REUNIDA LTDA. Proprietária das marcas MAREL e MARELA. Matriz em Lages, secção de embarque em Itajaí na rua Felipe Reiser n. 63. Sócio Cedi F. Zadra. Comércio e exportação de madeira serrada, aplainada e beneficiada em geral. O escritório da empresa funciona na Rua Blumenau 2174.

69 - L. SCHMAEDECKE LTDA. Mantém matriz em Lajes, com escritório e depósito em Itajaí na Rua Felipe Reiser n. 69. Detentora da marca MAPINHO. Também encontramos o nome L. SCHMAEDECK & CIA LTDA. Produtor e beneficiador de madeira de pinho com serrarias próprias.

89 - MADEIREIRA ITAJAIENSE LTDA. Proprietária da marca STERENE com sede na Rua Felipe Reiser n. 89. Diretor: Balduíno Fabris.

89 - SOUZA EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS LTDA. Detentora da marca SEMAL com sede na Rua Felipe Reiser n. 89. Diretor Nelson Farias de Souza.

93 - MADEIREIRA BROCHMANN POLLIS S/A. Mantém sede na Rua Felipe Reiser n. 93. Mantém matriz em Curitibanos, com filiais em Erechim e Itajaí. Diretor: Natalino Talegnani. Também encontramos referência ao nome MADEIREIRA BROCHMANN, POLIS S/A. Detentora da marca MABROSA. Produção, beneficiamento e exportação de madeira.

139 - SAREL ADMINISTRAÇÃO REPRESENTAÇÃO EXPORTAÇÃO S.A. Detentora da marca SAREL com sede na Rua Felipe Reiser n. 139. Diretores: Abílio Paim da Silveira, Aron Birmann, Assis Litvin, Henrique Sirotsky, Isaac Birmann.

139 - SIBISA – SIROTSKY BIRMANN S.A. Mantém filial em Itajaí na Rua Felipe Reiser n. 139. Procurador: Abílio Paim da Silveira.

147 - KARL VEIT & CIA LTDA. Mantém sede na Rua Felipe Reiser n. 147.

159 - INDÚSTRIA DE MADEIRA RIO BONITO S/A. Localizada na Rua Felipe Reiser n. 159. Também encontramos o nome de INDUSTRIA DE MADEIRAS RIO BONITO LTDA. Referência da empresa também na Rua Albino Gugelmin. Proprietária da marca IMARIBO.

173 - MADEIREIRA MARCELINENSE S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Mantém sede na Rua Felipe Reiser n. 173. Diretores: Manoel C. Moreira Filho e Alfredo Italo Remor. Matriz em Joaçaba, escritório São Paulo, depósito e fábrica de beneficiamento e caixaria em Curitibanos; secção de embarque Itajaí e São Francisco do Sul. Também encontramos referências à empresa MADEREIRA MARCELINENSE LTDA.

173 - MANOEL CANDIDO MOREIRA, FILHO – MADEIRAS. Mantém sede na Rua Felipe Reiser n. 173.

173 - REMOR S/A – INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Detentora da marca REMOR, com filiais em São Francisco do Sul e Itajaí. Em Itajaí mantém a sede na Rua Felipe Reiser n. 173. Procurador: Manoel Cândido Moreira Filho.

Empresa Bauer S.A., Itajaí, 1940. Acervo: FGML/CDMH.

Rua Felipe Schmidt

91 - MAX WHIRT S/A – COMISSÁRIA MERCANTIL. Mantém sede na Rua Felipe Schmidt n. 91.

Rua Florianópolis

00 – EXPORTADORA DE MADEIRA LUBEVI LTDA localizada na Rua Florianópolis s/n. Encontramos também o nome de EXPORTADORA DE MADEIRAS LUBEVI. Possuí matriz localizada na Rua Silva n. 334/338 e depósito na Rua Kobarg s/n. Também possuía depósitos nos municípios de Curitibanos e Rio do Sul, além de escritório em São Paulo. A empresa está associada às marcas MADEPIN e LUBEVI. Diretor: Bento Guilherme Pereira. Há referências à empresa EXPORTADORA MADPIN LTDA.

Rua Herbert Kraemer

99 - COESA – COMERCIAL E EXPORADORA S/A. Possuía filiais em Passo Fundo e Lajes, com matriz a Rua Herbert Kraemer n.99. Sócios-diretores: Florisvaldo Diniz, Nilton Sell, Valdir Sell. Serraria própria em Capão Alto – Lages.

Rua Hercílio Luz

15 - FEGA S.A. – COMÉRCIO, INDÚSTRIA E EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS. Possui escritórios na Rua Hercílio Luz n. 15, 3º andar, sala 01. Diretores: Júlio Guidi, Armando Balbinot. Gerente: Armin Luiz Erpen.

15 - FEMABRA LIMITADA – EXPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE MADEIRAS E PALMITOS. Estabelecida na rua Hercílio Luz n. 15, 2º andar. Sócios: Arno Eugen Genehr, Plinio Eugenio Genehr, Gerhard Jatho. Gerente: Armin Luiz Erpen. [Data referência: 1962]

109 - LUIZ G. VALENTE MADEIRAS S/A. Mantendo escritório de representação na Rua Hercílio Luz n. 109. Encontramos referência ao nome LUIZ G. A. VALENTE S/A.

002-Anuario2019-17-144.indd 41 24/05/2021 15:24:27

Madeireiras na Rua Blumenau, Itajaí, 1958. Acervo: FGML/CDMH.

Rua Herta Thieme

00 - AGRO INDUSTRIAL ANITA GARIBALDI MADEIRAS DE PINHO LTDA. Com matriz em Porto Alegre, exporta madeira de pinho serrada, ripas e sarrafos, quadradinhos e cabos de vassoura. Tem como sócios-diretores Ernesto Gaspary e Plinio Paese. No ano de 1962 o representante nos portos de Itajaí e São Francisco do Sul é Raymundo Brandt, sendo que em 1963 passa a responder pela empresa no porto de Itajaí Luiz José Stringari. Pertence ao grupo empresarial Lumberking. Também encontramos seu nome publicado como CIA AGRO INDUSTRIAL ANITA GARIBALDI tendo o nome fantasia CIANITA. [Data referência 1956-1965].

00 - FIORAVANTE PAESE & FILHOS LTDA. Propriedade dos empresários Fioravante Paese, Santo João Paese, Laurindo Paese, Plinio Paese, Nelson Paese, Celso Pedro Paese, tendo a matriz no município gaúcho de Lagoa Vermelha. Monta uma filial em Itajaí no ano de 1958. Em 1961 muda sua razão social para F. PAESE S.A – AGRICULTURA, COMÉRCIO E INDÚSTRIA. Exportação de madeira de pinho serrado, ripas e sarrafos, quadradinho, cabos de vassoura. Luiz José Stringari é nomeado procurador em 1963. Encontramos referência também ao endereço na Travessa Herta Thieme s/n. [Data referência: 1952-1963].

00 - INDÚSTRIA E EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS F. LUERSEN. Detentora da marca LUAR com sede na Rua Herta Thieme s/n. Mantém matriz em Curitibanos. Diretores: Frederico Luersen, Arno Emílio Luersen, Ary Oscar Luersen. Também encontramos referências à empresa IRMÃOS LUERSEN localizada na Rua José Pereira Liberato localidade Rio Pequeno.

Praça Irineu Bornhausen

54 - EXPORTADORA S. VITORIO LTDA. Escritório localizado na Praça Irineu Bornhausen n. 54.

54 - OLIVIO ATALIBA STEIGLEDER MADEIRAS. Mantém sede na Praça Irineu Bornhausen n. 54.

Madeireiras na Rua Blumenau, Itajaí, 1958. Acervo: FGML/CDMH.

Rua João Pessoa / Avenida Sete de Setembro

06 - IRMÃOS RODI LTDA. Com sede na Avenida João Pessoa n. 6/8. Produz e comercializa forros, frontal, aplainados, cantoneiras (meia Calha), rodapés, assoalhos, cimalhas, vistas, sarrafos, mata juntas, compensados, portas. Detém a marca IRMARODI.

35 - ORGANIZAÇÃO DE MADEIRAS MICHELS LTDA. Detentora da marca RIOMICHELS. Possui matriz no Rio de Janeiro, com filial na Rua Uruguai 228. Depósitos: Encruzilhada, Curitibanos, Itajaí. O escritório esta estabelecido na Rua João Pessoa n. 35.

Rua José Bonifácio Pinto

00 - MADEIREIRA IRMÃOS PINTO LTDA. Mantém sede na Rua José Bonifácio Pinto s/n.

Rua José Pereira Liberato

00 – IRMÃOS LUERSEN. Com sede na Rua José Pereira Liberato, localidade de Rio Pequeno. Também encontramos referências à empresa INDÚSTRIA E EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS F. LUERSEN localizada na Rua Herta Thieme s/n.

00 – INDÚSTRIA E COMÉRCO DE MADEIRAS CARDOSO. Diretor: Hermógenes Cardoso.

00 - LUERSEN INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MADEIRAS. Detentora da marca LUBACIL, com matriz em Lajes e sede em Itajaí na Rua José Pereira Liberato, localidade Rio Pequeno. Diretores: Bruno, Mario e Alseno Luersen, José Augusto de Negreiros.

147 - IRMÃOS MENEGATI LIMITADA INDÚSTRIA, COMÉRCIO E EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS. Detentora da marca MENEGATI, tendo sedes em Itajaí,

002-Anuario2019-17-144.indd 43 24/05/2021 15:24:27

Madeireiras na Rua Coloninha, Itajaí, 1958. Acervo: FGML/CDMH.

Erechim e Curitibanos. Em Itajaí a sede fica localizada na Rua José Pereira Liberato n. 147. Diretores: Oreste, Antônio, Domingos, Batista, Alcides e Aldo Menegati.

147 - INDUPINHO INDÚSTRIAS SUL PINHO LTDA. Atua no ramo de exportação de madeira, representações, transporte e agricultura. A sede de Itajaí fica localizada na Rua José Pereira Liberato n. 147. Responde pelas marcas INDUPINHO e ADELE. Seu principal diretor é Alcides Menegati.

914 - INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MADEIRAS RHENNS LTDA. Tem sede na Rua José Pereira Liberato 914 – Bairro São João.

1389 - MADEIREIRA IRMÃOS RENNES. Mantém sede na Rua José Pereira Liberato n. 1389, Bairro São João.

Rua Max

00 - IRMÃOS FERREIRA. Mantém fábrica de tacos na Rua Max s/n.

Rua Navita / Hélio Douat De Meneses

55 - ARMINDO SCHMITT & CIA ou ARMINDO SCHMITT & CIA LTDA. Possuía matriz no Município de Lajes e secção de embarque e despacho em Itajaí à Rua Navitta s/n. Endereço telegráfico ARAÇA. Também encontramos referências à empresa COMÉRCIO E EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS SCHMITT & FILHOS LTDA na Rua Navita n.55. Sócio-gerente Armindo Schmitt.

Rodovia Osvaldo Reis

00 - ZADRA EXPORTADORA LTDA. Detentora da marca ZADRA com sede na Rodovia Osvaldo Reis s/n – Bairro Guadalajara [Fazenda].

002-Anuario2019-17-144.indd 44 24/05/2021 15:24:28

Rua Pedro Ferreira

04 - MADEIREIRA GETULIENSE LTDA. Mantém escritório de representação na Rua Pedro Ferreira n. 4.

26 – BORNHAUSEN & CIA. Mantém escritórios na rua Pedro Ferreira n. 26 e armazéns na Rua Blumenau.

142/146 – MIRANDA PROBST & CIA LTDA. Exportação e importação. Detentora da marca GUIDO.

Avenida Reinaldo Schmithausen

00 - INDÚSTRIA E COMÉRCIO MICHELS GUIDI LTDA. Proprietária da marca MIGUI. Diretor: Artur Henrique Michels. Exportação de madeira de pinho e de lei. Depósito no Bairro Cordeiros.

00 - MADEIREIRA CAÇADORENSE S/A – COMÉRCIO INDÚSTRIA E EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS. Mantém sede na Avenida Reinaldo Schmithausen, Bairro Cordeiros. Diretores: Milton Comazzetto, Egon Müller.

00 - VIBAMA – VILA BÁRBARA MADEIRAS. Mantém sede na Avenida Reinaldo Schmithausen e, depois, na Avenida Governador Irineu Bornhausen [Caninana].

Rua Samuel Heusi

00 – MADEREIRA PIAZERA LTDA. Mantém depósito na Rua Samuel Heusi e matriz na Rua Tijucas n. 20 / Avenida Marcos Konder.

Rua Silva / Heitor Liberato

00 - EXPORTADORA DE MADEIRAS LUBEVI. Possuía matriz localizada na Rua Silva n.334/338 e depósito na Rua Kobarg s/n. Também possui depósitos nos municípios de Curitibanos e Rio do Sul, além de escritório em São Paulo. A empresa está associada às marcas MADEPIN e LUBEVI. Também encontramos o nome EXPORTADORA DE MADEIRA LUBEVI LTDA tendo como sede a Rua Florianópolis s/n. Diretor: Bento Guilherme Pereira.

148 - IRMÃOS GRACIA MADEIRAS S/A. Com sede localizada na Rua Silva n. 148. No período compreendido entre os anos de 1958 e 1960 arrenda a Fábrica de Caixas e Beneficiamento Mixta que possui em Itajaí para a empresa FORNECEDORA E EXPORTADORA DE MADEIRAS FOREX S.A. Também encontramos o nome da empresa grafado como IRMÃOS GRACIA S/A – INDUSTRIA DE MADEIRAS. A matriz da empresa encontra-se na cidade de Curitiba, tendo como diretor-presidente Ernesto Gracia.

152 - FORNECEDORA E EXPORTADORA DE MADEIRAS FOREX S/A. Possuí matriz no Rio de Janeiro, depósitos Rio de Janeiro / Curitibanos / Itajaí. Aqui em Itajaí tem depósito na Rua Silva n. 152. Responsável pela marca MAFOREXMA. No ano de 1961 arrenda a Fábrica de Caixas Mixtas da empresa IRMÃOS GRACIA S/A localizada na Rua Silva n. 152. Também encontramos o nome FORNECEDORA E EXPORTADORA DE MADEIRAS FOREX LTDA com endereço à Rua Albino Gugelmin n. 65. [Data referência: 1961-1962].

Rua Tijucas

07 - INDÚTRIAS REUNIDAS MAIRÁ S/A. Mantém sede na Rua Tijucas n. 7.

15 - MADEIREIRA SICOBRAS S.A. Detentora da marca SICOBRAS. Também encontramos referência à empresa SICOBRAS – COMÉRCIO, INDÚSTRIA E EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS. Sede na Rua Tijucas n. 15/20. Diretor-gerente Joseph Lindig, diretor-adjunto Rudi Dräger. [Data referência: 1960-1961].

20 – MADEREIRA PIAZERA LTDA. Mantém sede na Rua Tijucas n. 20, com saída também para a Avenida Marcos Konder. Tem depósito na Rua Samuel Heusi. Inicialmente a empresa era denominada de PIAZERA IRMÃOS LTDA. No decorrer dos anos, devido às facilidades de acesso, o escritório passou a atender pela Avenida Vasconcelos Drummond, atual Avenida Marcos Konder.

30 - ALIANÇA INDUSTRIAL COMERCIAL LTDA. Beneficiava madeiras na produção de esquadrias, móveis, estofados, colchões. Mantinha sede à Rua Tijucas n.30/32. [Data referência 1957-1959].

48 - CATEI S/A – COMÉRCIO, ADMINISTRAÇÃO, TRANSPORTE, EXPORTAÇÃO E INDÚSTRIA. Matriz em Curitiba e representação em Itajaí à Rua Tijucas n.48.

48 - ROMANO MASSIGNAM S/A – INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MADEIRAS. Mantém matriz em Joaçaba, com filiais em Itajaí, São Francisco do Sul e São Paulo, entreposto de madeira em Curitibanos e Jaguaré-SP. Possui fábrica de caixas, aplainados e beneficiamento de madeiras em geral, moinho de trigo com a marca de farinha INDÚ. Tem sede em Itajaí na Rua tijucas n. 48.

73 - RAUL RIGGENBACH. Mantém sede na Rua Tijucas n.73. Atende também com a marca LUAR.

73 – INDÚSTRIAS REUNIDAS MAIRÁ S/A. Escritório de representação na Rua Tijucas n. 73.

Rua Uruguai

000 – INSTITUTO NACIONAL DO PINHO – Mantém escritório central e grande área à margem da ferrovia visando atender as empresas exportadoras sem depósito de madeira em Itajaí.

228 - COMERCIAL EXPORTADORA MICHELS LTDA. Possuía escritório na Rua João Pessoa n.35 e depósitos na rua Uruguai n.228. Endereço telegráfico SACOMEX. Diretores Bertoldo Michels e Henrique Michels Júnior. Exporta madeira de lei e pinho, tendo depósito em curitibanos e Santa Cecília. Também encontramos referência à empresa COMÉRCIO E EXPORTAÇÃO MICHELS LTDA.

228 - ORGANIZAÇÃO DE MADEIRAS MICHELS LTDA. Detentora da marca RIOMICHELS. Possui matriz no Rio de Janeiro, com filial na Rua Uruguai 228. Depósitos: Encruzilhada, Curitibanos, Itajaí. O escritório esta estabelecido na Rua João Pessoa n. 35.

Empresas sem endereço conhecido:

ANNIBAL & CIA LTDA

CHIARADIA & SCHMAEDECK LTDA.

CIA MADEIREIRA SANTO AMARO INDÚSTRIA E COMÉRCIO – CIANA – Florianópolis, Lajes. Diretores: Helmuth Fett, Milton Fett, Murilo Rodrigues.

CIA NOVOSUL – Indústria, comércio, administração Lumerking, Porto Alegre. Itajaí e Lages.

CIA PINHEIROS INDÚSTRIA E COMÉRCIO.

CIA SANTO AMARO CIAMA.

CIESB CIA IMPORT. E EXPORT. SUL BRASIL – SULBRASIL – Curitiba – diretores: Hilário Henrique Fuck, Paulo João fuck, alfredo F. Kugler.

COMÉRCIO DE MADEIRAS BLUMENAUENSE LTDA

COMETEX S/A

ERNESTO FITSC.

EUCLIDES LEIRIA & CIA LTDA.

GUIDI ERPEN & CIA.

IMOBILIÁRIA COM. EXP. LTDA.

IMPORTAÇÃO EXP. PINABRA S/A

INCAMEX IMP. EXP. LTDA.

INDÚSTRIA COMÉRCIO DE MADEIRAS TUPINAMBÁ LTDA

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MADEIRAS SANTA CATARINA

INDUSTRIA ITAIPAVA LIMITADA – Inicia como serraria de madeira de lei na localidade Baía, sendo propriedade de Bento João Rocha e Francisco José Ayroso. É adquirida em 1945, mudando nome e sede para a localidade de Itaipava em 1947.

IRMÃOS ARALDI

IRMÃOS PINTO & CIA LTDA – MADEIRAS EM GERAL. Produtos de madeiras em geral – sócios Luiz Bonifácio Pinto, João Luiz Pinto, Arnaldo Luiz Pinto, Jorge Ciríaco Meirinho – registro na Junta Comercial do Estado de SC a 30 de julho de 1964.

J. SOUZA & CIA LTDA.

JOSÉ ARALDI

MADEIRAS TANGARÁ.

MADEIREIRA BORBA GATO LDA. Vila Operária, depois, São Vicente

MADEIREIRA CAMBORIÚ LTDA.

MADEIREIRA IRMÃOS GRACIA S/A

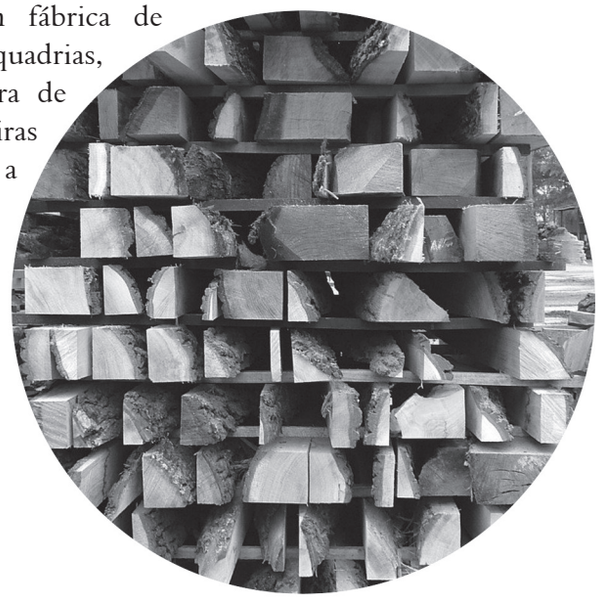
MADEIRENSE DO BRASIL S/A.

MADEREIRA ANIBAL & CIA. Gerente Ivan Martins [1950]

MARONDIN & CIA – INDÚSTRIA COMÉRCIO E EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS EM GERAL. Mantém matriz em Itajaí, com filiais Porto Alegre, Foz do Iguaçu, Curitibanos

SIEL – Rua Blumenau

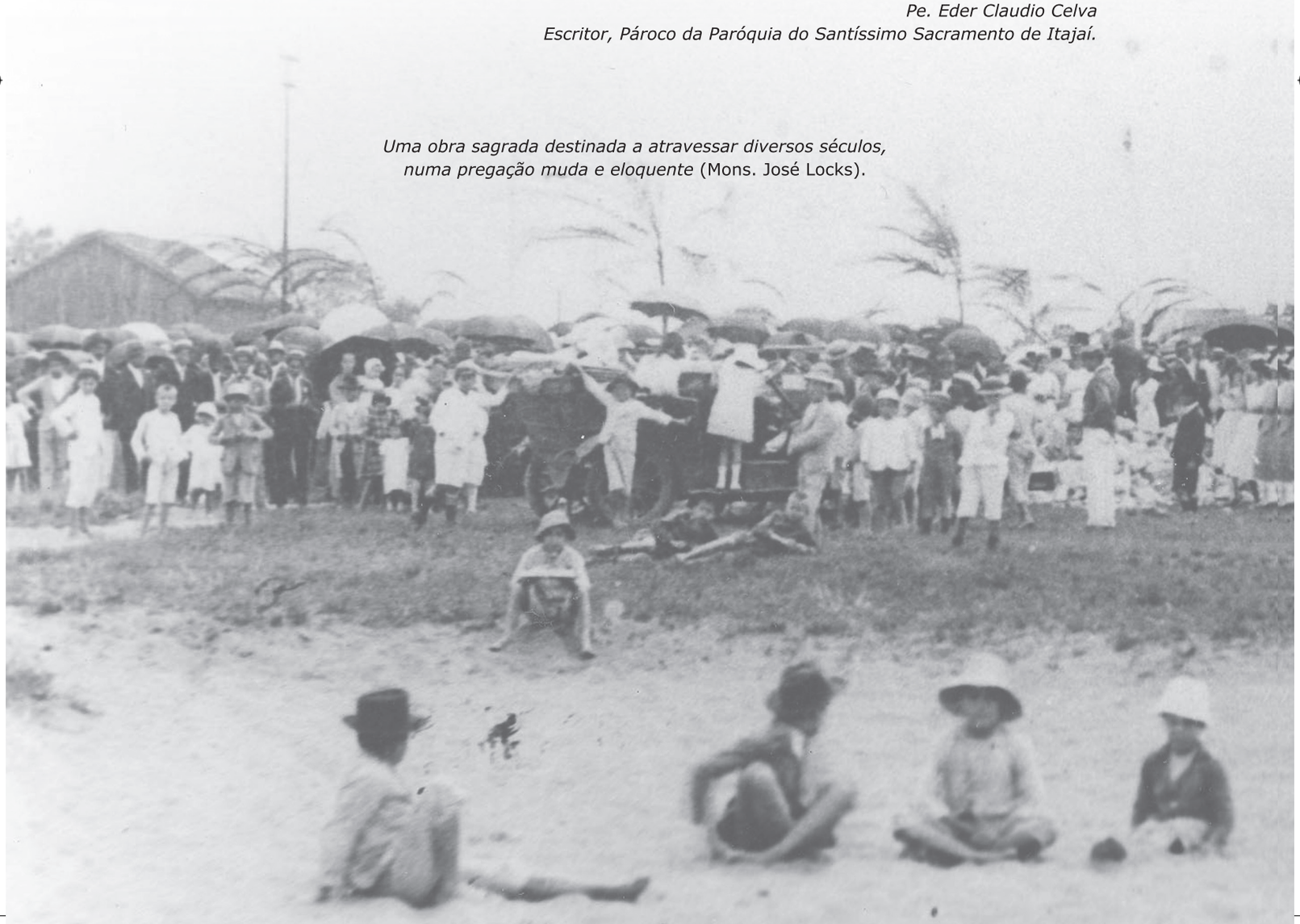
WALDYR DEL PRA NETTO. Com fábrica de beneficiamento de madeira – forro paulista, esquadrias, caixas diversas desarmadas, moveis de madeira de pinho e assoalho, portas, janelas, réguas de madeiras de lei e qualidade. Solicita registro junto ao INP a 05 de março de 1952.



PRINCIPAIS BALUARTES DA IGREJA MATRIZ SANTISSIMO SACRAMENTO

Pe. Eder Claudio Celva
Escritor, Pároco da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí.

Uma obra sagrada destinada a atravessar diversos séculos, numa pregação muda e eloquente (Mons. José Locks).



Premissa

No projeto de formação é de primeira importância e preparação dos candidatos ao sacerdócio e do clero. Os que se preparam para o sacerdócio e para a vida religiosa devem ser educados a apreciar o valor dos bens culturais da Igreja com vista à promoção cultural e à evangelização [...] Na circular aos Ordinários Diocesanos sobre a formação dos candidatos ao sacerdócio (15 de outubro de 1992) esta Pontifícia Comissão solicita que durante o ciclo formativo dos candidatos ao sacerdócio sejam programados cursos nos quais se tratem, de modo mais aprofundado e sistemático, a história e os princípios da arte sacra, a arqueologia cristã, a arquivística e a biblioteconomia.[1]

A Igreja pede às dioceses, quando da formação presbiteral não descurem do senso histórico em todas as suas dimensões e abrangências. Os padres são os principais mentores da importância histórica de suas comunidades, lembrado que a arte é a expressão da fé.

Como pároco, além de minhas responsabilidades administrativas e pastorais, decidi também dedicar-me à historiografia de minha paróquia e sua Igreja Matriz. Por quê? As constatações não são as mais alvissareiras. Sinto que todos gostam da Matriz, mas poucos a conhecem verdadeiramente. Não a estudam. Poucos a interpretam. Os comentários são gerais, superficiais e idênticos: igreja linda, bonita, gostei muito, e nada muito além.

É a História que salva a humanidade do caos, do fim sem sentido. No futuro isso será ainda mais decisivo. O ser humano é chamado a acreditar na História, pois Deus a assumiu, redimiu, e nela está a nos santificar. É na história que agimos, modificamos, destruímos, construímos e reconstruímos. Na história, por mais cético que sejamos, teremos de acreditar, pois ela revela um Deus que nossos olhos veem, que nossas mãos tocam, que nossas cabeças criam, que nossos corações constroem.

Missa campal de colocação da pedra fundamental da nova Matriz (na hoje Praça Irineu Bornhausen), Itajaí, 1920. Acervo: CDMH/FGML.

1 Pontifícia Comissão Para os Bens Culturais da Igreja. Carta Circular: A Função Pastoral dos Museus Eclesiásticos. Vaticano 2001. P 62, 63.

Aqui vão destacados alguns traços biográficos sobre alguns dos principais protagonistas da construção da Igreja Matriz. Três sacerdotes e cinco dos muitos profissionais que eles contrataram para efetuar trabalhos de monta em nosso templo.

Mons. Francisco Xavier Giesberts. Na construção das igrejas costuma-se falar que ela foi construída pelo padre tal. Mesmo que não tenha projetado a planta, assentado tijolos, é ele que viabiliza os recursos, conquista simpatizantes, corre atrás dos trâmites necessários, responde por ela, e constrói para os outros, pois o padre há de passar e a igreja há de ficar.

Não trabalhou diretamente na construção, mas pela construção, como um admirável preparador, especialmente dando fim ao velho impasse do terreno, no dinheiro que amealhou, na larga campanha espiritual que encetou para a construção da igreja nova.

Era alemão nascido no ano de 1873. Sendo ordenado sacerdote da Sociedade do Verbo Divino em 1898, vindo ao Brasil dois anos após como missionário. Trabalhou em Palmeira - PR, e incardinou-se no clero diocesano em 1906. Nas comunidades por onde atuou, ora como pároco, ora como coadjutor, deixou a lembrança de um pastor dedicado.

Na arquidiocese, Dom Joaquim lhe conferiu muitos cargos e atribuições na vida arquidiocesana, trabalhando pela Igreja de Florianópolis por meio século, nas tantas missões que lhe foram confiadas, deixando para o arcebispo a marca indelével de um padre capacitado, obediente e amigo. Para o povo, um homem meigo e santo. Em Itajaí, atuou por 15 anos de dedicação à sua paróquia do Santíssimo Sacramento.

> Monsenhor Francisco Giesberts, sacerdote piedoso, tolerante e benquisto, seria o iniciador ideal do grande empreendimento, não fosse a sua idade tão avançada e não se mostrasse ele alarmado com o peso da responsabilidade que iria recair-lhe sobre os ombros, no seu último quartel de vida. Preferiu retirar-se daqui. Em sua substituição veio o padre José Locks, brasileiro de origem alemã, pela segunda vez nomeado vigário desta paróquia, homem de grande operosidade[2] [...].

O padre monsenhor, como era conhecido em Itajaí, foi transferido para Armazém em meados de 1938, ficando ali até o fim. Faleceu em 10 de outubro de 1953. Ainda hoje em sua sepultura ardem velas dos que lhe pedem a intercessão, pessoas hoje idosas que o conheceram na infância, na juventude. A intercessão de monsenhor deve também ter atingido a nova geração, não só por questão devocional para obter "graças", mas antes para recordar um sacerdote que esteve entre os armazenhenses como aquele que serve.

Mons. José Locks. Trabalhou em Itajaí por três períodos. Foi coadjutor de 1921 a 1923. No ano de 1931 foi pároco até agosto, e novamente pároco de 1938 a 1946.

Mons. Zequinha, como depois ficou conhecido, foi um homem que de certa forma definiu a face do clero de Florianópolis: brasileiro de índole europeia, exigente, trabalhador, fiel e obediente. Seminarista desde que criada a diocese de Florianópolis, em 1908, sacerdote em 1920, quando nossa diocese começava a ordenar seu primeiro clero autóctone. Atuou em

2 LINHARES, Juventino. **O que a memória guardou.** Editora da Univali. Itajaí. 1997. P. 318, 319.

Comemoração entre operários e o Mons. José Loks, participando, também, o Sr. Juventino Linhares, membro da comissão. Acervo: Paróquia Santíssimo Sacramento.

Laguna, Mirim, Imbituba, Garopaba, Seminário de Azambuja (por dois períodos: 1929 e 1947 - 1949), Itajaí, Camboriú, São João Batista e Major Gercino. Também encarregado de Porto Belo, Tijucas e São Miguel e Penha.

Padre Locks era um homem fisicamente forte; forte na personalidade, forte nas manifestações. Traços másculos de um robusto lavrador das plagas de São Ludgero/SC, não perdia tempo com coisas secundárias. Devotava-se com afinco ao mistério sacerdotal a ampla abrangência contida na missão de um padre diocesano. Foi um sacerdote que assumiu a romanização encetando a marcha de um catolicismo combativo, ao sabor da época. Mons. José era de marca acentuadamente moralista e civilizadora. Certas coisas só aos trancos, com uns tragos[3].Por onde Pe. José Locks passou, organizou a construção de igrejas, pois elas são o que de melhor uma sociedade constrói, vive e tem.

Deixando a paróquia de Itajaí em 1946, foi para o Seminário de Azambuja, e logo mais foi provisionado pároco de São João Batista. Acompanhou a vida arquidiocesana nos últimos anos de sua vida de forma exemplar e humilde em Major Gercino: uma simples capela de interior da paróquia de São João Batista onde por duas décadas havia sido pároco.

Foi um sacerdote de rara têmpera e fidelidade a toda prova. Monsenhor José Locks faleceu no hospital de Azambuja, Brusque, em 25 de setembro de 1983 e foi sepultado em Major Gercino/SC.

Mons. Vendelino Hobolt. Nascido em 1914, em São Ludgero/SC. Primeiramente é bom que se diga que Mons. Vendelino reconhecia que muito recebera de Mons. José, pois os caminhos entre ambos haviam se cruzado várias vezes. Eram contraparentes e conterrâneos. Mais: Pe. José havia sido professor e Diretor Espiritual do menino Vendelino em Azambuja, em 1929. Durante o exercício do ministério sacerdotal dele, foi coadjutor por quatro anos de Mons. José em Itajaí, a quem depois sucedeu. Ambos, nos últimos anos como os grandes

3 Informações de Osny Rosembrock ao autor em 24/03/2020. Havia sido coadjutor da paróquia de setembro de 1953 até janeiro de 1954.

Operários e o Mons. Vendelino, em 1948, aparecendo também o sr. Félix Reichert, carpinteiro contratado para a obra. Acervo: Paróquia Santíssimo Sacramento.

homens – que sabem seu lugar – haviam se retirado para lugares fora da cena principal da arquidiocese, numa amizade que os ligaram até o fim.

Itajaí, dizemos, deve muito aos párocos, pois sua missão foi muito além do ofício sacerdotal naquilo que é mais característico. Monsenhor Vendelino, em Itajaí, é o afamado líder, especialmente por ter levado a bom termo a construção da imponente matriz, inclusive planejando-lhe toda a arte pictórica. Isso seria pouco. Ele é o homem amigo da comunidade, com quem as pessoas e autoridades sempre podiam contar para trabalhar pela comunidade itajaiense. Era um homem de traços marcantes, a começar pela estatura e por estar sempre bem trajado. Sério e decidido, exigente e paternal, discernido e humilde. É possível que tenha sido Mons. Vendelino o pároco que mais signifique o apogeu de cristandade à qual a paróquia santíssimo atingiu.

Isto de alguma forma foi reconhecido, quando no dia seguinte a sua morte, em 1º de setembro de 2003, o prefeito, no uso de suas atribuições, decretou luto oficial na cidade por três dias, reconhecendo de forma oficial sua presença marcante, capacidade de liderança, participativo, popular, inteligente, arrojado, pois

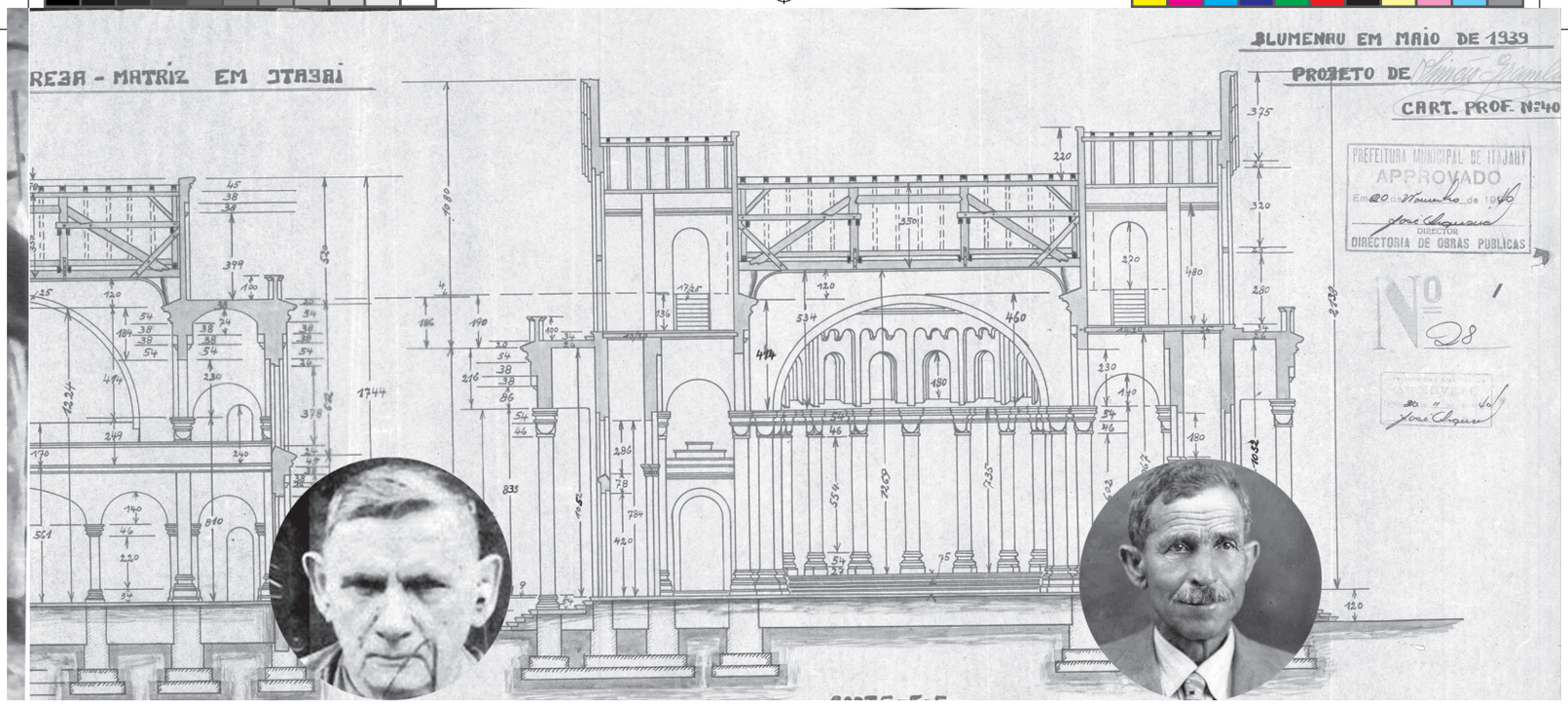
> [...] como pastor de indiscutível autoridade e virtude cristã, tornou realidade a maior e mais significativa obra arquitetônica e artística da cidade de Itajaí, inaugurando a majestosa Igreja Matriz, casa de oração e de expressiva beleza e arte; seus gestos de amor e dedicação a Itajaí, deixando-nos com seu trabalho a edificação do símbolo de nossa cidade, patrimônio cultural de destaque no sul do Brasil; considerando enfim o dever de agradecimento perene da comunidade itajaiense, a quem tanto engrandeceu esta cidade[4].

Em Itaipava, uma escola recebeu seu nome.

Simão Gramlich nasceu em 7 de agosto de 1887 em Baden-Württemberg, na Alemanha.[5] Seus pais, Francisco e Isabella Heckner, eram agricultores, concomitante o pai era

4 Fonte: https://leismunicipais.com.br/a/sc/i/itajai/decreto/2003/687/6873/decreto-n-6873-2003-decreta-luto-oficial-no-municipio-de-itajai.

5 Sobre ele existe uma bem completa tese de doutoramento de Thayse Fagundes e Braga: **A Trajetória do**



Simão Gramilich. *Manoel Dono Morgado.*

servente de pedreiro. Tiveram oito filhos, Simão era o último. Faleceram quando Simão era jovem, em 1905 e 1909, respectivamente. A Alemanha devia mesmo oferecer campo para a construção civil de modo que os três irmãos homens seguem para trabalhar como construtores. Um foi ordenado sacerdote: Pe. Heirinch Josef Gramlich. Os outros três foram empreiteiros de obras e ali, o jovem Simão atuou como inteligente ajudante. A personalidade excêntrica, perfeccionista, determinada e focada deve ter sido determinante para uma formação muito aprofundada do rapaz, como um autoditada. Formação acadêmica devia mesmo ter conotação diferente de hoje. Os verdadeiros capazes aprendiam imitando, trabalhando, ousando, estudando por conta e ao mesmo tempo ganhando o pão cotidiano. Aprende-se fazendo e com sacrifício de aprendiz que capricha e sempre mais toma campo. Gramlich em nenhuma de suas cartas retrata estudos acadêmicos e transparece que a eles tem desprezo. Ele tem muito mais: a arte do saber fazer, e o demonstra.

Sua argúcia laboral deve ter sido intensa como intensos devem ter sido os embates familiares. Depois da Primeira Guerra Mundial o Brasil descortinava-se como promissor para a construção civil. Eis o embalo que também trouxe Gramlich para o Brasil em 1921. Estabeleceu-se no Rio Grande do Sul, com esposa e dois filhos. Depois de uma década de muito trabalho em solo gaúcho vem para Santa Catarina, radicando-se em Blumenau. Dali, vendeu centenas de projetos para casas, comércios e igrejas para a região. Em Blumenau faleceu, em 1968.

Manoel Dono Morgado[6] Em Itajaí ainda temos descendentes do construtor Morgado. O que segue, é uma entrevista. Sirvo-me dela para as lembranças da família onde pude colher o seguinte:

> Segundo os relatos da minha avó (Hilda Morgado da Silva), mãe, tios e tias, já falecidos, Manoel Dono Morgado aprendeu seu ofício de construtor junto aos

arquiteto alemão Simão Gramlich em campos cruzados no sul do Brasil: arquitetônico, religioso e político. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2020.

6 Entrevista a Maria Bernadete dos Santos, neta de Hilda Morgado da Silva – filha mais velha de Manoel Dono Morgado. Itajaí, 09/11/2020.

padres jesuítas, na Espanha, pois fora internado para estudos e com a finalidade de tornar-se padre jesuíta. Contudo, apesar de ter em seu coração grande amor pela Igreja Católica Apostólica Romana, não sentia vocação para o sacerdócio; queria casar-se e ter esposa e filhos. Então, quando estava quase concluindo seus estudos, um irmão de sua mãe entregou-lhe uma soma em dinheiro. Com este valor em dinheiro, Morgado pegou um navio para a África e de lá veio para o Brasil, chegando na cidade do Rio de Janeiro por volta 1900.

Nesta cidade brasileira, ficou sabendo da abertura da Estrada de Cabeçudas em Itajaí/SC. Tinha amplo conhecimento na área de construção civil, aprendido junto aos jesuítas espanhóis e, logicamente, não teve nenhum problema em ser contratado pela empreiteira responsável. Logo, conheceu sua esposa, Rosa Valeriani, com quem casou. São seus filhos: Hilda Morgado da Silva, Dolores Morgado Godinho, Manoel Morgado Filho, Affonso Morgado, Osvaldo Morgado, Nair Morgado, José Morgado, José Maria Morgado, Maria Lucia Morgado de Oliveira e Manoel João Morgado.

Profissionalmente gostava de ser chamado de artista, formou uma empreiteira de construção civil, trabalhando na região e em outros lugares. Era muito procurado na região e quando se falava em construir, todos recorriam ao Seu Morgado. Quando seus filhos e alguns netos atingiram certa idade, todos trabalharam com ele. Tinha muitos conhecimentos de arquitetura, empregando técnicas para cada tipo de obra, tipo de solo, materiais e recursos. Como sua arte foi aprendida de forma totalmente prática, não podia assinar os seus projetos; trazia sempre em sua companhia um arquiteto ou engenheiro habilitado para suprir essa lacuna.

Minha avó relatou estar seu pai muito feliz, durante a construção da nossa querida Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento. Sabia ser um presente para o povo de Itajaí e um tributo a Deus. Contudo, aconteceu um acidente grave com uma pedestre, quando se desprendeu uma tábua dos andaimes que a atingiu mortalmente. Isso o abalou muito, somando-se com a morte repentina de sua filha Dolores, o fez perder a saúde e a deixar os trabalhos de construção da Igreja Matriz, vindo a óbito, em pouco tempo, de leucemia, em 15 de julho de 1948. Então, os filhos não quiseram continuar com a empreiteira familiar, porque ele era o centro de tudo, encerrando as atividades na área.

Emílio Sessa (1913-1990). A paróquia firmou contrato com Sessa em março de 1954. Logo depois, os trabalhos começaram e foram concluídos no ano seguinte pelo mês de outubro; em novembro, a igreja seria inaugurada.

No seu painel biográfico, descrevemos o que foi oferecido pelo seu próprio filho em bibliografia própria

> Começarei falando das amizades eclesiásticas. E, em primeiro lugar, daquela que foi, talvez, uma das mais honrosas e, até, mais decisiva: a amizade de meu pai com Monsenhor Roncalli, depois Cardeal Angelo Roncalli e, finalmente, Papa João XXIII. Roncalli conhecia minha família desde Bergamo, onde começou sua vida eclesiástica. Acho que muitas das ideias de um catolicismo progressista que meu pai alimentava possam ter vindo de sua influência, já que são sabidas as notórias simpatias que o então Monsenhor, junto com seu principal inspirador, o Bispo Radini-Tedeschi, nutriam pelo movimento operário. Depois, quando foi transferido para Sofia, Bulgária, em 1925, na condição de Núncio Apostólico da Santa Sé naquela capital, meu pai – junto com Fermo Taragni e Umberto Marigliani – foi chamado para pintar a Catedral Católica, hospedando-se nas dependências da casa paroquial. Uma história que meu pai sempre repetia é que o próprio Roncalli os convidava para partilharem da sua refeição, cada vez que o almoço fosse polenta taragna, um prato típico da Lombardia. Por indicação do então Cardeal Angelo Roncalli, meu pai foi encaminhado para iniciar as conversações com Dom Antônio Zattera, de Pelotas, para fazer o projeto original das pinturas da Catedral de São Francisco de Paula, naquela cidade. Depois de uma série de contatos por correspondência, a contratação foi acertada. Nessa ocasião, meu pai convidou para vir com ele ao Brasil o seu amigo e colega Aldo Locatelli, um exímio pintor-figurista que já fizera outras pinturas nas equipes de trabalho decorativo montadas por Fermo Taragni ou, mais tarde, por eles mesmos contratadas.[7]

Attilio Pisoni, pintor-decorador de arte sacra, foi um seguidor de Emilio Sessa, uma vez que ambos executavam o mesmo gênero de trabalho artístico. Tinham o mesmo estilo e um complementava o trabalho do outro. Pisoni, apesar de ter permanecido pouco tempo no Brasil – aproximadamente entre 1951 e 1965 – se notabilizou por representar a continuidade e propagação do estilo Sessa. Sua trajetória se deu primordialmente na hoje denominada como região turística da Serra Gaúcha, local ocupado por imigrantes vindos da Península Itálica, na segunda metade do século XIX. Ele fora formado na tradição artística de Bergamo, onde se localiza uma das mais prestigiadas escolas de arte sacra da Itália. Formou-se com mestres capacitados, em oficinas de arte de muito valor. Pisoni chegou ao Estado por volta de 1951, vindo a convite de Emilio Sessa, que o conhecia através de trabalhos realizados em conjunto na Itália.[8]

Pisoni, mesmo que considerado um pintor secundário, atuou por todo o tempo e em todas as pinturas que vemos hoje na matriz de Itajaí.

Aldo Daniel Locatelli (1915- 1962). Aldo é o pintor dos três painéis da matriz: Imaculada Conceição – no teto – e mais os painéis do Sagrado Coração de Cristo e Sagrado Coração de Maria, sobre os altares laterais. Assinada somente está a do teto. As outras, mesmo sendo projetos garantidamente seus, podem ter sido pintadas por Sessa.

---

7 DOBERSTEIN W. Arnoldo. Org. **Emílio Sessa, Pintor: Tempos Intermediários**. Instituto Emilio Sessa. Porto Alegre – RS. 2014. P. 17.

8 DOBERSTEIN W. Arnoldo. Org. **Emílio Sessa, Pintor: Tempos Intermediários**. Instituto Emilio Sessa. Porto Alegre – RS. 2014. P. 143.

Aldo Daniele Locatelli[9] nasceu em Bérgamo – Itália, em 15 de agosto de 1915. A vinda ao Brasil foi a convite do amigo Emílio Sessa que aqui havia encontrado campo aberto para o trabalho das pinturas. Faleceu em 3 de setembro de 1962 em Porto Alegre, deixando a esposa Mercedes e dois filhos, e suas pinturas que perenizam seu nome.

9 Sobre Locatelli existe um denso e explicativo volume sobre muitas de suas obras de autoria de BRAMBATTI, Luiz Ernesto. **Locatelli no Brasil.** Edição do autor. Caxias do Sul – RS. 2008.

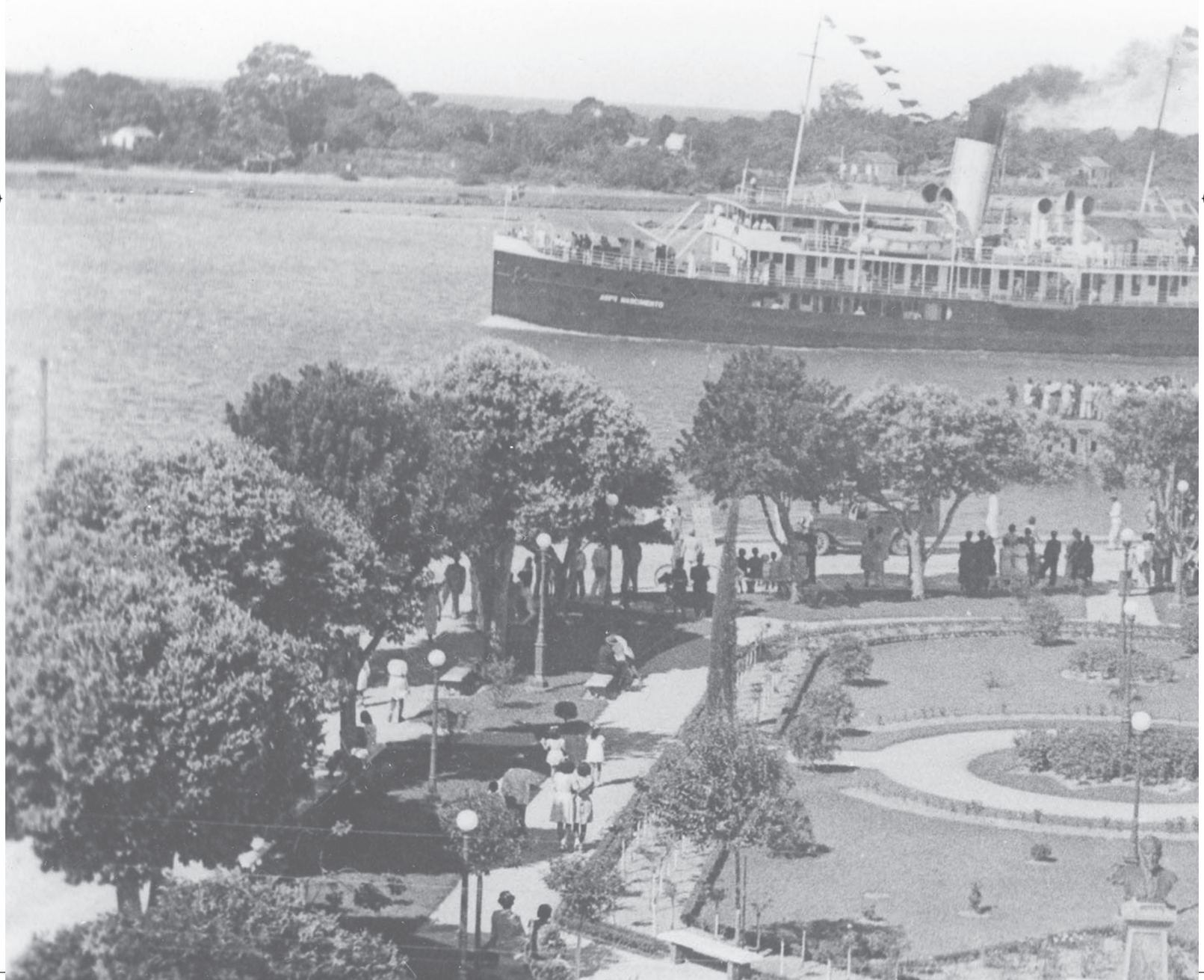
002-Anuario2019-17-144.indd 59 24/05/2021 15:24:33

ITAJAI DE ANTIGAMENTE

RELATO DE EXPERIENCIA

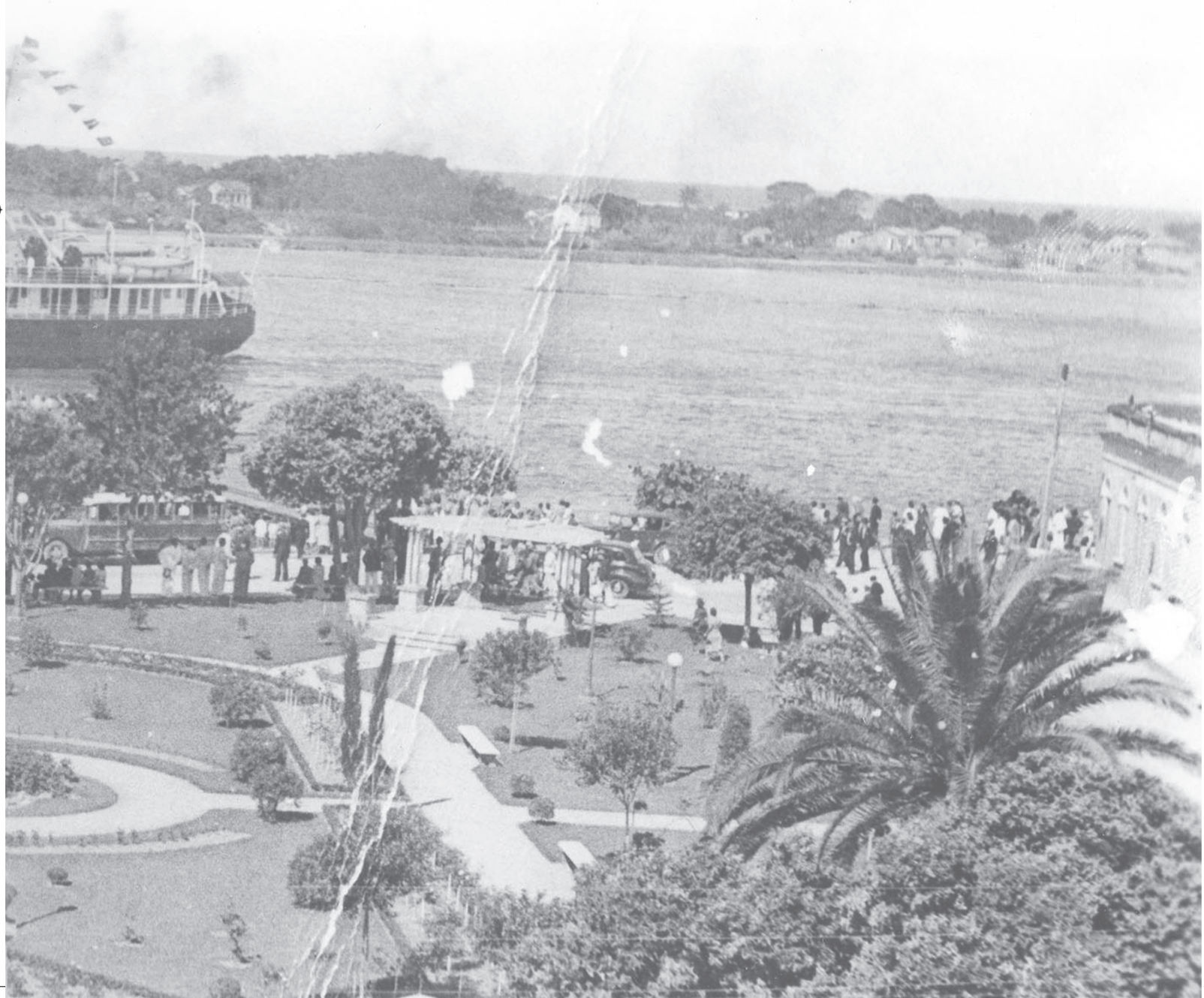
*Magru Floriano
* Formado em História pela Univali e administrador do grupo "Itajaí de Antigamente" (Facebook).

Praça Vidal Ramos, Itajaí, 1949.
Acervo: FGML/CDMH.



Muitos estudiosos mais voltados para o círculo acadêmico ficam facilmente desestimulados com suas iniciativas de propagar conteúdo de boa qualidade pela *Internet*, notadamente pelas "redes sociais" como é o caso do *Facebook*, *Instagran* e *Whatsapp*. Diante da participação anárquica de seus usuários, o administrador de uma página, *blog* ou grupo, acaba desistindo da iniciativa utilizando como argumentação definitiva a sentença de Humberto Eco de que as redes sociais, realmente, deram direito de voz a uma "legião de imbecis".

Por encontrar dificuldade para administrar meus antigos endereços na *Internet*, desde o início da rede, com a plataforma *Orkut*, passando pelos *blogs*, páginas e perfis atuais, também, por um bom tempo, fiquei tentado a desistir de manter na rede digital endereços onde pudesse veicular material de qualidade sobre a História de Itajaí. Também, ao longo do tempo,



acompanhei várias experiências de amigos que acabaram sucumbindo diante de participações indevidas, que desviavam do assunto proposto e carregavam-no em opiniões marcadas por intenções ideológico-partidárias. Mas, o mais grave, sem sombra de dúvida, diz respeito às participações que atentavam contra o Estado de Direito e os Direitos Universais consagrados pelo espírito constitucional.

Não obstante, convencido pelo memorialista Isaque de Borba Corrêa, acabei criando no *Facebook*, a dois de maio de 2013, o grupo "Itajaí de Antigamente" para divulgar a História de Itajaí a partir do incentivo às pessoas comuns de abrirem seus álbuns de família para divulgarem suas experiências em nossa comunidade. O nome escolhido foi baseado nos grupos já existentes em cidades como Brusque, Blumenau e Joinville. A primeira foto publicada foi o cartão Postal número cinco da coleção Currlin, retratando o Consulado Alemão no Casarão Asseburg. Em agosto de 2014. o grupo alcançou a marca de dez mil membros, passando a vinte mil membros em julho de 2016 e trinta mil em setembro de 2019. Um crescimento surpreendente em todos os sentidos.

Acontece que o trabalho de moderação do grupo cresceu na mesma proporção do crescimento do seu número de associados. Fomos gradativamente aumento a rigidez na aplicação das regras de moderação do grupo, excluindo compulsoriamente todo membro que fizesse comentário político-partidário-eleitoral, religioso, propaganda e publicidade, e desrespeitasse os direitos fundamentais constitutivos da cidadania. No início, alguns usuários consideraram essa moderação de conteúdo como ditadura e cerceamento da liberdade de expressão, mas, quem permaneceu no grupo aprovou o controle de conteúdo por perceber que não havia outra opção: ou se mantinha a regra de participação centrada no conteúdo único sobre a história de Itajaí ou o grupo cairia na vala comum dos demais – aqueles mesmos grupos que foram criados numa semana e fechados na semana seguinte justamente por não manterem o foco proposto deixando o debate solto e sem objetivo definido. A opção era simples: moderação em respeito às regras do grupo ou a voz destrutiva da "legião de imbecis" se sobrepondo ao bom senso da maioria.

Frontispício da página idealizado por Volnei Vogel. Imagem cedida pelo autor.

Igreja Luterana e, ao fundo, o Palácio Marcos Konder, então sede dos três poderes. Acervo: FGML/CDMH.

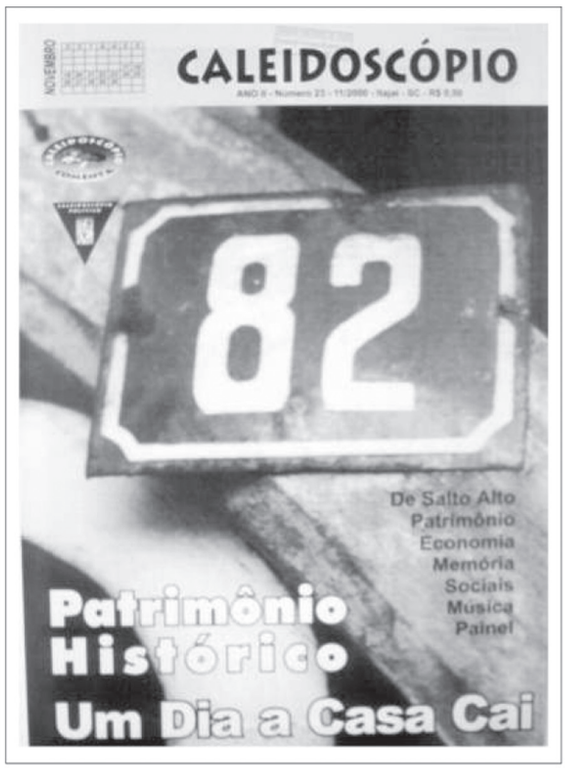
Diante do volume cada vez maior de trabalho de moderação, convidei o genealogista Telmo José Tomio e o advogado Leandro Vinicius Jahn para atuarem como moderadores. Os dois aceitaram o convite e começaram a atuar no ano de 2018. Infelizmente, Telmo veio a falecer em 2019, sendo substituído no seu posto pelo jornalista e desenvolvedor de sistema Thiago Floriano. O frontispício da página do grupo sofreu uma grande mudança quando Volnei Vogel nos ofereceu uma arte que fez utilizando uma foto antiga de Itajaí mostrando um *rally* na Praça Vidal Ramos. Foi uma contribuição definitiva que mantemos até os dias atuais.

Através dos diálogos estabelecidos abaixo de cada foto postada, a administração do grupo conseguiu receber em doação um acervo expressivo de fotos e documentos. Somente no ano de 2018 foram repassados aos arquivos das Fundações Culturais de Itajaí e Blumenau algo próximo de cinco mil fotos. Muitos pesquisadores conseguiram depoimentos de usuários acerca de temas que vinham estudando e novas fotos históricas foram reveladas ao público itajaiense. Algumas fotos, inéditas, surpreenderam até mesmo os técnicos da Fundação Genésio Miranda Lins, passando a integrar seus arquivos digitais. Destaco a foto da construção do prédio do Herbário, algo que nunca tinha visto.

Ainda em 2019, reforçamos a política editorial do grupo incentivando os membros a abrirem seus álbuns de família para selecionar fotos e publicá-las. A ideia era mostrar, na prática, que aquele álbum guardava imagens de uma rica vivência histórica. Algo de importância para a família, mas, também, para a própria comunidade. Nesse sentido, o grupo "Itajaí de Antigamente" tem auxiliado no desfazimento daquela história antiga e eletista que dava voz e vez somente para as autoridades constituídas, fazendo de prefeitos, vereadores e deputados os únicos atores visíveis da história de nossa comunidade.

O sucesso alcançado pelo grupo "Itajaí de Antigamente" no *Facebook*, portanto, demonstra que é possível manter conteúdo de qualidade nas redes sociais. Na minha avaliação, a chave desse sucesso está em manter intacto, sem desvio, o objetivo do grupo, não deixando outros conteúdos interferirem nele. No caso do "Itajaí de Antigamente" o objetivo é divulgar a história de Itajaí a partir do álbum de família e o relato de experiências dos usuários. Simples e objetivo.

O rebelde com causa



um pouco da vida e da arte de Eduardo Moreira

Ivan Rupp Bittencourt - Jornalista

Era um sábado à tarde, setembro de 1999, ouvi palmas em frente da minha casa, ali na Barra do Rio. Lá estavam Eduardo Moreira e Eduardo Hora. Traziam nas mãos folhas de papel A2 dobradas e diagramadas em branco e preto. No alto da primeira delas um nome tomava todo o cabeçalho: CALEIDOSCÓPIO. Eu ainda não sabia, mas começava ali uma aventura cultural e política que uniu grandes amigos, produziu muitas boas histórias e mudou a minha vida para sempre.

Mas a história do Caleidoscópio começa muitos anos antes disso. Tive a sorte e o prazer de ser amigo de Eduardo João Teixeira Moreira desde a adolescência. Nossa amizade era uma amizade aristotélica. Explico: o filósofo Aristóteles dividia a amizade em três tipos: a amizade por prazer, a amizade por interesse, e a amizade para o bem, ou a amizade verdadeira.

O primeiro tipo de amizade que nos uniu foi a amizade por prazer. Íamos nas mesmas festas de garagem do final dos anos 1970, gostávamos das mesmas músicas, rock, jazz, música popular brasileira, mais praia, surf, e uma conversa boa que sempre nos levava para discussões sobre cultura e arte.

Nós tivemos, também, o segundo tipo de amizade, a amizade por interesse. Esta foi muito mais tarde, e é aí que a história do Caleidoscópio começa a ser escrita. O interesse em produzir uma publicação que falasse de cultura como a entendíamos e abrisse espaço para uma discussão da produção cultural de Itajaí e região uniu nossas forças e a força de muitos de nossos amigos para por de pé o sonho que começou lá atrás. E conseguimos. Lembro de mim, do Eduardo Moreira, do Hora, do Rogério Lenzi, do Cláudio Malheiros e do Pedrinho Oliveira cruzando a Rua Hercílio Luz distribuindo aos que encontrávamos exemplares do primeiro número do Caleidoscópio. Isso foi em meados de dezembro de 1999.

A partir daí começamos a andar sempre juntos. As reuniões, reportagens, matérias se seguiam e acabei mudando de ramo. Eu que era comerciante, virei, primeiro, dono de jornal, depois jornalista. E no decorrer desse tempo percebi que o tipo principal de amizade que unia a mim e ao Eduardo era a amizade para o bem, a amizade verdadeira. Porque eu gostava do Eduardo por ele ser quem ele era, por sua inteligência e cultura, por ele ter a cabeça sempre aberta para o novo, e por ele ter - muitos consideram esse um defeito dele, eu não - um temperamento forte e uma rebeldia que o impulsionavam a fazer e a criar, ao mesmo tempo que o metiam em algumas confusões, a maioria muito engraçadas. Ele era um rebelde com causa, e muito me orgulho de ter estado ao seu lado em algumas dessas causas.

O Caleidoscópio falava de política, também, e fizemos uma bela cobertura das eleições municipais do ano 2000. O jornal durou o quanto duraram nossas economias, um ano. Depois tivemos que sair para ganhar a vida, já que isso não era possível com um jornal sempre no vermelho. Fui trabalhar com assessoria de imprensa, também escrevendo para jornal e um pouco de televisão. Eduardo foi trabalhar com editoração eletrônica contribuindo com seu talento e arte em inúmeras publicações. O querido e saudoso amigo Pedrinho Oliveira tocou um outro Caleidoscópio, diferente do original, mas não menos honesto, até sua morte prematura em 2016.

Continuamos todos mantendo contato e nos encontrando esporadicamente, mas cada um envolto em seu próprio trabalho. Até que no começo de 2014, Eduardo me convida para um novo projeto, este só nosso: a revista Atalaia. Claro que eu disse que sim, e fizemos uma bela publicação que durou cinco edições ao longo daquele ano. A pegada era cultural e jornalística e foi um trabalho que nos uniu novamente nas horas vagas, que era quando tínhamos tempo para a confecção da revista. Como no processo do Caleidoscópio, foi igualmente instigante, prazeroso e criativo o trabalho na Atalaia com meu querido amigo.

A última vez que nos encontramos pessoalmente foi para tomar um café e conversar, isto em 2019, ano de sua morte. Meu amigo estava acabadinho. Falamos um pouco de tudo, da vida, dos filhos, sempre de arte e cultura. Aventamos a possibilidade de uma exposição que representasse os 20 anos de Caleidoscópio que se completariam naquele ano. Infelizmente, não deu tempo para mais essa aventura criativa.

Não lembro de ter brigado alguma vez com Eduardo Moreira. Nossa amizade foi sempre muito produtiva e prazerosa. E divertida. Eduardo era muito engraçado, tinha um senso de humor próprio e uma maneira de pensar também única. Éramos muito parecidos em espírito, em gosto, compartilhamos sempre a máxima do poeta Ferreira Gullar, que entrevistamos para a Atalaia, de que a arte existe porque a vida não basta. Não basta mesmo, não basta.

Sei que estás em paz, meu amigo! E nós, seus amigos, estamos saudosos de sua sempre tão amorosa e divertida companhia nesse imenso vale de lágrimas. Você nos faz muita falta.

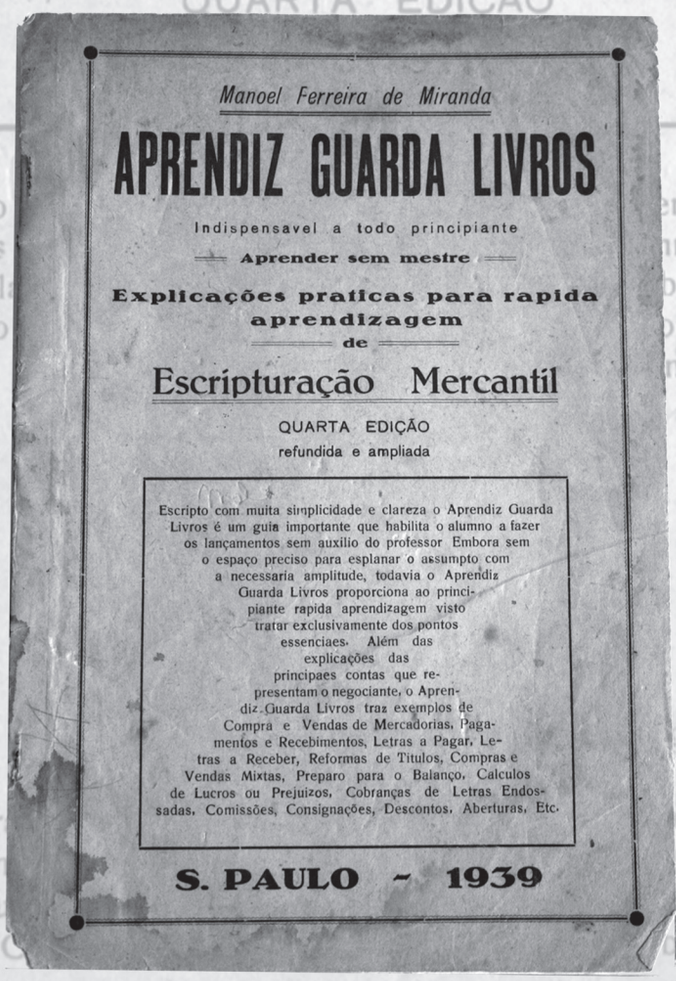
002-Anuario2019-17-144.indd 67 24/05/2021 15:24:39

MATA-BORRÃO:

AS TENTATIVAS DE APAGAR DA HISTÓRIA O NOME DO PROFESSOR

MANOEL FERREIRA DE MIRANDA

Saulo Adami
Escritor, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.



002-Anuario2019-17-144.indd 68 24/05/2021 15:24:44

Manoel Ferreira de Miranda.
Imagem cedida pelo autor.

"Há, no decorrer da existência, dias que não se esquecem nunca. Gravam-se tão firmes no nosso espírito que nada os arranca ou destrói. Assim é para mim o fatídico 20 de fevereiro, jamais se me apagará da memória". Estas são as primeiras palavras escritas pelo professor Manoel Ferreira de Miranda na edição de 26 de maio de 1912 do seu jornal Gazeta de Itajahy, no qual recordou com detalhes o episódio que ficou conhecido em Santa Catarina como O Carnaval Sangrento de 1912.

Na tarde daquela terça-feira, tiros espalharam cheiro de pólvora no ar. Um corpo tombou na avenida, ouviram-se gritos de dor, de medo e de revolta. O sangue de Manoel Ferreira de Miranda tingiu a tarde de Carnaval. "Isso não está acontecendo comigo!", pensou, sentindo sua perna direita queimar. Ele fechou seus olhos na tentativa de acordar do suposto pesadelo... Mas era tudo verdade!

Contei esta história pela primeira vez em 2010. A história da luta do poder para se manter no poder, de personalidades esquecidas e de episódios abafados. Uma história de pioneirismo interrompida pela intolerância. Um professor apaixonado pela profissão, um jornalista que ousou criar um diário, privilégio de homens brancos e ricos. Um filho de Itajaí, dono de liceu, escritor e guarda livros, que viveu em Santa Catarina – Itajaí, Tijucas, Florianópolis, Timbó e Canoinhas –, Paraná – Porto Amazonas, Ponta Grossa e Sengés – e São Paulo – Itararé, Sorocaba e na capital, onde morreu pobre e esquecido, no final da década de 1930.

Enquanto procurava informações sobre a passagem de Manoel Ferreira de Miranda pelo município de Canoinhas, o historiador Fernando Tokarski respondeu a algumas perguntas que ajudaram a reconstituir a atuação do personagem naquela cidade. Segundo consta, Manoel Ferreira de Miranda "foi professor nos primeiros tempos de Canoinhas", tendo sido a Escola Masculina de Canoinhas o primeiro educandário público da vila, "[...] e depois de fundida com

a Escola Feminina se tornou nesse mesmo 1919 as Escolas Reunidas, mais tarde Grupo Escolar Anna Cidade e a partir de 1935 Grupo Escolar Almirante Barroso"[1]. Professor Manoelzinho foi nomeado para lecionar na Escola Masculina da Vila de Canoinhas em 28 de junho de 1920.

Transferiu-se com a família para Porto Amazonas/PR.

> Por relações históricas, Canoinhas sempre teve íntima ligação com o Paraná e dele origina a maioria da colonização do município, desde as primeiras incursões ao território desconhecido. Nessa época é que afluíram caboclos paulistas, descendentes de portugueses e espanhóis. Foi apenas ao final do século XIX e no início do século XX que vieram imigrantes europeus, sobretudo poloneses, ucranianos e alemães, geralmente migrados do Paraná. Os primeiros anos do século XX também marcaram a chegada de sírio-libaneses e alguns italianos. Essas correntes migratórias é que colonizaram Canoinhas, dando-lhe feições de multiplicidade étnica[2].

Professor Manoelzinho notabilizou-se por sua atuação como profissional guarda-livros, função que hoje corresponde à de contabilista. "Em todos os países do mundo e em todas as épocas, o surgimento e o desenvolvimento da profissão contábil sempre estiveram associados à expansão comercial da região", escreveu Cláudio Ulysses F. Coelho[3].

> Antigamente, o profissional de contabilidade era conhecido de um modo geral como "guarda-livros" e se encarregava da escrituração dos livros mercantis das empresas comerciais. Muito embora já se utilizasse há bastante tempo a nomenclatura "contador geral", esta era reservada àquele profissional que atuava na área pública.

Em 1º de junho de 1932, Manoel Ferreira de Miranda formou-se na Academia Paranaense de Comércio com habilitação como guarda-livros. Na década de 1930, o jornalista catarinense Juventino Linhares teve seu último encontro com o professor Manoelzinho:

> Vi-o pela última vez em 1932, em Ponta Grossa, quando por ali passamos incorporados ao 8º Batalhão de Força Pública do Estado, que ia combater os revolucionários paulistas tendo, nessa ocasião, manifestado desejo de retornar a Itajaí, onde almejava terminar seus dias, objetivo esse, entretanto, que não conseguiu consumar[4].

Naquela época, Professor Manoelzinho morava na rua Sant'Anna, 22, e lecionava em uma sala da Rua Augusto Ribas, 22, sede da Escola Prática de Comércio, onde foram realizados os exames finais, em 1930.

Em 27 de fevereiro de 1934, Manoel Ferreira de Miranda foi nomeado pelo interventor federal do Paraná para as funções de 1º Juiz Distrital da Sede do Município de Sengés[5],

1 TOKARSKI, Fernando. E-mail para os autores, em 28 de janeiro de 2009.
2 TOKARSKI, Fernando. In: www.explorevale.com.br. Acessado pelos autores em 26 de maio de 2009.
3 COELHO, Cláudio Ulysses F. *O técnico em contabilidade e o mercado de trabalho: contexto histórico, situação atual e perspectivas*. In: www.senac.br. Acessado pelo autor em 6 de julho de 2009.
4 LINHARES, Juventino. *O que a memória guardou*. Itajaí: Editora da Univali, 1997.
5 "Os primeiros moradores do território de Sengés chegaram por volta de 1883 atraídos pelo solo e pelas

Comarca de Jaguariaíva[6]. Osíris Ferreira de Miranda disse acreditar que a nomeação de seu avô tenha sido resultante da Revolução de 1932.

Foi Osíris quem chamou atenção para a possibilidade de o seu avô ter sido membro da maçonaria enquanto viveu em Ponta Grossa[7]. Esta informação não foi confirmada por Hiran Luiz Zoccoli, do Museu Maçônico Paranaense. Segundo Zoccoli, durante a Revolução de 1930, muitos documentos foram destruídos e, com relação à atuação dos maçons no município de Ponta Grossa, pouco material restou. As informações que estão disponíveis no acervo do referido museu foram conseguidas em outras cidades e em outros arquivos[8].

Enquanto o casal Ferreira de Miranda estava vivendo (em uma casa na Rua XV de Novembro, 92), em Itararé, São Paulo, em 17 de fevereiro de 1935 faleceu Maria Murilla, aos 53 anos de idade. "Foi um dia muito triste", lembrou Ozi. Na época, ele e sua mãe estavam internados na Santa Casa de Itararé com tifo, estavam em alas distintas, o que não impediu que o garoto visse da janela do seu quarto as pessoas descendo na direção do necrotério. Ao perguntar o que estava acontecendo, alguém confirmou a notícia que ele não queria ouvir: "É sua mãe, ela faleceu"[9]. Foi uma separação dolorosa para os Ferreira de Miranda, lembrou Ozi:

> Nós éramos muito chegados. O desenlace foi uma coisa incrível, não sei como a gente resistiu... A gente era muito arraigada à família. Meu pai ficou desarvorado porque minha mãe era tudo na casa. Eles dividiam as obrigações, mas ela era o esteio da família.

Ozi contou que, depois da morte de Maria Murilla, seu pai continuou trabalhando como professor e a fazer serviços de escrituração mercantil em casa, como nos tempos em que a família morava no Paraná. Professor Manoelzinho foi responsável pela formação de jovens oriundos de Ponta Grossa, Sengés, Prudentópolis e de Castro, que iam até Curitiba buscar sua diplomação porque o governador proibiu a atuação de escolas particulares; a diplomação passou a ser exclusividade de escola pública. Professor Manoelzinho insistiu, ministrando aulas particulares

riquezas naturais existentes. (...) Em 1908, a Estação da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande era inaugurada sob o comando do engenheiro Gastão Sengés. Com esta estrada ocorreu um grande desenvolvimento da região. (...) Outro fator de extrema importância para o desenvolvimento da região foi o tropeirismo, uma vez que a região era ponto de passagem entre Viamão e Sorocaba. A cidade teve participação na Revolução de 30, quando ataques aéreos foram presenciados. Com isso, finalmente o município recebeu o nome de Sengés, homenageando o Engenheiro da Companhia da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande". In: www.explorevale.com.br. Acessado pelo autor em 26 de maio de 2009. O município foi fundado em 1934.

6 "Significando 'rio da onça brava' no dialeto tupi-guarani, sua origem remonta a ocupação de seus campos para implantação de fazendas de invernadas e criatórios de gado, sendo a principal a Fazenda Jaguariaíva do Coronel Luciano Carneiro Lobo, passagem de tropas e tropeiros. Este obteve licença para erigir uma capela sob a invocação do Senhor Bom Jesus da Pedra Fria, que foi feita em 'taipa de barro' no mesmo local onde hoje se encontra o Santuário na cidade alta, ao redor do qual cresceu a cidade de Jaguariaíva, pois com a morte do coronel, sua esposa Isabel muito religiosa, doou como Patrimônio à imagem do santo, uma grande área de terras permitindo que aqueles que quisessem ali, construíssem suas moradias". In: www.explorevale.com.br. Acessado pelo autor em 26 de maio de 2009. Município fundado em 1875.

7 MIRANDA, Osíris Ferreira de. E-mail enviado ao autor em 3 de julho de 2009.

8 ZOCCOLI, Hiran Luiz. E-mail ao autor em 6 de julho de 2009.

9 MIRANDA, Ozi Ferreira de. Entrevista ao autor. São Paulo, 23 de junho de 2009.

em sua casa. Seus filhos conviveram com vários alunos que, vindos das comunidades do interior, ficavam alojados em sua residência enquanto buscavam formação profissional. Além do prazer de compartilhar com os jovens os seus conhecimentos e as suas experiências profissionais e pessoais, equilibrava o orçamento familiar com a cobrança das hospedagens.

O tempo passou e deixou Professor Manoelzinho cada vez mais triste. A tristeza debilitou ainda mais a sua saúde e, em 31 de dezembro de 1939, enquanto morava em São Paulo, Manoel Ferreira de Miranda despediu-se da vida, internado na Santa Casa de Misericórdia. No atestado de óbito, constava como *causa mortis* "insuficiência orgânica".

"Foi por causa da velhice", afirmou Ozi. Velhice e complicações decorrentes da amputação de sua perna direita, somadas às dificuldades de ordem econômica em voga naquela época:

> Era apenas meu pai quem trabalhava em casa. Meus irmãos mais velhos trabalhavam em tipografias, mas não ganhavam o suficiente para ajudar a manter a casa paterna. Eram independentes, e tudo o que ganhavam era para administrar suas próprias vidas[10].

Um vizinho da família trouxe a notícia da sua morte para os filhos. Foi um choque. Na época, a família morava na Rua Baraúna, 205, e para se deslocar até a Santa Casa de Misericórdia para visitar o pai, Ozi precisava pegar condução. O bonde seguia até próximo ao Largo do Arouche, e de lá o garoto seguia a pé por um trajeto que custava de hora a hora e meia.

No ano de sua morte, Professor Manoelzinho lançou a quarta edição (refundida e ampliada) de seu livro Aprendiz Guarda Livros, um guia prático para a rápida aprendizagem dos frequentadores de suas aulas particulares ou dos alunos que mantinha no Curso Prático de Comércio fundado em 1924, pelo sistema de correspondência[11]. "Quem não pode ilustrar a sua terra, escreve para a infância rudimentos de contabilidade", começa Professor Manoelzinho o texto de apresentação de seu livro, Duas Palavras à Infância e à Juventude."Esperançoso, portanto, de que o Aprendiz Guarda Livros possa ser útil aos meninos e meninas estudiosos, aí o deixo à mercê dos senhores chefes de família e à apreciação do ilustre e distinto professorado brasileiro"[12].

O corpo de Manoel Ferreira de Miranda foi sepultado no Cemitério do Araçá. Em seguida, os irmãos Ferreira de Miranda, ainda solteiros, reuniram-se e decidiram que cada um seguiria seu próprio caminho. Alguns mudaram de endereço, outros mudaram de profissão ou de estado civil[13].

---

10 MIRANDA, Ozi Ferreira de. Entrevista ao autor. São Paulo, 23 de junho de 2009.

11 Em Sorocaba (rua Monsenhor João Soares), professor Manoelzinho manteve a Escola Prática de Comércio, com aulas diurnas e noturnas, com aulas presenciais segundas, quartas e sextas-feiras, e lições a domicilio nas terças, quintas e sábados.

12 MIRANDA, Manoel Ferreira de. *Aprendiz Guarda Livros*. São Paulo: Typographia Oliveira, 1939, 4ª. edição, refundida e ampliada, página 3.

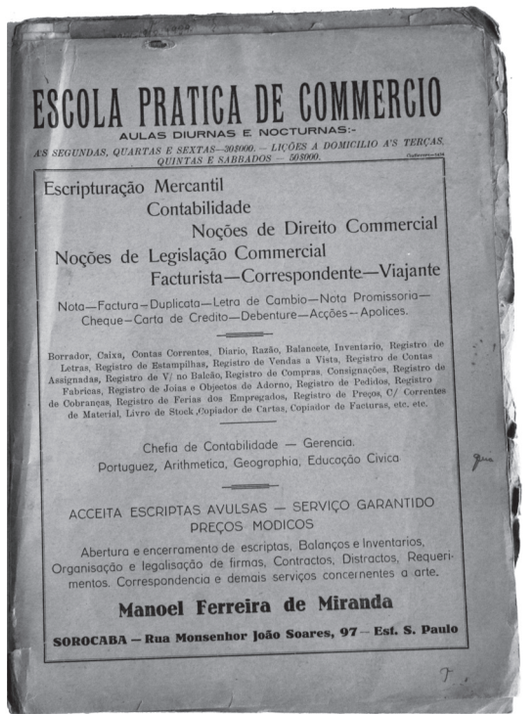
13 "Morreu o nosso diretor, vítima de sua sensibilidade: seu coração vibrou mais que as páginas do jornal". Assim a *Tribuna de Indaiá* noticiou a morte de Gabino Ferreira de Miranda, filho do professor Manoelzinho (30 de agosto de 1963, às 7h30min, no Hospital Augusto de Oliveira Camargo).

Entre os muitos documentos pessoais do Professor Manoelzinho que Ozi guardou – posteriormente doados ao Arquivo Público de Itajaí – há a crônica manuscrita Vida Abundante, não datada, composta com base em um trecho bíblico, João 10-10:

> Uma das preocupações humanas, talvez a maior e mais forte, é a abundância. Ao homem não apraz situação precária. Daí o grande esforço no sentido de conseguir existência abastada, cheia de conforto e bem estar. E aliás parece aspiração justa e até mesmo consentânea com o seu nobre privilégio de rei da criação.
>
> Às vezes, no ardor da luta em prol do ideal, a escolha nem sempre é acertada, o homem troca a luz pelas trevas, deixa Cristo, o caminho seguro, para trilhar a estrada larga das incertezas.
>
> Cabe ao crente, portanto, alta responsabilidade como atalaia que deve apontar ao mundo o feinal da salvação – Cristo, a fonte da felicidade e da riqueza.
>
> E o senhor Jesus, o maravilhoso, o Deus forte, o princípio da paz, na bela lição de hoje, garantia plena e absoluta de vida, e vida em abundância.
>
> Sim, Jesus é a vida, vida fecunda, vida que irradia, vida por excelência.
>
> E o que é a vida? A vida, diz a ciência, é o protoplasma; é o estado de atividade da substância organizada.

Pois bem, foi inaugurada em Itajaí em 1956, as Escolas Reunidas Professor Manoel Ferreira de Miranda, na Rua Stringari, que naquele mesmo ano lançou a cartilha Já Raiou a Liberdade, com a programação cívica alusiva ao Dia 7 de Setembro. A história desta escola foi lembrada por Juventino Linhares em suas memórias:

> Quando o Deputado Bahia Bittencourt apresentou na Assembleia (Legislativa de Santa Catarina) o projeto estabelecendo a construção de um grupo escolar na Barra do Rio, indicou para o mesmo a denominação de Manoel Ferreira de Miranda, o que seria merecida homenagem à memória de quem muito se esforçou para alfabetização da geração que se formava há meio século. O governador Irineu Bornhausen, porém, em cuja gestão a obra foi realizada, denominou-o Henrique Midon, outro educador renomado e grande patriota, que Itajaí jamais poderá olvidar.


ESCOLA PRATICA DE COMMERCIO

AULAS DIURNAS E NOCTURNAS:-

AS SEGUNDAS, QUARTAS E SEXTAS—30$000.— LIÇÕES A DOMICILIO AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS — 50$000.

Escripturação Mercantil
Contabilidade
Noções de Direito Commercial
Noções de Legislação Commercial
Facturista—Correspondente—Viajante

Nota—Factura—Duplicata—Letra de Cambio—Nota Promissoria—Cheque—Carta de Credito—Debenture—Acções—Apolices.

Borrador, Caixa, Contas Correntes, Diario, Razão, Balancete, Inventario, Registro de Letras, Registro de Estampilhas, Registro de Vendas a Vista, Registro de Contas Assignadas, Registro de V/ no Balcão, Registro de Compras, Consignações, Registro de Fabricas, Registro de Joias e Objectos de Adorno, Registro de Pedidos, Registro de Cobranças, Registro de Ferias dos Empregados, Registro de Preços, C/ Correntes de Material, Livro de Stock, Copiador de Cartas, Copiador de Facturas, etc. etc.

Chefia de Contabilidade — Gerencia.
Portuguez, Arithmetica, Geographia, Educação Civica

ACCEITA ESCRIPTAS AVULSAS — SERVIÇO GARANTIDO
PREÇOS MODICOS

Abertura e encerramento de escriptas, Balanços e Inventarios, Organisação e legalisação de firmas, Contractos, Distractos, Requerimentos. Correspondencia e demais serviços concernentes a arte.

Manoel Ferreira de Miranda

SOROCABA — Rua Monsenhor João Soares, 97 — Est. S. Paulo

Na opinião do professor Edison d'Ávila, Manoel Ferreira de Miranda era "pessoa intelectualmente muito bem preparada". Como educador, sentiu falta em Itajaí de uma educação boa, de qualidade, e então criou o Lyceu Infantil:

> A própria escolha do nome Lyceu já mostra a compreensão que ele tinha de um espaço físico próprio para a educação, já denota uma ligação dele com uma nova educação pós-república. O Lyceu Infantil era uma escola que buscava trazer certos conhecimentos ou avanços da pedagogia que estavam sendo praticados em São Paulo e em outros centros que Itajaí não conhecia.

Manoelzinho conheceu a reforma da educação promovida pelo governador de São Paulo, Bernardino de Campos, enquanto morava em Santos, litoral paulista. Naquele período, colaborou com crônicas e artigos para jornais locais.

"O professor Manoelzinho historicamente se antecipou às reformas implantadas pelo governador Vidal Ramos", reconheceu Edison d'Ávila:

> Obviamente, não teve os meios nem o apoio oficial para ser o seu introdutor, até porque ele veio para Itajaí e não teve meios de mobilização nem municipal e nem a nível estadual para fazer isso. Mas ele foi o que trouxe em primeira mão a notícia desta visão.

Lutou bravamente, mantendo em funcionamento uma escola particular, sendo ele um professor negro, destacou d'Ávila:

> A elite itajaiense tinha grandes preconceitos contra negros, a dificuldade que ele teve de tocar o seu Lyceu foi muito grande. Irineu Bornhausen era aluno dele, o que prova que, mesmo com todas essas dificuldades, tudo poderia ter sido diferente, não fosse o episódio do Carnaval Sangrento. Ele poderia ter sido aproveitado no processo da reforma do ensino proposto por Vidal Ramos.

Outro aspecto destacado por d'Ávila foi a atuação de Manoel Ferreira de Miranda como jornalista:

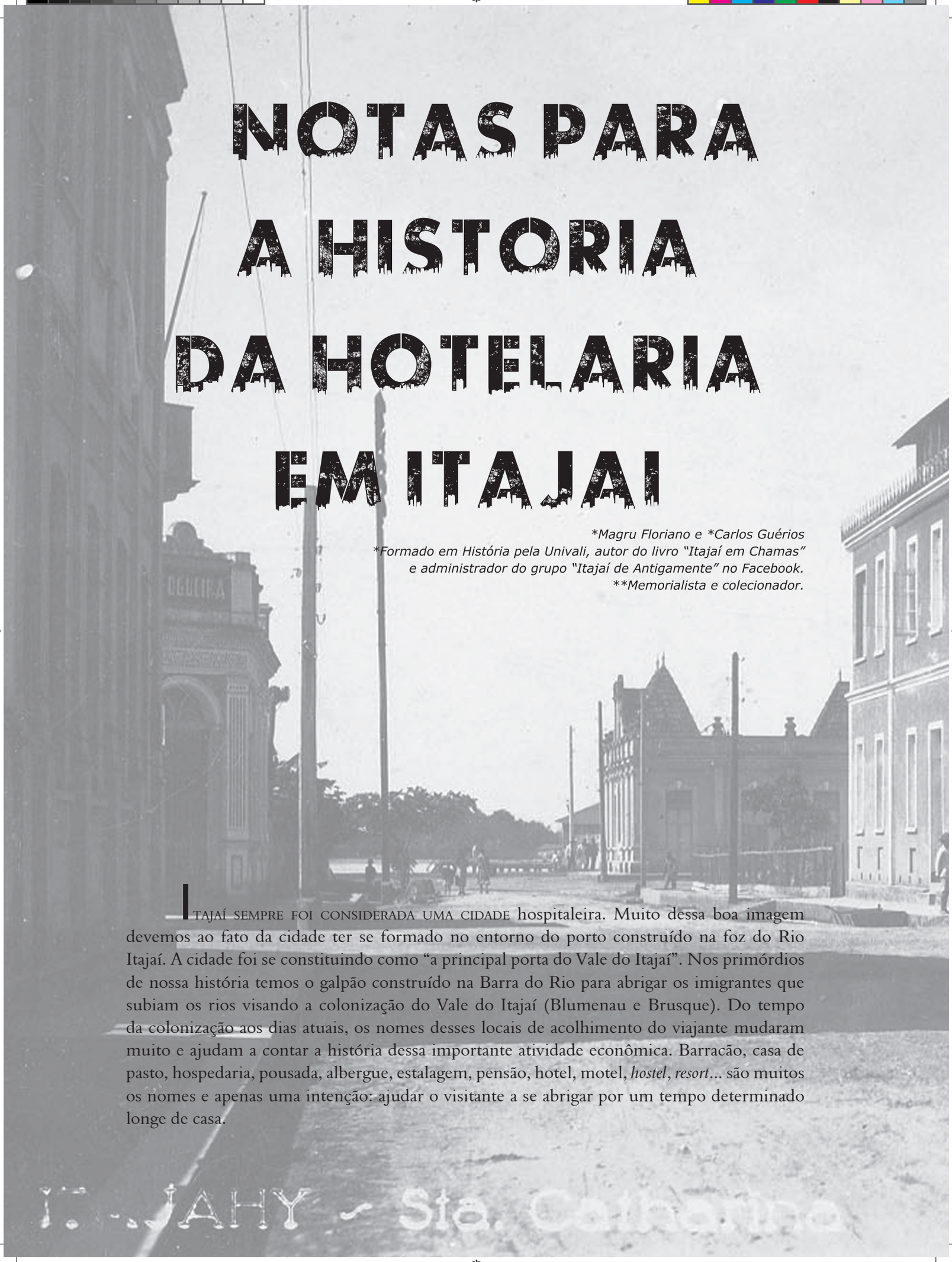
> Ele mostrou seu caráter visionário, a visão estratégica de que a cidade era sede de um porto e a porta de entrada de um vale progressista (Vale do Itajaí), e que por isso poderia ter seu jornal diário. Não conseguiu ir muito adiante por esses episódios, e de certa maneira se transformou em uma pessoa injustiçada porque teve que passar, a partir do Carnaval Sangrento, a usar seu jornal para criticar a situação política da época: República Velha, governo sempre ganhando, oposição tratada a porrete... Ele acabou sendo injustiçado, acabou sendo esquecido.

Esta foi a história que prevaleceu até 2010, quando foi lançado o livro "Jornaes de Hontem: Manoel Ferreira de Miranda e o Primeiro Diário de Itajahy". No cerimonial de lançamento, realizado no Palácio Marcos Konder, em Itajaí, o professor Edison d'Ávila anunciou a instalação do Centro de Educação Infantil Professor Manoel Ferreira de Miranda, inaugurado anos depois com a presença de representantes da família do homenageado.

002-Anuario2019-17-144.indd 75 24/05/2021 15:24:46

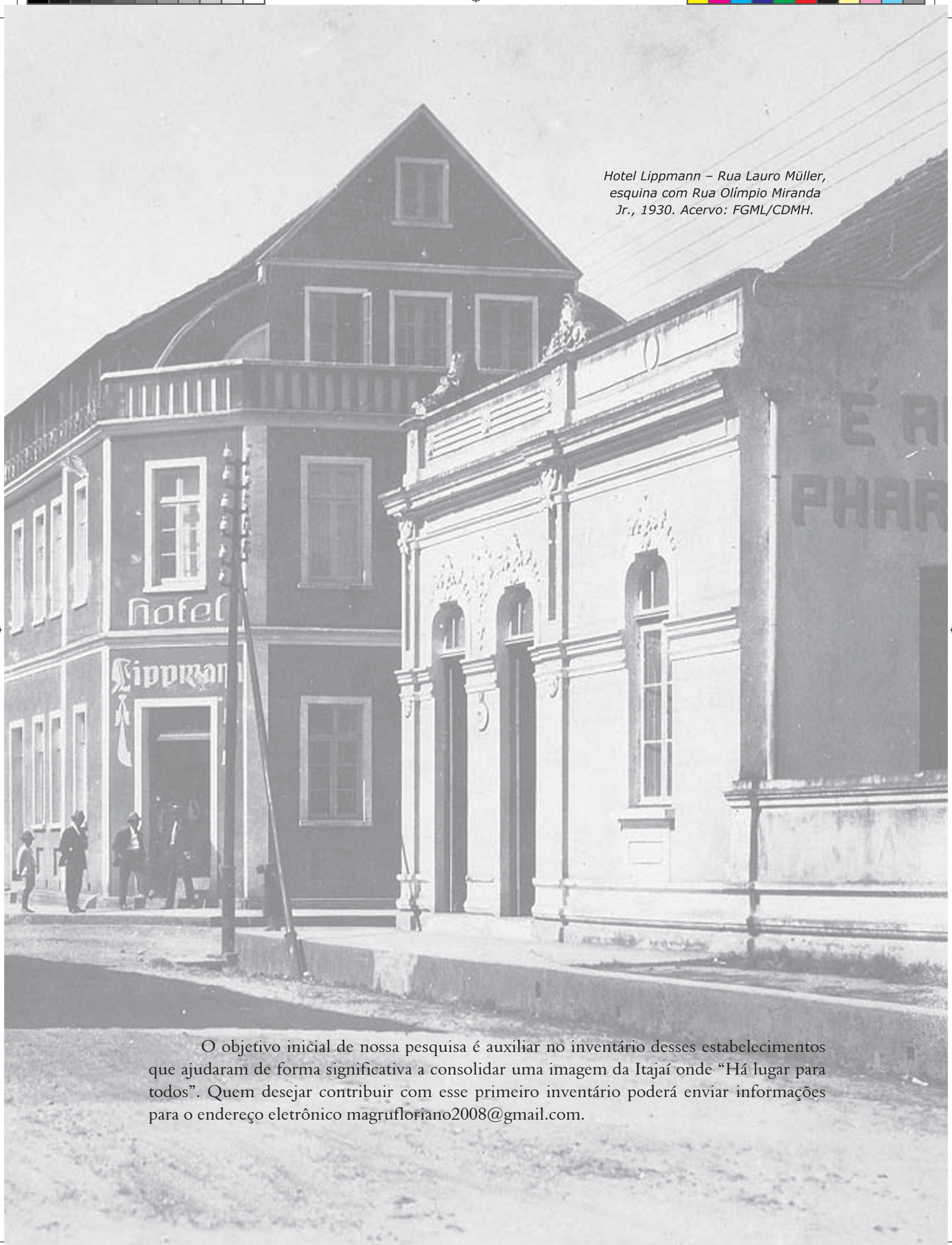
NOTAS PARA A HISTORIA DA HOTELARIA EM ITAJAI

*Magru Floriano e *Carlos Guérios
*Formado em História pela Univali, autor do livro "Itajaí em Chamas" e administrador do grupo "Itajaí de Antigamente" no Facebook.
**Memorialista e colecionador.



ITAJAÍ SEMPRE FOI CONSIDERADA UMA CIDADE hospitaleira. Muito dessa boa imagem devemos ao fato da cidade ter se formado no entorno do porto construído na foz do Rio Itajaí. A cidade foi se constituindo como "a principal porta do Vale do Itajaí". Nos primórdios de nossa história temos o galpão construído na Barra do Rio para abrigar os imigrantes que subiam os rios visando a colonização do Vale do Itajaí (Blumenau e Brusque). Do tempo da colonização aos dias atuais, os nomes desses locais de acolhimento do viajante mudaram muito e ajudam a contar a história dessa importante atividade econômica. Barracão, casa de pasto, hospedaria, pousada, albergue, estalagem, pensão, hotel, motel, *hostel*, *resort*... são muitos os nomes e apenas uma intenção: ajudar o visitante a se abrigar por um tempo determinado longe de casa.

002-Anuario2019-17-144.indd 76 24/05/2021 15:24:49



Hotel Lippmann – Rua Lauro Müller, esquina com Rua Olímpio Miranda Jr., 1930. Acervo: FGML/CDMH.

O objetivo inicial de nossa pesquisa é auxiliar no inventário desses estabelecimentos que ajudaram de forma significativa a consolidar uma imagem da Itajaí onde "Há lugar para todos". Quem desejar contribuir com esse primeiro inventário poderá enviar informações para o endereço eletrônico magrufloriano2008@gmail.com.

Hotel Cabeçudas, Itajaí - s/d. Acervo: FGML/CDMH.

Os primeiros visitantes

Primeiro os viajantes ficavam em casas de famílias conhecidas, indicadas por amigos e parentes. Nos primórdios da colonização, o número de viajantes era muito pequeno e era possível arranjar, de forma improvisada, acomodações para um e outro. O memorialista Paulo Rogério Maes, no livro "Colonização Flamenga em Santa Catarina – Ilhota", apresenta um relato da acolhida que Agostinho Alves Ramos ofereceu, em 1842, a Charles Maximiliano Luiz van Lede, que estava pesquisando o Vale do Itajaí em busca de terras para iniciar projeto colonizador que culminou com a criação da Colônia Belga, atual Ilhota:

> Na segunda-feira, 04 de abril, estavam de volta à Freguesia de Itajaí. Chegaram demasiado tarde na região, por isso resolveram acampar na praia. O clima, por sua vez, era ameno, o céu quase sempre tinha sido sereno, e ao mesmo tempo preferiam o ar livre ao alojamento, pois para descansar no alojamento havia a preocupação de incomodar o Coronel Agostinho Alves Ramos. [...] O Coronel, porém, mandou-os chamar e abriu-lhes sua residência imediatamente, pois van Zoite, que era português e o patrão da guarnição, tinham avisado o Coronel sem que eles soubessem. As atenções e as cortesias de que foram alvo excederam a tudo que esperavam. [2005, pag. 39-40]

Um dos primeiros locais de acolhida a quem estava de passagem por Itajaí foi o barracão dos imigrantes montado na Barra do Rio pela empresa colonizadora do Doutor Blumenau. Ali, há muito, Agostinho Alves Ramos mantinha um galpão industrial, adaptado para dar abrigo a canoeiros e transeuntes que, posteriormente, foi vendido à empresa colonizadora e adaptado para servir de abrigo provisório para os imigrantes que aguardavam, a partir de 1850, a ida definitiva para seus lotes na Colônia Blumenau. Também serviu de primeiro ponto de apoio aos imigrantes que formaram o projeto colonizador no Itajaí-mirim, a Colônia Itajahy, a partir de 1860, embrião do Município de Brusque.

002-Anuario2019-17-144.indd 78 24/05/2021 15:24:52

> O Dr. Blumenau e seu sócio Fernando Hackradt, que em 17 de setembro de 1849 haviam comprado do coronel e sua mulher a propriedade da barra do rio pequeno, onde construiriam o barracão para recepção dos imigrantes que se destinassem à colônia a ser fundada [...] (2018, pag. 71).

Como podemos perceber nos dois relatos acima, as pessoas mais proeminentes recebiam guarida nas próprias residências das autoridades e grandes sesmeiros locais, enquanto os trabalhadores montavam abrigo nas praias ribeirinhas e, depois, tinham como referência de abrigo o barracão dos imigrantes na Barra do Rio.

Itajaí urbanizada

Na medida que Itajaí ia crescendo e se urbanizando no entorno da igrejinha da Immaculada Conceição, começa a surgir também casas especializadas em recepcionar viajantes, principalmente, funcionários públicos a serviço e caixeiros viajantes. Muitos colonizadores do Vale do Itajaí utilizavam o Porto de Itajaí para o serviço de transporte marítimo. Muitas vezes os navios atrasavam ou ficavam impedidos de entrar na barra do Rio Itajaí por conta do mau tempo e o passageiro tinha a necessidade de pernoitar na cidade. Também, Itajaí começava a receber um número cada vez mais significativo de agricultores e comerciantes vindos do interior com o propósito de comercializar na cidade. Agricultores de toda a região enchiam suas carroças de produtos agrícolas e vinham para Itajaí, necessitando de um local onde pudessem deixar descansando sua parelha de tração, geralmente cavalos. Comerciantes começaram a suprir essa necessidade dos viajantes e gradativamente foi surgindo as "casas de pasto". Elas eram construídas em terreno amplo, contendo estábulo, bastante água para os animais, restaurante e dormitório.

João Pery Brandão escreve em suas memórias que ainda chegou a conhecer diversos desses estabelecimentos comerciais em Itajaí. Os jornais de época também nos indicam a existência de diversos estabelecimentos desse tipo no início do século. O jornal "Novidades", de 19 de fevereiro de 1905, faz referência à casa de pasto de João Baptista Moritz, que abrigou viajantes na Rua Brusque entre 1897 e 1905. Próximo ao mercado de peixe, até por volta de 1928, funcionou uma denominada Casa Verde, possível embrião do Hotel Lippmann. O jornal "O Pharol", de 1906, traz propaganda da "Casa de Pasto Germano Shumaher", localizada no cruzamento das ruas Quinze de Novembro com a Onze de Junho.

Na medida que os automóveis foram ocupando o lugar dos carros de tração animal no setor de transporte individual e de carga, também foram sendo modificadas as maneiras de recepcionar o viajante. Esses estabelecimentos, portanto, sem ter de reservar bom pasto e água para os animais de tração, passaram a se constituir em pensão, dormitório, pousada...

Sobre essas casas de abrigo mais informal, temos notícias até os dias atuais, como é o caso de: Pensão Pamplona (Rua Lauro Müller, 1940), Pensão da Dona Ana (Rua Brusque, 1950/1970), Pensão da Dona Agostinha (Bairro de Itaipava, 1940-1950), Pensão da Dona Cátia (Rua Lauro Müller), Pensão Sandri (Rua Brusque), Pensão da Dona Maria Carlota (Rua Carlos de Paula Seára), Pensão do Seu Tarcílio (Bairro de Praia Brava, 1940), Pensão da Dona Belinha (Bairro de Cordeiros, 1957), Pensão Gaya (Distrito de Luis Alves, 1950).

O modo como o comerciante Nicolau Laurindo atendia os clientes da "Pensão Tarcílio" dá uma boa demonstração de como o setor funcionava de forma precária nos primórdios da urbanização de nosso Município. Dizem que Seu Tarcílio, codinome de Nicolau, aceitava que alguns clientes vindos do interior pagassem a estada em seu estabelecimento com os produtos que traziam para comercializar em Itajaí. Outros, clientes de confiança, pagavam a estada na volta, após "fazerem a feira" no centro de Itajaí.

Da casa de pasto aos hotéis

O Hotel Lippmann, instalado na confluência das ruas Lauro Müller com a Olímpio Miranda Júnior, próximo ao Mercado Público, pode servir de referência para as mudanças que ocorreram no setor ao longo do tempo. Iniciou como casa de pasto para atender os agricultores e comerciantes que chegavam ao centro de Itajaí para efetuar negócios no largo do Mercado Público e, gradualmente, foi se transformando em um dos maiores hotéis da cidade, contando com o espírito empreendedor da família Lippmann. Mesmo com a construção da sede em alvenaria, por um bom tempo, o hotel manteve estábulo para atender o pessoal que vinha do interior, inclusive de Luis Alves, Ilhota e Brusque. Foi fundado em 1926 e dirigido até 1931 por Otto Lippmann. Entre 1931 e 1946, foi administrado por Paulo Lippmann que o vendeu para Osmar de Souza Nunes e Camilo Mussi, que mudaram o nome para Hotel Comercial, terceirizando suas atividades sob comando do hoteleiro Prudente Pereira, que tempos depois vai construir o Grande Hotel na Rua Felipe Schmidt.

Outro estabelecimento hoteleiro de Itajaí que assistiu de pé a mudança radical que ocorreu neste setor econômico foi o Hotel Brazil. Ele foi inaugurado em 1897 e sobrevive até os dias atuais, mas com o nome modificado para Hotel Rota do Mar. O estabelecimento é testemunha das mudanças de nomes da própria rua onde está instalado. Primeiro era Rua da Praia, mudando sucessivamente para Rua Conde d'Eu e Rua Lauro Müller. O mesmo ocorreu com o hotel, que iniciou com o nome de Hotel Brazil, depois Hotel Itajahy e Itajai; atualmente responde pelo nome de Hotel Rota do Mar. Construído pelo casal Alexius Reiser e Elizabeth Mohr, também foi administrado por Pedro Burghardt, Bruno Ferdinando Malburg, Carlos Wloch , Paulo Henrique Fuck, Francisco Pascale, José Castelarini. O hotel figura entre os hotéis mais antigos de Santa Catarina com funcionamento ininterrupto.

Cabeçudas foi a localidade itajaiense, fora do centro comercial, a receber os primeiros estabelecimentos hoteleiros visando especificamente o turismo. Primeiro foi o Hotel Cabeçudas de José Zwoelfer, em 1927, depois, Elói Cordeiro construiu o Hotel Cordeiro (1950). Este hotel deu lugar ao Hotel Marambaia Cabeçudas, exemplo da modernidade que

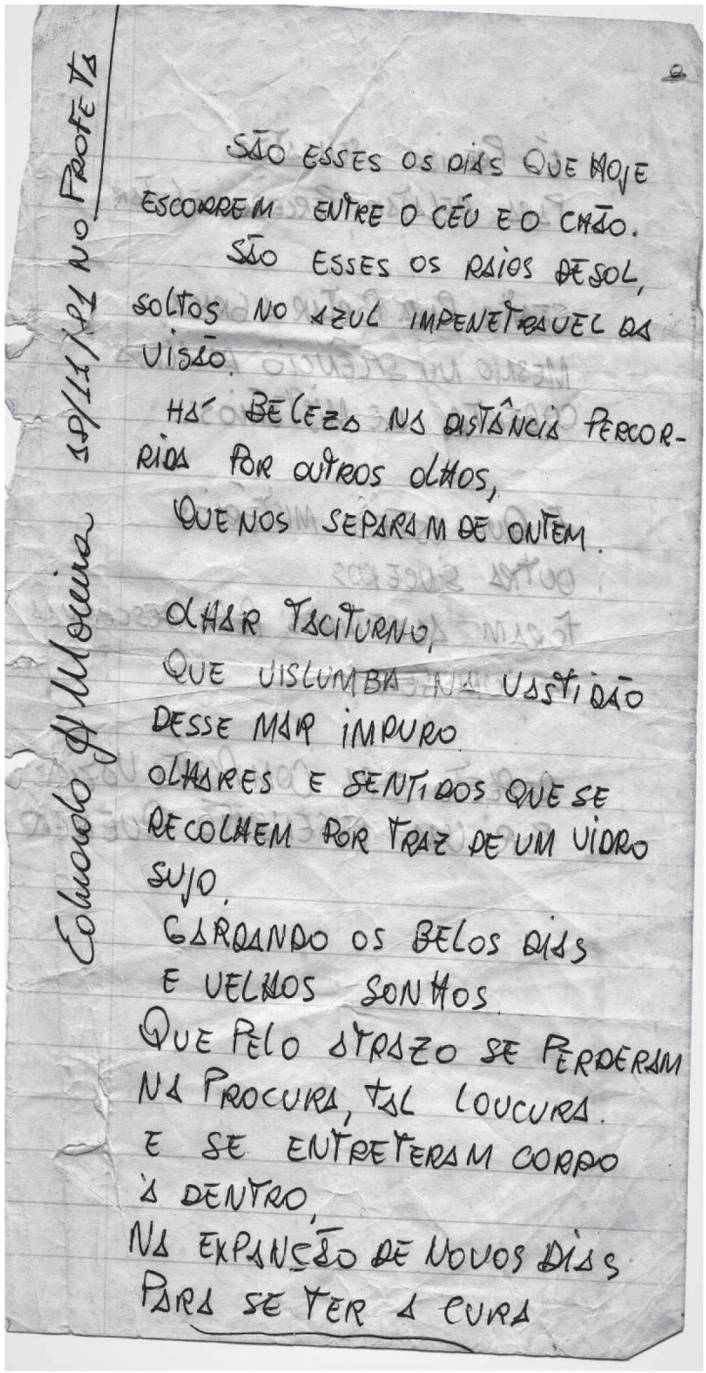
atingiu o setor na década de 1960. Daí para a frente o número de estabelecimentos hoteleiros acompanhou o ritmo frenético do próprio crescimento da cidade de Itajaí.

Promovendo um inventário preliminar dos hotéis da cidade, encontramos os seguintes nomes: Adry, Âncora d'Ouro, Âncora do Mar, Atlântico Praia Cassino Hotel, Cacique, Caiçaras Palace, Cantanapoli, Capri, Caravelas, Regência, Cassino Praia Brava, Castelain, Castro, Catarinense, Central, Cercal, Cirandinha, City, Commercial, Cruzeiro, Dom Pedro II, Mello, Estrela, Fioravante, Garcia, Grajaú Turismo, Grande Hotel, Grande Hotel Burghardt, Palace, Herbst, Ibis, Imperador, Reese Mariner Plaza, Itajahy, Brazil, Itajaí-tur, Linhares, Malburg Palace, Moura Palace, Caiçaras, Valerin, Silva, Marambaia Cabeçudas, Marjaí Tourist, Moser, Palace, Panorama, Planas, Reis, Rex, Rigo, Rocha, Rodoviário, Rota do Mar, San Remo, Sandri Palace, Santo Antônio, Scharlon, Souza, Stanke, Strenzel, Tamoyo, Triângulo, Vechieti, Viajantes, Vitória, Votorantin, Walter.

Base para consulta

BRANDÃO, João Pery. **Itajaí que eu vi**. Itajaí: autor, 1982 (datilografado)
D'ÁVILA, Edson. **Pequena história de Itajaí**. 2.ed. rev. ampl. Florianópolis: IHGSC, 2018.
FITUR. **Informativo Turístico Itajaí – SC**. Itajaí: Fitur, 2004. (xerox)
FÓES, Félix Albino Gomes. Hotel Cabeçudas. IN: **Itajaí – imagens & memória.** DEOLLA, Lindinalva. Itajaí/Blumenau: Amaral / Nova Letra, 2016. Pag.116-7.
GALATTO, Benedito. Hotel Brazil / Itajahy Hotel. IN: **Itajaí – imagens & memória.** DEOLLA, Lindinalva. Itajaí/Blumenau: Amaral / Nova Letra, 2016. Pag.114-5.
MAES, Paulo Rogério. **Colonização flamenga em Santa Catarina – Ilhota**. Itajaí: ed. Autor, 2005.
ROTHBARTH, Marlene Dalva da Silva. Hotel Lippmann. IN: **Itajaí – imagens & memória.** DEOLLA, Lindinalva. Itajaí/Blumenau: Amaral / Nova Letra, 2016. Pag.118-9.

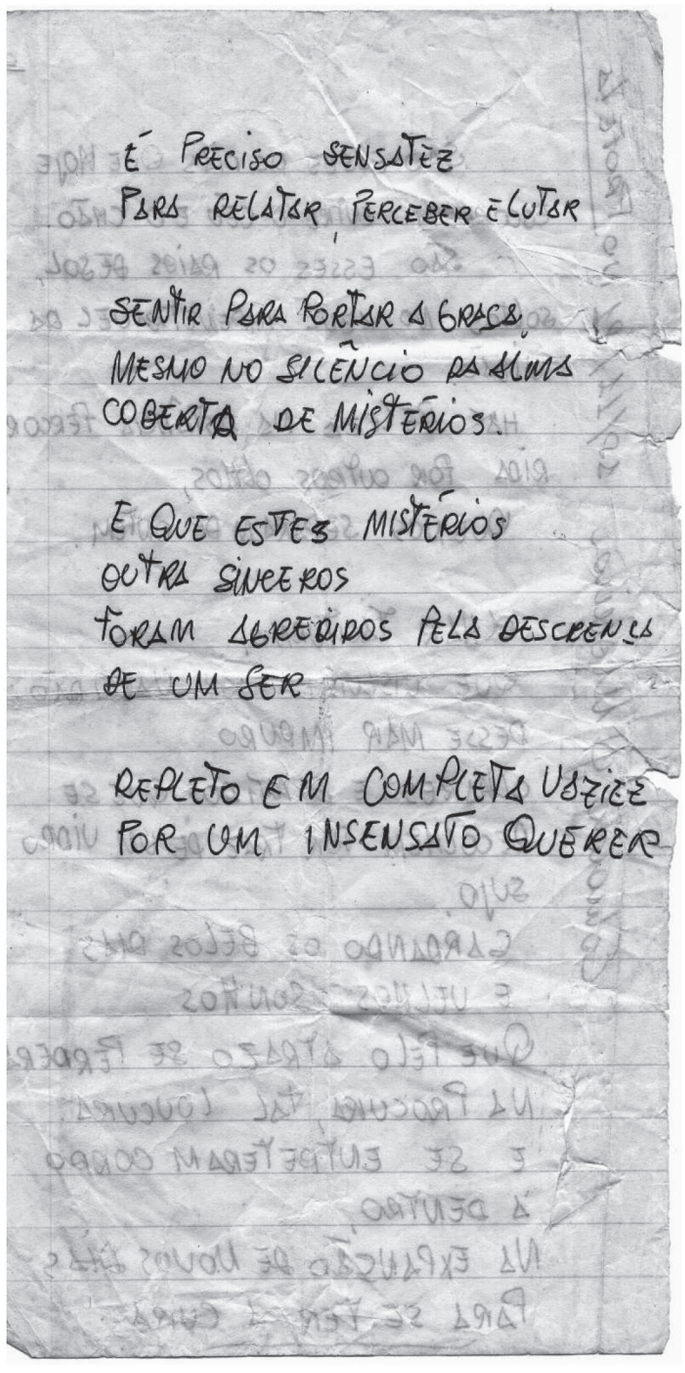
Htel Garcia, 1948 (enchente, Rua Hercílio Luz). Acervo: FGML/CDMH,



Eduardo de Oliveira 19/11/21 No Profeta

SÃO ESSES OS DIAS QUE MOLE
ESCORREM ENTRE O CÉU E O CHÃO.
SÃO ESSES OS RAIOS DE SOL,
SOLTOS NO AZUL IMPENETRÁVEL DA
VISÃO.
HÁ BELEZA NA DISTÂNCIA PERCOR-
RIDA POR OUTROS OLHOS,
QUE NOS SEPARAM DE ONTEM.

OLHAR TACITURNO,
QUE VISLUMBRA A VASTIDÃO
DESSE MAR IMPURO.
OLHARES E SENTIDOS QUE SE
RECOLHEM POR TRÁS DE UM VIDRO
SUJO.
CARCOMIDO OS BELOS DIAS
E VELHOS SONHOS.
QUE PELO ATRAZO SE PERDERAM
NA PROCURA, TAL LOUCURA.
E SE ENTRETERAM CORPO
À DENTRO,
NA EXPANSÃO DE NOVOS DIAS
PARA SE TER A CURA



É PRECISO SENSATEZ
PARA RELATAR, PERCEBER E CUTAR
SENTIR PARA PORTAR A GRAÇA,
MESMO NO SILÊNCIO DA ALMA
COBERTA DE MISTÉRIOS.

E QUE ESTES MISTÉRIOS
OUTRA SINCEROS
FORAM ABREVIADOS PELA DESCRENÇA
DE UM SER

REPLETO EM COMPLETA USZICE
POR UM INSENSATO QUERER

REMINISCÊNCIAS DA ALDEIA

Eduardo Hora – múscio.

FOI EM 1996 QUANDO CONHECI Eduardo João Teixeir Moreira, no *atelier* do artista plástico Agê Pinheiro. Antes, conhec "O Equilibrista", um de seus painéis em compensado nava exposto na pequena Galeria de Artes das lojas Giorama, na esquin da Rua Felipe Schmidt com o calçadão da Rua Hercílio Luz.

No painel, sobrepondo o vermelho profundo a figura d equilibrista, em preto chapado, em que se escorava em seu guarda chuva. Nunca lhe perguntei, mas me parecia que a personager evitava mergulhar no sangue, numa suposta percepção medonh da morte. Contraditoriamente, a graça e a alegria da dança m produziam movimentos largos. Tristeza e Alegria em confronto Da alma do artista, tudo é viável.

Eduardo passou a ser Moreira. Eduardo passou a ser Hora - Diga-me, Moreira! – Sou todo ouvidos, Hora!

E nas madrugadas insones se estabeleciam os diálogos, or filosóficos, ora conspiratórios entre planos e ações. À medida qu os anos foram avançando no tempo, o Pintor foi dando lugar ao Artista Gráfico e Editor das Palavras, poucas das suas e muito as dos outros. Havia o Papa-Siri, editado e produzido em parceria com Rogério Marcos Lenzi. Eu, entre tantos outros escritores da Aldeia, recebi o espaço que faltava no eco de cada pensamento, o grito ou sussurro se espalharam pela Cidade. Para cada texto ou poema, o Moreira emoldurava com seus traços estabelecendo um contraponto com a escrita – a provocação.

Entendi, aos poucos, sua relação com a cor vermelha e os vários diálogos com a cor preta e seus desenhos bidimensionais, como se posicionasse no ponto da perspectiva que poderia estar em qualquer lugar, ao prazer do interlocutor.

Carinhosamente, chamava Itajaí de "A Pequena Pátria" e nos remetia à aldeia, uma metáfora irônica à expansão urbana. Então dizia: - Quanto mais humanos, mais anônimos

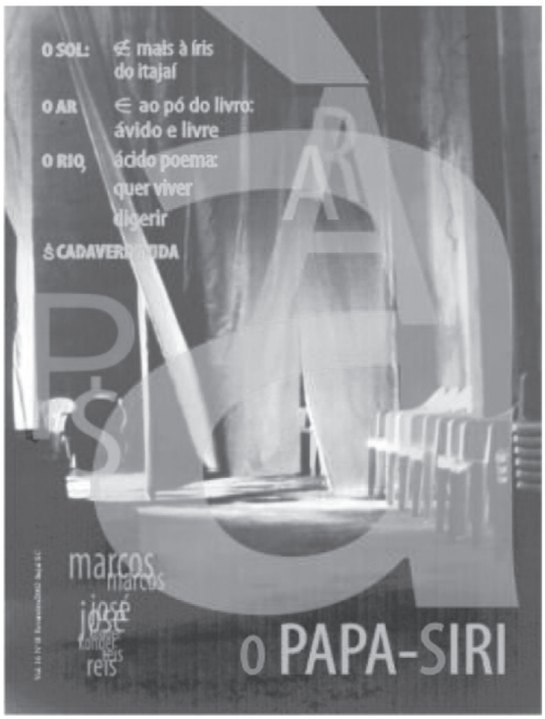
aldeia
PROJETOS SOCIOCULTURAIS
ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA para o Desenvolvimento e Incentivo às ARTES

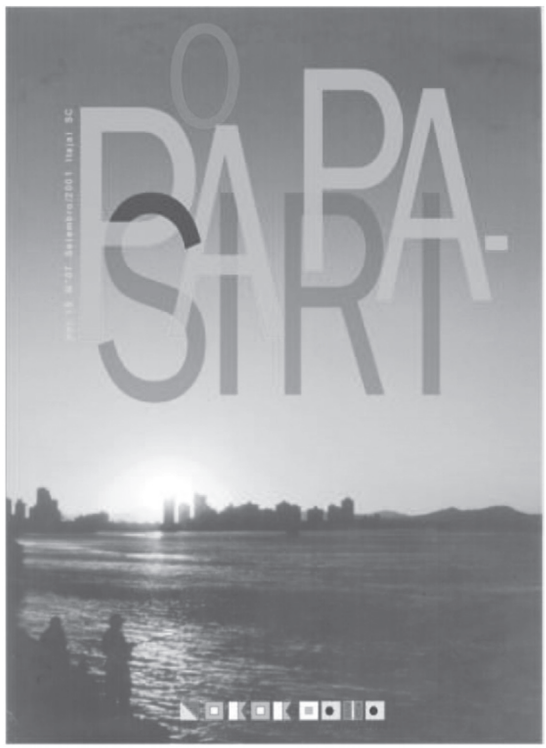
olhaopeixe
umarevistacultural

A Galeria Fayal de Artes Visuais
convida para o lançamento
em 1° de dezembro de 2006
às 20 horas.
Rua Alfredo Trompowsky, 153
Vila Operária
Itajaí
SC

somos... Foi o ponto de partida para a criação da Aldeia, que gerou outro de seus veículos de comunicação, o Jornal Correio das Nações. Na primeira edição escreveu um editorial, uma ode a Aldeia Utópica. A paixão pelas palavras, ditas e não ditas, benditas e malditas, engendrou a revista Atalaia, grande parte produzida na minha casa, outra no bar (sagrado templo da memória aldeã).

Creio que grande parte da humanidade já tenha tido a experiência do "encontro de Almas". Assim se fez o encontro dos Eduardos, por afinidade de pensamento, ofício e, apesar das divergências de temperamento, as almas se movimentam por si só, à revelia do raciocínio. Se o exercício das Artes não define o Homem, sua obra é seu legado além do tempo e do espaço.





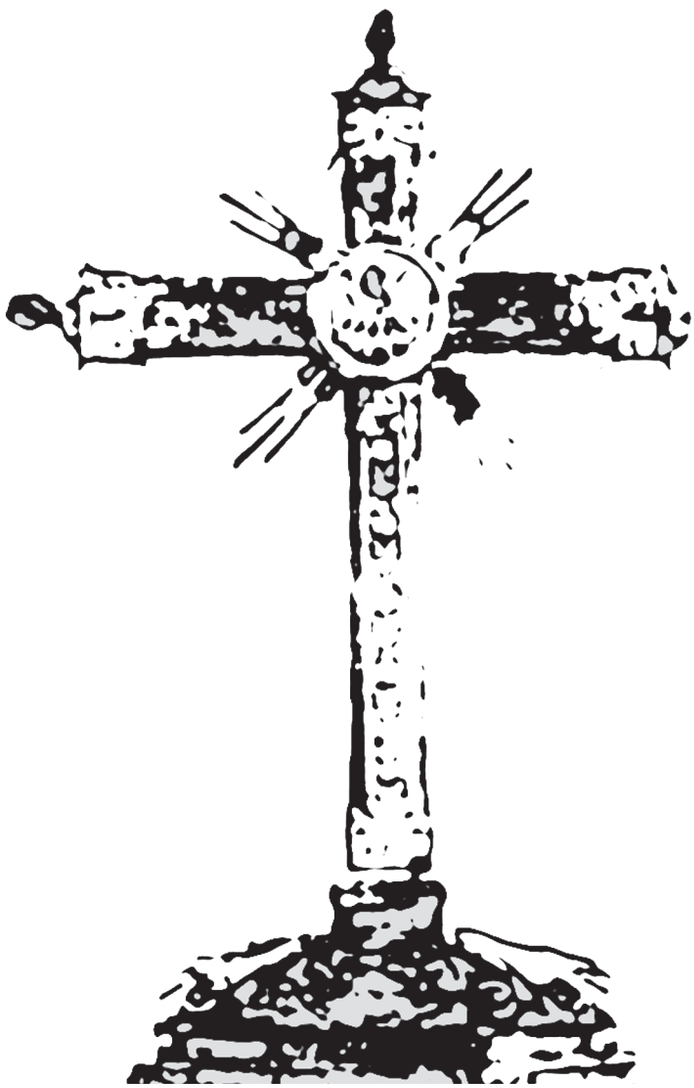
002-Anuario2019-17-144.indd 85 24/05/2021 15:24:54

Paróquia Santíssimo Sacramento:

uma pequena apresentação

Pe. Eder Claudio Celva
Escritor, Pároco da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí.

Para mim, como pároco, é uma grande alegria poder escrever algo desta minha e nossa paróquia. Já me sinto totalmente adotado por minha paróquia e membro da estimada comuna itajaiense.



Uma paróquia é muito mais que um território determinado com fiéis que professam a fé católica, cujo símbolo de tal profissão está nos templos que a compõem. A vivência eclesial uniu e organizou as pessoas. O estabelecimento do curato — 1824 — da paróquia — 1833 — formam elementos decisivos para a cidade de Itajaí também civilmente. As paróquias foram os primeiros estabelecimentos que tiveram função governamental e religiosa *in loco* e na vida concreta das pessoas. Foram as primeiras câmaras civis com instituição jurídica, os primeiros cartórios, os primeiros cemitérios, a casa de todos. Portanto, a história da Igreja Católica em Itajaí traz referimento obrigatório ao coração desta cidade, à sua gênese, à sua fundação, constituição e acompanhamento vivencial simbiótico. Coração com dois ventrículos hoje arquitetonicamente simbolizados: a Matriz antiga, o marco zero de

nossa cidade; a matriz atual, a edificação que mais expressa a índole naquilo que há de melhor em nossa gente. É ainda mais. É a História de um povo naquilo que tem de mais precioso, sua dimensão transcendental.

As paróquias são casas educadoras, de todos. Em volta de templos, catedrais, conventos, mosteiros, capelinhas, a sociedade se organizou. Quando nada havia, elas foram radicalmente o lugar de todos, onde a pessoa passa a ser alguém, sentir-se membro. Há nela riqueza: celebração, ensino, horas de convívio, partilha de vida, de bens, de potencialidades, onde cada pessoa é uma riqueza para enriquecer a comunidade. Nela entendemos o valor da paroquialidade, da diocesaneidade, da eclesialidade, do bem comum, da salvação operada por Cristo. E isso há de ser sempre a maior fonte de esperança para todos.

As paróquias são casas sempre abertas. Quem salvou a Igreja de ser uma seita foram as paróquias espalhadas nos diversos rincões; sanearam afinidades! Pode-se dizer que, se o mesmo sino chama a todos, o mesmo recinto acolhe a todos e no mesmo banco, lado a lado, estão o miserável e o ricaço, o santo e o pecador, nós todos.

Sermos paróquia hoje, neste tempo que é o melhor, porque é o único possível, é de fato saber que nossa missão é intervir, transformar a realidade com o Evangelho da salvação, vivido, celebrado, concretizado em nossos corações, como se fôssemos paróquias ambulantes, partes de um todo comum, como as paróquias o são compondo as realidades diocesanas à plenitude da Igreja de Cristo enquanto peregrina. Ser cidadão-paróquia é intervir, interagir, manter, modificar a composição da realidade, nas possibilidades e capacidades melhores.

A Matriz Santíssimo Sacramento já goza de atração natural, por sua história, por sua localização e beleza; oásis de almas sedentas. É entendida como a igreja de toda a cidade; seu povo passa por suas portas... Suas paredes impregnaram-se de certa forma de cada vida que penetraram seus limiares; são vidas que transcendem os limites da existência, tocam o próprio Deus que resolveu montar sua tenda entre nós.

Os três templos de nossa Paróquia

Igreja Matriz antiga: Imaculada Conceição

Eis o local onde nossa cidade nasceu, foi batizada e, em seu entorno cresceu; a Itajaí de hoje! Da cidade atual podemos dizer que ela teve origem na fundação de um póvoa que foi amalgamada por muita gente de muitos modos a partir do final do século XVIII.

A História da Igreja Católica em Itajaí tem sua gênese institucional em 1815, quando Santa Catarina recebeu a primeira Visita Pastoral. Vinha do Rio de Janeiro o bispo dom José

Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição (cartão postal), 1898 ou 1899. Acervo: FGML/ CDMH.

Caetano da Silva Coutinho, e também esteve em Itajaí[1]. A visita de 1815, ocasião da permissão para construírem a igreja de Itajaí. Contudo, faltava certamente alguém com natural liderança e boa vontade para saber levar as costumeiras contradições de coisas comunitárias. A ideia só foi concretizada a partir de 1822, com uma doação. "O terreno para a construção da capela foi doado por um casal, morador antigo da margem esquerda do Itajaí, José Coelho e sua mulher"[2].

Em 2 de fevereiro de 1824, a capela do Santíssimo é inaugurada com a celebração da primeira missa. Contíguo ao templo de taipa, logo atrás, delimitou-se área para o cemitério[3]. Em 31 de março de 1824, a capela foi elevada à condição de Curato. "Assim, um franciscano, frei Pedro Antônio de Agote desembarcou [...]"[4]. Planta-se aqui a semente da nossa atual cidade. O nosso certificado de existência legal e autônoma dentro de um territorial delimitado.

Em 12 de agosto de 1833, o Curato foi elevado à condição de paróquia. A póvoa crescia, mas a igreja estava sempre precisando de reparos. A contar de 1843, uma luta incisiva para o levante de igreja nova, a mesma que resultará na igreja de hoje. Trabalhou-se, discutiu-se. Os anos passavam e com lentidão ia sendo construída. Era de alvenaria autoportante constituída essencialmente de pedras, rebocadas. Com o passar dos anos ela transformou-se uma igreja sólida, bonita e referencial. No limiar do século XIX para o XX, a edificação ganhou as feições atuais. Aumentou-se as naves laterais, duplicando-lhe a volumetria pelos vãos abertos das paredes do templo primitivo.

A atual igreja é tida como de arquitetura eclética, é, pois, o resultado de várias metamorfoses das mais variadas intervenções que recebeu. Visando justa preservação, a antiga matriz foi tombada pelo patrimônio histórico do Estado em 25 de junho de 1998 e, pelo Município, em 26 de junho de 2006.

1 PIAZZA, Walter. F. **A Igreja em santa Catarina. Notas para sua História.** Editora IOESC. Florianópolis – SC. 1977. p.90.
2 SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. Editora Edeme. Florianópolis. 1971. p.19.
3 Deve ter sido desativado em algum ano da década de 1870.
4 SCHMITT, frei Elzeário. **São Pedro Apóstolo de Gaspar. 158 anos. Nas Malhas da História**. Edição do autor. Gráfica Odorizzi. Blumenau 2008. p.26.

002-Anuario2019-17-144.indd 88 24/05/2021 15:24:55

Carinhosamente é a "igrejinha da Imaculada". A titulação dada é simpática e correta. Está, contudo, obrigada a carregar consigo certos esclarecimentos. Foi definido logo depois na inauguração da matriz atual, pois em 1959, "começou-se ainda a reforma na matriz velha que deverá estar terminada até junho do próximo ano e **passa então a chamar-se: 'igreja da Imaculada Conceição',** conforme entendimento havido com o Sr. Arcebispo Metropolitano"[5]. Então, a partir de 1960: igreja Imaculada Conceição!

Igreja Nossa Senhora da Paz – Vila Operária

O desejo de uma capela nesta parte de Itajaí nasceu nos primeiros anos da década de 1920, juntamente com a criação de um novo centro habitacional, Vila Operária. É a segunda igreja no perímetro urbano de Itajaí. Uma nova igreja no perímetro urbano era uma necessidade. Recordando que a matriz não comportava mais o número de fiéis. Era inclusive a oportunidade de novo horário de missa dominical para o centro da cidade.

A 29 de dezembro de 1925, há o documento de doação de terreno pela Construtora Catarinense Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda.[6] Encomenda-se a planta ao arquiteto Jayme Bento da Silva, engenheiro das Escolas Internacionais dos Estados Unidos.[7]

A 7 de fevereiro de 1926, foi lançada a pedra fundamental, depois da missa campal no local, com participação de cerca de 3.000 pessoas.[8] A missa foi presidida pelo itajaiense Pe. José Rodi-SJ, com a presença de Pe. Paulo Condla e, pregador o pároco de Blumenau, frei Daniel Hostin. Depois a missa campal, a bênção da pedra e sua colocação no canteiro. As festividades foram por toda tarde realizadas no edifício da fábrica de tecidos dos senhores Azevedo e Petermann. Este memorável dia foi a primeira ocasião de união comunitária no loteamento recém-iniciado.

Igreja Nossa Senhora da Paz (em construção), Vila Operária, Itajaí, s/d. Acervo: FGML/CDMH.

A obra foi dirigida pelo construtor Primo Uller. Passou para o culto público pelo ano de 1930. Em 1932, a 9 de maio, dom Joaquim, o arcebispo, estando em Itajaí, fez a bênção do templo.

Trabalhos e rumos... Seria a capela da Vila uma igreja Matriz para uma nova paróquia em Itajaí! Assim, também o entusiasmo de uma construção nova. Em 30 de abril de 1972, a bênção da Pedra fundamental da igreja que hoje vemos. Em 26 de agosto início das obras.

5 Grifo do autor. Livro Tombo n. II. 81. Arquivo Paroquial.
6 Livro do Inventário. Arquivo Paroquial.
7 Jornal O Pharol, Itajaí, 06/02/1926. Arquivo Paroquial.
8 Jornal O Pharol, Itajaí, 13/02/1926. Arquivo Paroquial.

Na festa de maio de 1973, a primeira missa dentro da igreja em construção. A nova igreja foi inaugurada por dom Afonso no dia 9 de novembro de 1975.

Igreja Matriz Santíssimo Sacramento

O plano de uma nova Igreja Matriz para a paróquia vem de 1905. Será a obra que estará no coração dos itajaienses por meio século, pois a Matriz Santíssimo somente será inaugurada em 15 de novembro de 1955. Os trabalhos precedentes não resultaram em construção.

Finalmente, em 1938, uma planta foi encomendada pelo pároco, Pe. José Locks, junto ao arquiteto alemão Simão Gramlich. Sendo a planta muito discutida pelos elevados custos, a Cúria aprovou projeto de outro arquiteto, mais simples. Mas ao final, a planta de Gramlich é a eleita pela Comissão de Obras.

Depois de toda a preparação de materiais e finanças, o primeiro trabalho no canteiro de obras aconteceu em 19 de fevereiro de 1941. Toda esta primeira fase irá acontecer durante a Segunda Guerra; com ritmos diferentes a construção seguirá.

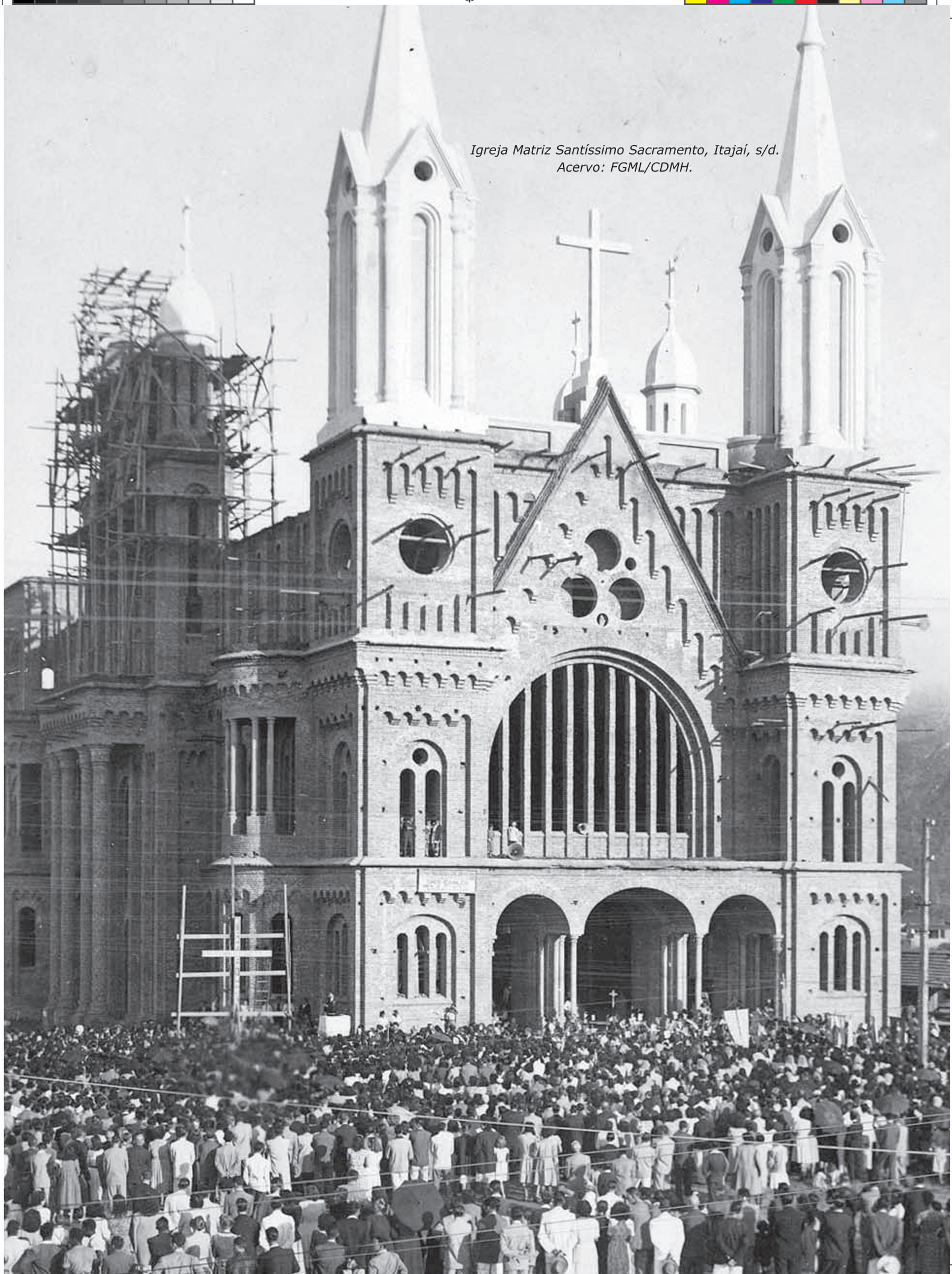
Em 1947, novo pároco assume Pe. Vendelino Hobold, que seguirá cuidando da construção até sua conclusão, na dedicação do templo, em 15 de novembro de 1956. Em 29 de novembro de 1947, tem início a sua utilização para o culto litúrgico.

Estilo eclético, rebuscado, imponente. Quem olha a matriz logo percebe que a construção extrapolava possibilidades rasas: arcos, ogivais, balaustradas, arabescos, gárgulas, relógio artístico, frisos, molduras, pilastras, coruchéus, rosácea, sacadas, merlões, colunatas, torreões, elevados piramidais, carrilhão, relógio, vitrais... O grande telhado totalmente embutido com corpo da igreja. As laterais com fachadas semi-frontais, inclusive com torres mais baixas das frontais com cúpula abobadal, diferentes das frontais que são cônicas. Isso só para falar da percepção exterior. As características são elementos ecléticos de um conjunto harmonioso com dimensões estruturais superlativas. Em Santa Catarina crê-se ser a primeira igreja que ele projetou com tal monumentalidade.

Traz obras de seis artistas, três alemães e três italianos. Simão Gramlich – arquiteto, Martin Obermeyer – vitralista, Erwin Teichmann – escultor. Os iconógrafos da arte pictórica: Emílio Sessa, Aldo Locatelli, e Attílio Pisoni.

A nossa matriz é muito amada por sua beleza arquitetônica, artística, ainda por sua importância histórica para toda a cidade. Até mesmo visitantes desatentos dela não sairão sem a constatação de impacto. “Esta é a Casa de Deus e porta do Céu”, — na feliz expressão de dom Joaquim quando da inauguração — que somos chamados a conhecer, amar e preservar.

Desde então, Itajaí não deixa de citar a Igreja Matriz Santíssimo Sacramento como a síntese da alma de sua gente, numa obra de distinção sem precedentes.



Igreja Matriz Santíssimo Sacramento, Itajaí, s/d.
Acervo: FGML/CDMH.

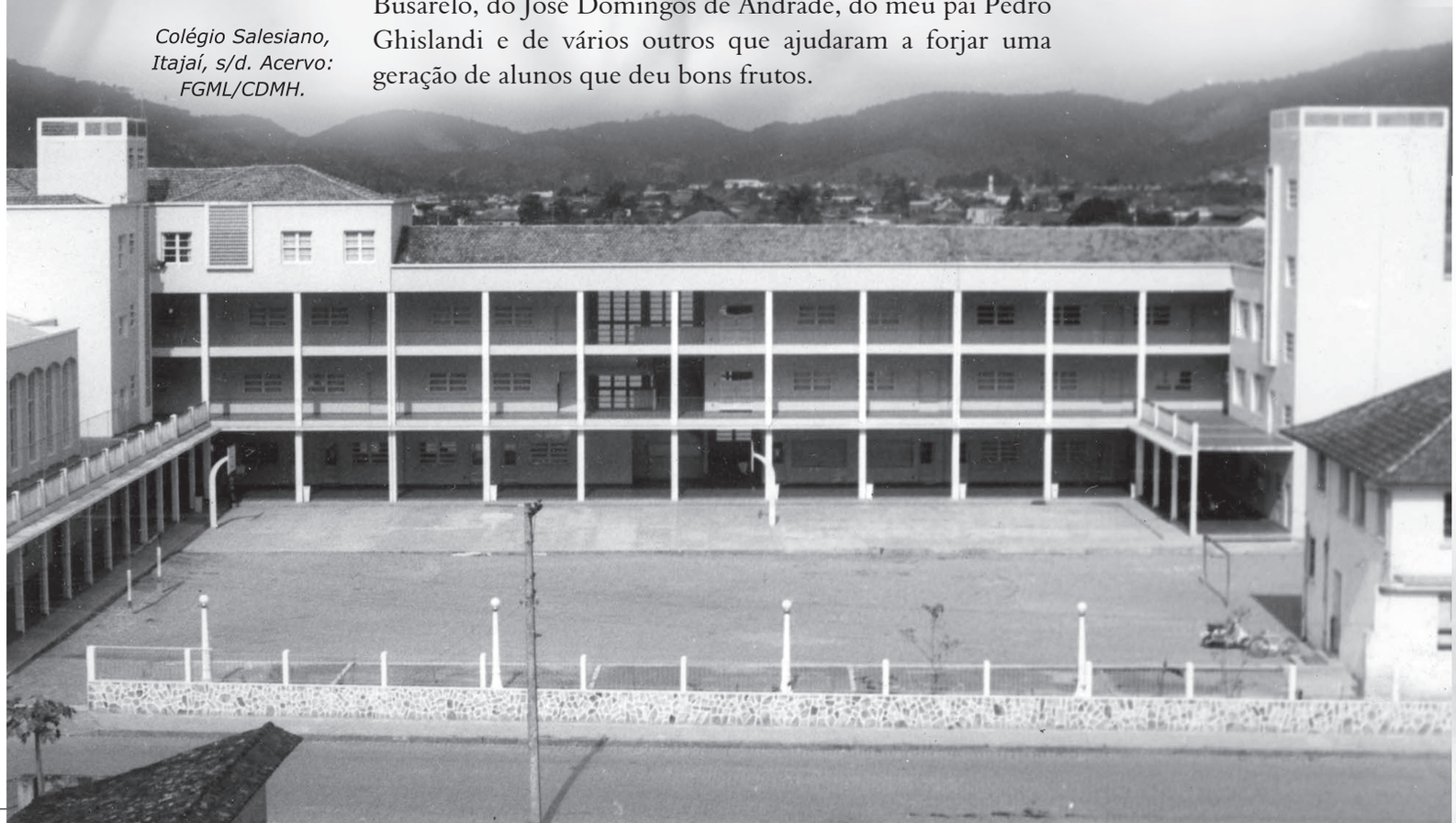
002-Anuario2019-17-144.indd 91 24/05/2021 15:24:56

Histórias do Colégio Salesiano

Émerson Ghislandi - Jornalista

Não se pode deixar de lembrar com saudade do velho padre Heriberto Schmitt, um dos professores que marcaram a época áurea do Colégio Salesiano. Deu-me aulas de português e lecionava ainda outras disciplinas, visto que não era pouca a sua bagagem de conhecimentos.

Não esqueço ainda do padre Mansueto Três, do padre Gilli, do padre Adolfo, do padre Zeno, do padre Lino, do padre Teobaldo, do então, ainda padre, Nestor Junkes, do Luiz Antônio Cechinel, do Cacildo Romagnani, do Danilo Campestrini, do Moysés Strommer, do Cosme e Afonso Busarelo, do José Domingos de Andrade, do meu pai Pedro Ghislandi e de vários outros que ajudaram a forjar uma geração de alunos que deu bons frutos.



Colégio Salesiano, Itajaí, s/d. Acervo: FGML/CDMH.

Quem lá teve a oportunidade de realizar seus estudos, denominados então ginasial e científico, pode se considerar privilegiado. E que boas lembranças desse tempo em que só nos ocupávamos com os estudos. Não precisávamos nos ater a outras preocupações e responsabilidades.

Na época, meados dos anos 60, o Salesiano era exclusivamente para alunos do sexo masculino. Anos mais tarde passou a permitir também a matrícula de meninas. Aí, além dos estudos, nos entretínhamos em contemplar as belas garotas, que deixavam o pátio muito mais interessante. O novo atrativo revelou a timidez de alguns. Mas a maioria passou até a ir mais arrumadinho para o colégio, na esperança de, quem sabe, fisgar o coração de alguma das beldades que circulavam com desenvoltura por saberem-se admiradas.

Os mais afoitos passaram a chegar mais cedo do que de costume para o início das aulas e contavam os minutos para o horário do recreio. Flertar era a nova disciplina curricular e vários são os casos de namoricos no pátio que resultaram em casamento. Na minha turma poderia citar pelo menos uns dez.

No Colégio Salesiano de Itajaí também aprendemos o valor da disciplina. E nesta questão o padre Lino era mestre. Durante as aulas era comum vê-lo pelos corredores e parando, em cada sala, para espiar pela vidraça o comportamento dos alunos. O início das aulas sempre era precedido de um discurso severo do padre Lino que, no pátio, subia em uma pequena banqueta e ditava conselhos.

Nunca me esqueço de um episódio envolvendo ele e o aluno Magru Floriano. Foi algo totalmente inusitado e uma atitude extremamente corajosa diante da sisudez e do temor que o padre Lino provocava. Ninguém em sã consciência ousaria afrontá-lo. A não ser, claro, um rebelde apelidado de Magru.

Ainda emocionado e com os sentimentos à flor da pele devido à morte prematura dias antes de um querido amigo do colégio, o Roland, logo depois da falação do padre Lino, Magru tomou nos braços a banqueta que o padre usava como palanque moral, subiu até o terceiro

Pátio com os alunos no Colégio Salesiano, Itajaí, 1975. Acervo: FGML/CDMH.

andar do colégio e a lançou no pátio, destroçando-a em pedacinhos, sob o olhar atônito de todos, alunos e padres salesianos.

Ninguém podia acreditar no que via. Magru quebrou não só a banqueta, mas também a regra. A partir daquela atitude de emoção e coragem do franzino Magru, os discursos disciplinares do padre Lino só passaram a ser feitos em ocasiões especiais. Foi um alívio para todos. Magru, felizmente, depois de muita conversa envolvendo ele, sua família e os padres, teve a sua expulsão reconsiderada e lá ficou até concluir o científico.

Acredito que o padre Schmitt e sua porção irreverente não tenha condenado o bravo ato do seu aluno. Talvez, no íntimo, até o tenha comprazido. Mas o Colégio Salesiano foi palco de muitas e muitas histórias. Quem sabe um dia eu possa contá-las. Mas, para isto, seria necessário não algumas páginas, mas um livro inteiro para abarcá-las.

As palavras também guardam segredos

Aqueles que estudaram no Colégio Salesiano de Itajaí entre 1965 e 1975 certamente não esquecem do impagável padre Zeno Schweitzer. Era natural de nossa simpática e anestesiante vizinha Luiz Alves. À minha turma ele ministrou durante vários anos a disciplina de Geografia.

Logo que entrava na sala de aula era costume mandar abrir todas as janelas, fizesse sol ou chuva, frio ou calor. - Que cheiro de gambá é este, escancarem todas as janelas!!, dizia com ar sério e ao mesmo tempo de autêntica galhofa. Este era um ritual sagrado e cotidiano para ele. Naturalmente obedecíamos, diante da autoridade que representava.

O silêncio nas suas aulas era algo ensurdecedor. E ninguém ousava dar um pio sequer. Não que ele impusesse medo a nós, alunos em plena adolescência e por natureza um tanto quanto rebeldes. Mas o respeito que inspirava não nos dava margem a contrariar suas regras, que eram absolutamente cumpridas à risca.

Mas o que mais me intimidava – e acredito que à maioria – eram suas provas, todas com apresentação oral. E falar em público era algo que apavorava, principalmente àqueles mais tímidos, o que era o meu caso. Mesmo assim, dificilmente alguém reprovava em Geografia.

A sisudez característica do venerável prelado e professor, no entanto, contrastava com uma atividade extracurricular que padre Zeno exercia com maestria: era ele o responsável pela assiduamente frequentada sala de jogos do colégio.

O futebol de mesa - ou pebolim -, o tênis de mesa e os jogos de sinuca eram disputados arduamente e por vezes com enorme alarido entre nós, estudantes, o que exigia a intervenção severa de padre Zeno para restabelecer a disciplina. Deliciosos eram estes momentos que desfrutávamos antes do início das aulas.

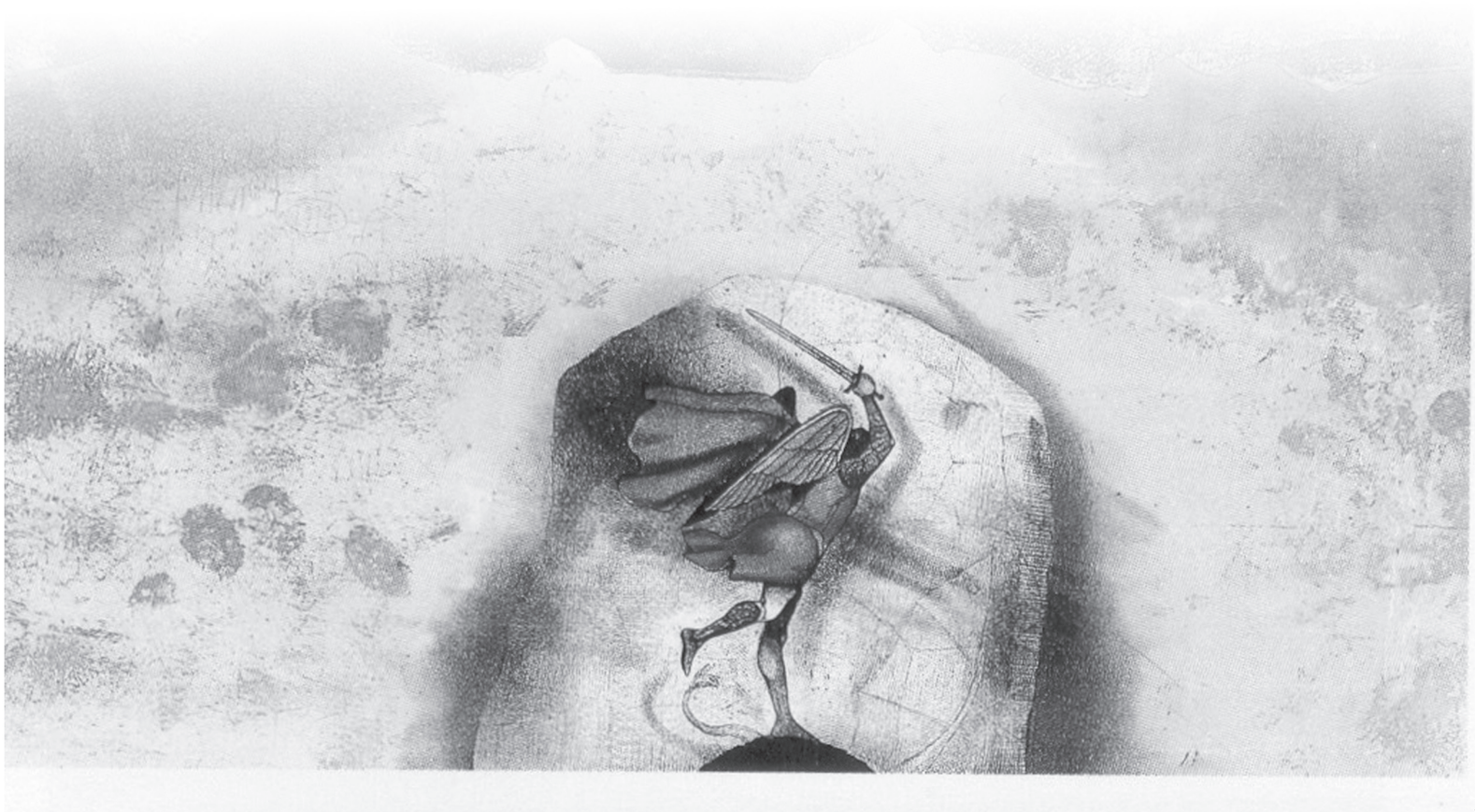
Imagem cedida pelo autor.

Uma ladainha que padre Zeno costumava repetir em suas aulas era a de que, na Austrália, havia cangurus que saltavam mais alto do que o Colégio Salesiano. Todos ficávamos impressionados com a informação e nossa imaginação corria solta. Como é que um canguru poderia pular tamanha altura?

Pois então... E o mistério ele manteve em segredo sempre, apesar das indagações frequentes que todos nós, curiosos com o inusitado fato, lhe fazíamos.

Somente no último ano de aulas a nossa turma finalmente obteve dele a resposta para tal façanha. - É claro que os cangurus pulam mais alto que o Colégio Salesiano, porque o Colégio não pula, afirmou irônico, dando em seguida uma saborosa gargalhada na apatetada cara de todos nós.

Mas aquilo que na época parecia ser uma simples piada, mais tarde mostrou ser mais um ensinamento do saudoso mestre padre Zeno Schweitzer, que na verdade queria nos revelar que não devemos apenas ler as palavras, mas interpretá-las no seu mais amplo sentido, pois também elas guardam os seus segredos.



MOREIRA

indizivel

No pátio suspenso
está o poema
sua canção e emblemas
ao redor sol
sino adormecido
onda
nova cia das Índias
navega arquipélagos de pet e isopor
margem fugidia
o mesmo minério tritura
barca rota derradeiro rio à vilania.

ilha de Tristan
lugar de cidade não há
não existem ruas
automóveis
edifícios
transita sem ruído
miramar
quebra-mares
vento salobro sopra cantares
inteiro pátio
De Chirico-rochedo habita
migratório som e
ele já desenha e pinta
arcos
janelas e torres marfim
as casas d´anabela
tons amarelos
de outra efígie anima.
ao fundo a fumaça plasma o trem
mancha azul escuro horizonte veloz
para o centro da cidade
circula praça morta e
dele se avizinha.
no espelho ainda inventa casais e mosaico ilumina
musa desnuda e
o jogo de xadrez
muito perto de ver a imagem
o poeta em
tabuleiro se abisma
na pintura
pátio imaginário que a tudo ordena
intacto.

Poema de Eduardo Moreira.

002-Anuario2019-17-144.indd 97 24/05/2021 15:25:00

Nicolau Malburg
a Empresa Malburg
e a Família

Homero Malburg
Arquiteto, membro do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Itajaí, ex-presidente da FGML.

I - As origens

Alemanha, Renânia – Palatinado (Rheinpfalz), cidade de Schweich. Essa região próxima a Luxemburgo, às margens do rio Mosela, floresceu sob o domínio do Império Romano. Mais tarde foi invadida pelos francos, que a arrasaram e obrigaram seus habitantes a trabalhos escravos.

Durante a Revolução Francesa, a região foi dominada pelos franceses (1789) e, finalmente, em 1812, reincorporada ao Império Prussiano.

No século XIX seus habitantes começaram a emigrar para a América em busca de melhor situação econômica. Entre eles, o mestre-escola Nikolaus Malburg, que veio para o Brasil em 25 de Agosto de 1856.

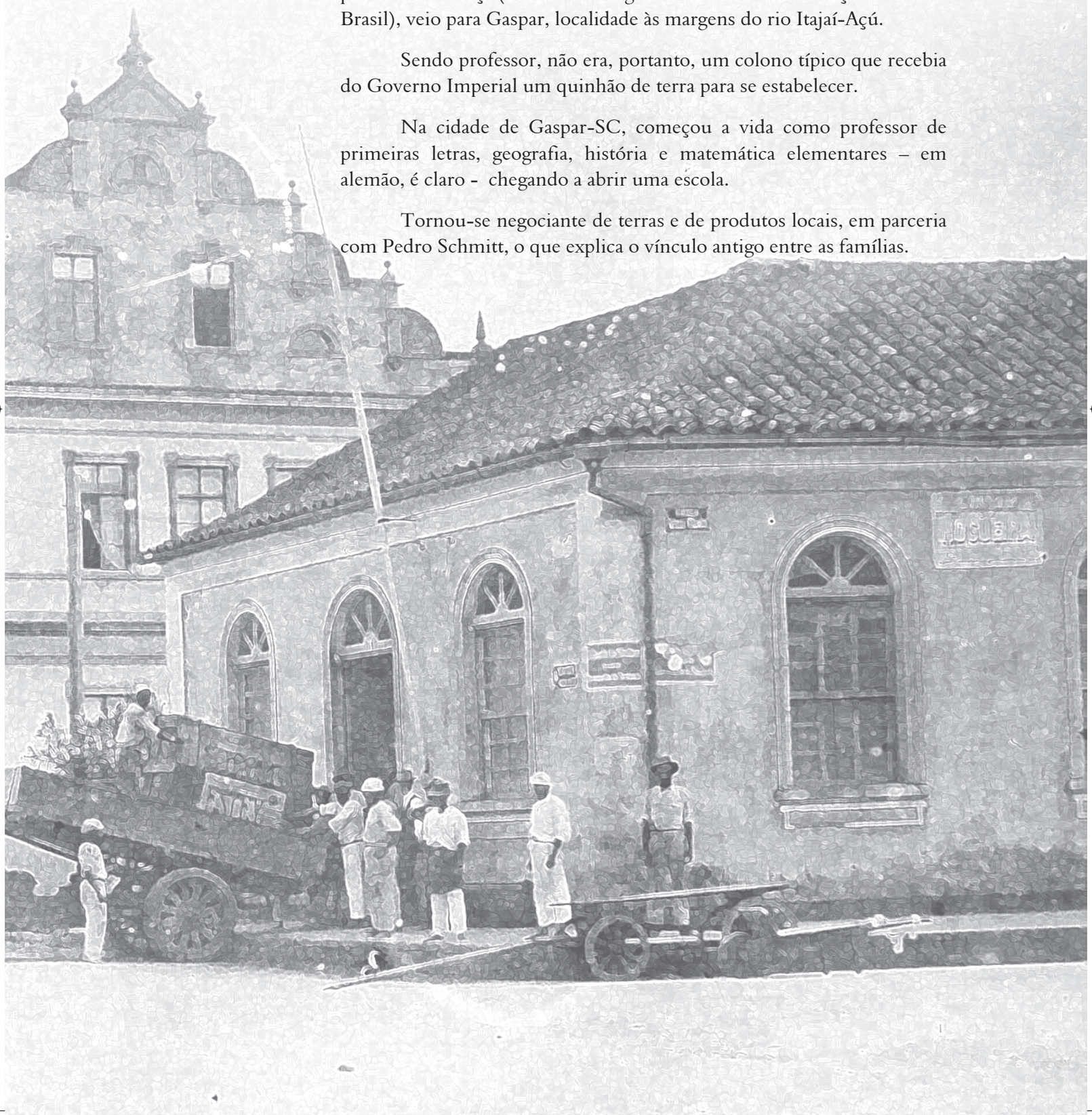
II - Nikolaus (Nicolau) Malburg

Nascido em Schweich em 25 de janeiro de 1832, emigrou para o Brasil com 24 anos. Após um período em São Pedro de Alcântara, cidade próxima a Palhoça (tida como o segundo núcleo de colonização alemã no Brasil), veio para Gaspar, localidade às margens do rio Itajaí-Açú.

Sendo professor, não era, portanto, um colono típico que recebia do Governo Imperial um quinhão de terra para se estabelecer.

Na cidade de Gaspar-SC, começou a vida como professor de primeiras letras, geografia, história e matemática elementares – em alemão, é claro - chegando a abrir uma escola.

Tornou-se negociante de terras e de produtos locais, em parceria com Pedro Schmitt, o que explica o vínculo antigo entre as famílias.



Rua Pedro Ferreira; Casa Malburg, Itajaí, 1923. Acervo: FGML/CDMH.

Consta que em Belchior Alto, o colonizador da região, Antonio Bernardo Haendchen adquiriu terras, bem mais tarde (1885), de Nicolau e Catharina Malburg.

Com seus negócios fluindo para a foz do rio Itajaí-Açú, Nicolau veio se estabelecer na pequena cidade de Itajaí, atraído pelo seu potencial econômico.

Em 30 de outubro de 1860 (quatro meses após a data de emancipação política de Itajaí), Nicolau, então com 28 anos, fundou a Empresa Malburg. Esta teve início com uma pequena casa de "secos e molhados", na esquina onde existe hoje o edifício Olympio (esquina da Rua Lauro Müller com a Praça Vidal Ramos).

Em vista do rápido desenvolvimento dos negócios, mudou-se logo em seguida para o outro lado da praça – onde hoje se localiza o prédio do hotel – loja que, ampliada, comercializava também louças finas e cristais estrangeiros.

Usou o porto como base para seus negócios exportando madeira-de-lei e produtos coloniais para o Rio de Janeiro, e de lá retornando com artigos necessários para a província.

Empreendedor, Nicolau armou o veleiro "Hulda" para suprir a dificuldade do transporte da época. Foi o primeiro a ser construído em Itajaí.

Nicolau naturalizou-se brasileiro e, projetando-se no meio social e comercial, distinguiu-se pela escrupulosa probidade, estima e respeito de todos. Isso o levou a ocupar a vereança nos períodos de 1865 a 1868; 1869 a 1872, e o cargo de presidente na Câmara nos quadriênios de 1881 a 1884 e de 1887 a 1890, este último interrompido por sua morte e pela queda do regime monárquico.

Deveu-se a ele a conclusão do Hospital Santa Beatriz e contribuição para a aquisição do antigo edifício Municipal em 1888.

Poderosa influência nos grandes centros de imigração da província de Santa Catarina, Nicolau foi, em 1886, indicado para o Senado do Império, figurando na lista tríplice também composta por Visconde de Taunay e João da Silva.

Embora com clara preferência do Imperador, não foi eleito, talvez por ser alemão naturalizado.

Acima, Nicolau Malburg, Itajai, s/d. Abaixo, Hospital Santa Beatriz, Itajaí, 1915. Acervos FGML/CDMH.

Foi agraciado por D. Pedro II com a comenda da "Imperial Ordem da Rosa" no grau de Cavaleiro.

Casou-se com Catharina Haendchen, filha de alemães estabelecidos em São Pedro de Alcântara, e tiveram vários filhos, alguns dos quais falecidos ainda pequenos. O mais velho era Leopoldo; depois Emília, Hulda, Nicolau Jr, Bruno, Adélia e Carlos.

Quando pequenos, os filhos tinham professores em casa, vindos da Alemanha com contrato por dois anos. Como havia em casa uma grande sala de estudos, lá estudavam também filhos de outras famílias importantes, como de Lauro Müller, Felipe Schmidt, Asseburg e outros.

Um dos professores que veio de Schweich, terra natal de Nicolau e por ele contratado, foi o jovem Marcos (Markus) Konder. Por sua competência passou a assessorar o patrão como homem de sua total confiança. Alguns anos após, se estabeleceu no comércio por conta própria e, casando-se com Adelaide Flores, constituiu vasta e importante descendência.

Em 1890 viajou para o Rio de Janeiro para de lá seguir viagem à Alemanha em busca de possível cura para um câncer. Não deu tempo: faleceu em 8 de maio, sozinho, no Rio de Janeiro, tendo tomado previamente todas as providências para que lhe embalsamassem o corpo e o transportasse para Itajaí - "Quero dormir no seio de minha verdadeira Pátria" - disse.

Nicolau está sepultado no jazigo da família Malburg no cemitério do bairro da Fazenda. Repousa na terra que tanto amou e que muito contribuiu para o seu desenvolvimento.

III – Catharina Haendchen Malburg e Nicolau Jr.

Após o falecimento de Nicolau, aos 58 anos de idade, assumiu a direção da empresa sua viúva, Catharina, assessorada por seu filho Nicolau Jr., então com 21 anos de idade.

Explica-se porque seu filho mais velho, Leopoldo, com 28 anos, não assumiu o encargo: era ele funcionário de confiança da casa Hoepcke em Florianópolis. Carlos, que na época era bebê, mais tarde casou-se com Anna Hoepcke, filha de Carl Hoepcke e fincou também raízes em Florianópolis.

A irmã de Catharina H. Malburg era casada com Carlos Hoepcke, fundador da empresa.

Nicolau Jr. faleceu muito moço, aos 35 anos de idade, em 1904, forçando Catharina a ficar no comando da casa comercial até que seu outro filho, Bruno Ferdinand, completasse seus estudos em Jena, na Alemanha. Abreviou-se seu curso de medicina para farmácia, voltando ao Brasil para auxiliar sua mãe, aos 21 anos de idade.

IV - Bruno Ferdinand Malburg

Em 1906, retirou-se Catharina do comando, passando a firma para Bruno Ferdinand, seu quinto filho, que a dirigiu com a razão social individual de "Bruno Malburg e Cia.".

Em 19 de abril de 1898 casou-se com Elisabeth Maria Reiser, filha mais velha de Alexius e Elisabeth Mohr Reiser, construtores e proprietários do Hotel Brazil, em Itajaí. Este prédio ainda hoje existe na rua Lauro Müller, apesar de incontáveis mutilações arquitetônicas.

Tiveram doze filhos: Bruno Arthur (1899); Carlos Alfredo (1901); Felix Nicolau (1903); Maximiliano Leopoldo – "Max" (1905); Paulo Aluísio (1906), Gertrudes Maria (1907), Ignez Elisabeth (1909); Maria Catarina (1911), Cecília Elisabeth (1913), José Bonifácio (1915); Elisabeth Anna (1916) e Nicolau Fernando (1918), nascido oito meses após o falecimento de seu pai.

Bruno Ferdinand era um pai exemplar, risonho, pele avermelhada, olhos castanhos, cabelo ondulado bem preto e um farto bigode.

Os filhos eram educados por professores padres e freiras alemães que por sinal era a língua falada em casa.

Apreciador de música clássica, fazia com que seus filhos aprendessem algum instrumento, principalmente piano, e as meninas tivessem aulas de francês.

Construiu uma magnífica residência que ficou pronta em 1915, com três pavimentos em estilo hanseático, até hoje existente em excelente estado de conservação. Após décadas de abandono, foi restaurada graças aos esforços do Almirante Mário Cesar Flores, neto de Bruno e Elisabeth e com apoio de grupos culturais da cidade. Lá, hoje funciona a Receita Federal.

Bruno Ferdinand dirigiu a firma que rapidamente se desenvolveu. Adquiriu mais dois veleiros chamados de "Emília" e "Ramona" e implantou um sistema inteligente em que os comandantes tinham participação nos lucros dos fretes realizados.

Com uma frota de lanchas a motor que rebocavam comboios de carga pelo rio Itajaí-Açú, abastecia seus armazéns para o posterior embarque nos navios.

Bruno Malburg e família, Itajaí, s/d. Acervo: FGML/CDMH.

Atrás da casa ficava o depósito e os navios atracavam em um trapiche particular.

A madeira era organizada em pilhas, pronta para o embarque, que era feito através de um sistema de vagões sobre trilhos.

Embora alheio à política, foi lançado como candidato à Superintendente Municipal (Prefeito), na eleição de 1911. Seus sucessos nos negócios, honestidade e firmeza de caráter o indicavam para o cargo. Todavia não possuía perfil de político. Calmo, moderado, passava seus dias entre o lar, o escritório e idas à Igreja. Foi eleito nesta ocasião o Dr. Pedro Ferreira.

Em 11 de Janeiro de 1918, Bruno faleceu após poucos dias de enfermidade. Tinha 45 anos de idade e deixava viúva Elisabeth Reiser Malburg com seus doze filhos.

V - A sucessão: esta data, 11 de janeiro de 1918, assinala o fim de de uma época em que assumiam o comando da empresa membros da família Malburg, exclusivamente.

Na ausência de um sucessor natural, pois o filho mais velho de Elisabeth, Bruno Arthur, tinha tão somente 18 anos, e ela com uma prole numerosa - 12 filhos - a situação a obrigou a pedir ajuda externa à família.

Até então havia uma sucessão de pai para filho, com intervalos em que viúvas assumiam a empresa interinamente, na falta de filhos sucessores:

- Nicolau Malburg (fundador) falecido em 1890, com 58 anos;

- Catharina Malburg (viúva) assumiu com ajuda de Nicolau Jr., na época com 21 anos);

- Nicolau Malburg Jr., falecido em 1904 com 35 anos;

- Catharina Malburg (de novo) com Bruno F. Malburg, seu filho, que desde 1895 (com 22 anos) a assessorava;

- Bruno Ferdinand Malburg comandou a firma a partir de 1906,

- Bruno faleceu em 1918 com 44 anos.

VI - Bonifácio Schmitt

Funcionário antigo, com 16 anos de serviços prestados à firma, foi chamado para o comando. Bonifácio entrou na sociedade com um terreno que possuía na Rua Pedro Ferreira, e Elisabeth com todos os seus bens.

Bonifácio Schmitt trabalhava na Malburg, certamente pelo vínculo antigo de Nicolau, parceiro nos negócios de Pedro Schmitt em Gaspar.

Em 1933, a firma transformou-se em Sociedade Anônima (SA), o que já era desejo de Bruno Ferdinand, pouco antes de falecer. Tinha como acionistas: Elisabeth Malburg, Bonifácio Schmitt, Bruno Arthur Malburg, Carlos Henrique Malburg, Fritz Amman, Sylvestre Schmitt, Felix Nicolau Malburg, Raul Espíndola e Arthur Stahmer.

A diretoria era constituída dos seguintes elementos, todos já funcionários da firma: Bonifácio Schmitt, diretor-presidente, e Bruno Arthur Malburg, Carlos H. Malburg e Fritz Amman, diretores-gerentes.

VII - Bruno Arthur Malburg

Em 24 de junho de 1934, faleceu Bruno Arthur Malburg, também conhecido como Bruno Malburg Júnior, aos 34 anos. Acometido de febres intermitentes, foi tratado em Itajaí com suspeita de malária. Como não melhorou, foi levado ao Hospital Santa Isabel em Blumenau, onde foi diagnosticado com "febre-tifóide". O "tifo", epidemia que se alastrou no mundo após a primeira grande guerra, na época era quase sempre fatal. Mas uma vez repetiu-se a terrível "sina" da família: os homens morriam relativamente novos.

Deixou a viúva, Maria Salomé Dutra Malburg (Méza), e cinco filhos: Laércio (12 anos); Maria Eunice (9 anos); Maria Regina (7 anos); Maria Letícia (5 anos) e Luiz Aurélio (4 anos).

Com sua morte perdeu a empresa um valioso colaborador, e o primeiro nome da sucessão familiar, já que era o filho mais velho de Elisabeth.

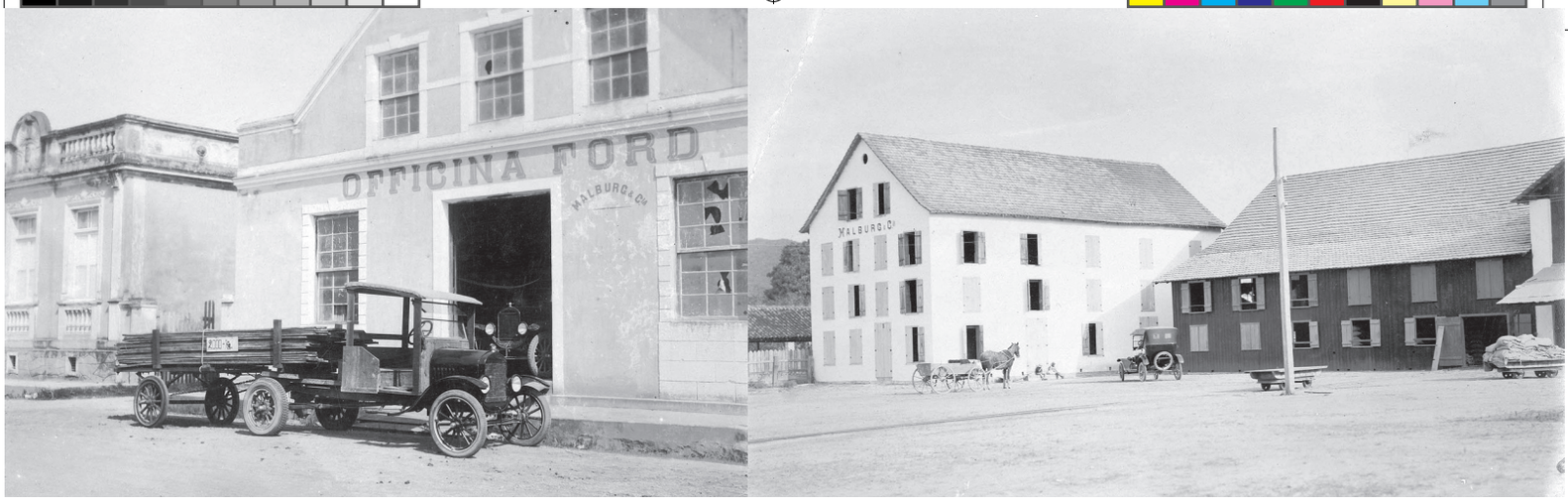
Era vontade expressa de Bruno Ferdinand que seu sucessor fosse o filho mais velho, Bruno Arthur, o qual tinha apenas dezoito anos quando de seu falecimento. No setor de comércio e prestação de serviços, a Malburg e Cia. era agente da Ford Motor Company, da Navegação Hoepcke, revendedores da Anglo-Mexican Petroleum, General Eletric, Goodyear, Michelin e agentes do Banco do Brasil.

VIII - A firma

Em 1943 foi eleito para o recém criado cargo de Diretor Vice-Presidente o Dr. José Bonifácio Schmitt (Juca), filho do então Diretor-Presidente Bonifácio Schmitt. Essa foi a maneira de assegurar o comando dos Schmitt quando o Presidente se afastasse, o que ocorreu seis anos depois.

Em 1944, por motivo de saúde, pediu demissão o Diretor Fritz Amman, deixando a diretoria da Sociedade Anônima, criada em 1933, desfalcada de dois membros: Bruno Arthur (falecido em 1934) e Fritz Amman. Em 1949, após 47 anos de dedicação à empresa, afastou-se o Sr. Bonifácio Schmitt da presidência.

Por decisão de Assembleia Geral Ordinária, foi então formada nova diretoria com o Dr. José Bonifácio Schmitt como presidente; Sylvestre Schmitt como vice-presidente e Carlos Malburg, o único representante da família na Diretoria, ocupando então o cargo de Diretor-gerente.



Agência Ford e engenho de arroz, Itajaí, 1925. Acervo: FGML/CDMH.

Em princípios de 1955, faleceu subitamente o Sr. Carlos Malburg, com 53 anos, repetindo a sina de mortes precoces.

Ocupou então o cargo de seu tio, um Malburg da geração seguinte. Com 33 anos, Laércio Mauro Malburg, neto de Elisabeth, filho de Bruno Arthur, contador da firma até então, foi escolhido como o novo Diretor-gerente. Laércio, casado com Maria de Lourdes Nascimento Malburg, tinha na época cinco filhos: Homero Bruno, Flávia Maria, Thalia Maria, Marco Antônio e Myrtis Maria.

Esta composição de Diretoria perdurou até o início de 1965 quando a Companhia Comércio e Indústria Malburg encerrou suas atividades.

IX - Desenvolvimento

Após a extinção da era dos veleiros (Hulda, Emília e Ramona), passou a Companhia Malburg a agenciar navios que faziam a linha entre Itajaí, Santos e Rio de Janeiro, chamada de pequena cabotagem.

Neste ramo de despachos e agenciamento marítimo a firma atingiu nível internacional com as linhas argentinas que iniciaram o processo.

Depois, tornou-se agente do *Timber Control*, que lhe proporcionou a exclusividade de agenciar todas as linhas inglesas que em Itajaí aportavam. Isso estendeu-se aos navios de bandeira americana, sueca, holandesa, norueguesa etc.

No período pós II Guerra, com a reconstrução da Europa, Itajaí foi o maior porto exportador de madeira no Brasil.

No setor industrial, a Malburg edificou um grande engenho de beneficiamento de arroz com o grão produzido em todo o Vale do Itajaí. Foi considerado na época o maior do estado.

Em acordo firmado com o governo estadual, foi iniciado um programa de produção e distribuição de sementes de arroz selecionadas entre os plantadores da região visando um produto de melhor qualidade e, consequentemente, de melhor aceitação pelo mercado consumidor.

Em 1951 lançou-se a empresa em nova empreitada criando a indústria de moagem de trigo, com grãos nacionais e importados da Argentina. Com moderno maquinário italiano, tornou-se pioneira no Vale do Itajaí.

002-Anuario2019-17-144.indd 105 24/05/2021 15:25:04

A Malburg produzia farinha de trigo de diversos tipos que, por sua qualidade superior, foi amplamente aceita pelo mercado. Em paralelo, produziam-se rações fareladas para bovinos, suínos e aves.

Tais atividades, de início instaladas em locais acanhados, foram ampliadas em novo e moderno parque industrial situado na Rua Blumenau.

No local onde começou a empresa, esquina da Praça Vidal Ramos com a Rua Pedro Ferreira, o casario antigo deu lugar a um moderno prédio de cinco andares, o "Malburg Palace Hotel", ainda existente. Um navio batizado como "Bonifácio Schmitt" foi incorporado ao patrimônio da empresa.

As instalações do armazém e da loja de tecidos e armarinhos foram mantidas e modernizadas mais tarde.

Na década de trinta, a belíssima residência edificada por Bruno Ferdinand Malburg ficou muito grande para Elisabeth. Seus filhos cresceram, casaram e saíram de casa. Isso a levou a construir uma residência menor situada na esquina da Praça Vidal Ramos com a Rua Manoel Vieira Garção (hoje demolida). Na antiga residência foram instalados os escritórios da Empresa Malburg e os andares superiores alugados. Esse prédio, durante a II Guerra, foi requisitado pelo exército brasileiro como quartel.

X - O ocaso

Sob a égide do prestígio e tradição do nome "Malburg", outras firmas foram criadas. Algumas com boa visão empresarial para a época; outras, como mero empreguismo para uma nova geração dos Schmitt. Assim existiu a "Rodoveículos", empresa concessionária da FNM, Alfa Romeo e da motoneta Vespa para todo o Estado de Santa Catarina.

Também o "Super-Magazine-Malburg", uma boutique pretensiosa que substituiu a antiga e tradicional loja de tecidos e armarinhos. Outros negócios foram também criados para serem entregues à administração da nova geração. Tais atividades, mal administradas, contribuíram também para a derrocada final.

Quando foi decretada a falência, no início de 1965, era patente a incredulidade geral: como com tal patrimônio e tradição de 105 anos de existência chegou-se a tal fim?

Meu pai, Laércio, tristemente respondia: "Porque descobrimos muito tarde que nossos ídolos tinham os "pés de barro...".

XI - Comentários finais

Meu pai, com 42 anos, neto de Elisabeth, o único Malburg a participar e presenciar o epílogo, contava-me que no balcão do escritório da empresa, então deserta, enfrentava sozinho os credores, os agiotas, os desesperados, porque os demais diretores haviam sumido. Aliás, o Diretor-Presidente Dr. José Bonifácio Schmitt, não residia em Itajaí e, sim, no Rio de Janeiro.

E os outros Malburg´s? Filhos de Elisabeth sobreviventes à derrocada: Felix, engenheiro civil; Paulo Aloisio e Nicolau Fernando, este na Marinha de Guerra do Brasil.

E daí, nada sobrou.

XII - Elisabeth Maria Malburg

Tinha a matriarca viúva de Bruno Ferdinand Malburg e mãe de doze filhos, 89 anos de vida quando a firma Malburg encerrou suas atividades. Dos sete filhos homens, somente três estavam vivos: Felix, Paulo e Nicolau.

"Omama", assim era chamada pelos netos e bisnetos, sobreviveu até 07 de outubro de 1966, faltando uma semana para seus 90 anos quando então faleceu triste e empobrecida.

Elisabeth Malburg sempre trabalhou para as causas da comunidade. Foi uma das fundadoras do Asilo Dom Bosco; participou da inauguração da Escola Alemã de Itajaí e, muito religiosa, integrou o "Apostolado da Oração" e o grupo das "Damas da Caridade". Custeou os estudos de vários meninos que pretendiam seguir o sacerdócio. A Igreja sempre pode contar com sua ajuda.

Em reconhecimento, existe hoje um centro de Educação Infantil – CEI - com seu nome no bairro de Nova Brasília. Foi também erigido um busto de bronze no espaço denominado Jardim Bruno Malburg, atrás da Igreja da Imaculada Conceição em sua homenagem. Descerrado em outubro de 1969 foi, infelizmente, roubado e derretido pelos vândalos em 2017.

Sua casa, a "Casa Malburg", de 1915, possuía dois grandes quartos de hóspedes que acolhiam os padres franciscanos e as irmãs da Divina Providência quando de passagem por Itajaí com destino a Blumenau (Colégio Santo Antônio e Hospital Santa Isabel).

Minha mãe nos contava que, quando criança, tomou a Primeira Eucaristia na Igreja da Imaculada Conceição na Praça Vidal Ramos. Na época, praticava-se um jejum rigoroso antes da comunhão. Pois bem: a Omama Elisabeth recebia todos os neo-comungantes para um café da manhã em sua casa, depois da missa. E eram meninos e meninas de toda a cidade.

XIII – Reminiscências familiares

Meu pai, Laércio Mauro Malburg, era o neto mais velho de Elisabeth e eu, Homero Bruno Malburg, seu primeiro bisneto. Fomos, os oito irmãos, criados com grande disciplina, economia em casa, sem luxos e ostentações.

Meu pai dizia orgulhosamente que com as gratificações da empresa ele comprava mais ações da Companhia Malburg para nos garantir a Universidade. Com a falência, perdeu tudo.

Mesmo assim, todos os filhos se graduaram em curso superior. Se o dinheiro era escasso, nós trabalhávamos para suprir as necessidades, pois todos estudamos fora: Florianópolis, Curitiba e Rio de Janeiro. Era uma questão de honra e responsabilidade.

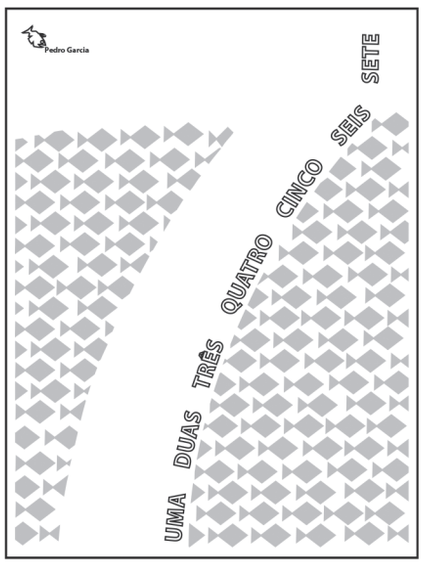
Laércio era Diretor-gerente da firma e seu setor administrava a agência Marítima (tio Carlos já fazia isso).

Após a falência, o Dr. Abílio Ramos o convidou para trabalhar consigo, levando o agenciamento das companhias de navegação que a Malburg representava, e da Fronape – Frota Nacional de Petroleiros. Isso foi um sinal de confiança e reconhecimento da decência e profissionalismo de meu pai em um momento tão difícil para todos nós.

Jamais nos vangloriamos de ser um "Malburg" pela importância da família. Todavia, éramos e somos orgulhosos do sobrenome. Nossos antepassados nos transmitiram grandes exemplos de integridade e firmeza de caráter. Devemos honrá-los, portanto.

XIV – Referências

Arquivo Histórico de Itajaí - documentos.
Blumenau em Cadernos - fascículos da Fundação Cultural de Blumenau.
Carl Hoepcke" - Editora Insular.
Certidões de cartórios.
Edison d'Ávila - Pequena História de Itajaí.
Edison d'Ávila - textos diversos.
Jornal Novidades de 26.06.1909.
Jornal do Povo - Edição comemorativa do centenário de Itajaí de 15.06.1960.
Jornal do Povo - edição especial do Centenário da Cia. Malburg de 30.10.1960.
Marcos Konder - A pequena Pátria.
Lindinalva Deólla da Silva - Itajaí Imagens e Memória.
Marlene Rothbarth e Lindinalva Deólla da Silva - Famílias de Itajaí.
Maria Malburg da Silveira - Memórias.
Visconde de Taunay – Memórias.
Histórias da Família - tradição oral.
Textos compilados e organizados por Homero Bruno Malburg (nascido em Itajaí, 24 de Julho de 1946).
Itajaí, outubro de 2020.


Pedro Garcia
UMA
DUAS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE

Viagem ao meu Estado

Pe. Thomaz Fontes

Como introdução ao autor e ao artigo
Edison d´Ávila – historiador

Deputado Cônego Thomaz Fontes e Senador Ivo d´Aquino, Rio de Janeiro, 1948 (foto cedida pelo autor).

O Autor

Pe. Thomaz Fontes ou Cônego Thomaz Adalberto da Silva Fontes nasceu em Itajaí a 23 de abril de 1891, filho do Coronel Manoel Antônio Fontes e Anna da Silva Fontes. Quinto dos oito filhos do casal, de seus irmãos, o professor, historiador e desembargador Henrique da Silva Fontes e Emanuel da Silva Fontes, e as professoras Erotides e Virgínia da Silva Fontes, foram os que mais se envolveram com educação e cultura. A escola elementar, frequentou-a em Itajaí, quando foi aluno de Luiz Tibúrcio de Freitas, João Maria Duarte e da Escola Alemã. Cursou o ensino secundário no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, e no Ginásio Catarinense, em Florianópolis, tendo sido o orador da primeira turma de formandos em 1910. Em 1911, no despertar da vocação religiosa, frequentou no seminário os cursos de filosofia e teologia em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. A propósito, quando comunicou à mãe a decisão de seguir a carreira sacerdotal, recebeu dela uma

reprimenda nesses termos: “tu não, és um pândego!” Ela se referia ao gosto de Thomaz pelo teatro e ao intenso envolvimento dele com ensaios, atores e atrizes. Mas ele insistiu na vocação e a 8 de abril de 1917 era ordenado na catedral de Florianópolis por Dom Joaquim Domingues de Oliveira, tornando-se o primeiro itajaiense formado padre. Logo após a ordenação, passou a atuar como coadjutor em Tijucas e pároco em São Miguel/Biguaçu. No entanto, em julho de 1917, já era auxiliar de Monsenhor Francisco Topp, a quem sucedeu em novembro desse mesmo ano como Cura da Catedral. No ano de 1920, tomou a decisão de transferir residência para o Estado do Rio de Janeiro, sendo admitido como sacerdote da diocese de Niterói em 25 de fevereiro. Entre os anos de 1924 e 1925, residiu em Insbruck, na Áustria, em cuja Universidade frequentou cursos de pós-graduação em Filosofia e Teologia. No seu retorno ao Brasil, passou a fazer parte do clero da arquidiocese do Rio de Janeiro e se propôs a levar adiante acalentado projeto de editar uma revista católica de cultura. A 5 de janeiro de 1927, vinha a lume a “Revista de Cultura”, cujo programa síntese – Deus e Pátria – transpareceu em conteúdo subscrito pelos colaboradores Conde Afonso Celso, Durval Moraes, Jônatas Serrano, Carlos de Laet, Mendes de Almeida, Mattoso Câmara, Silva Ramos, Mário Barreto. Todos dos melhores exegetas da Língua Portuguesa, que escreviam sempre com originalidade e solidez doutrinal. Antes, dirigira em Florianópolis o semanário diocesano “A Época”, entre 1917 e 1919, e depois em Petrópolis publicaria a revista quinzenal “Terra e Céu” e, no Rio de Janeiro, teve o jornal “O Brasileiro” sob sua direção. Padre Fontes, no Rio de Janeiro, veio a se destacar também como orador sacro e professor, tendo já editado em 1922 a “Gramática Alemã”. Passou a ter participação como associado do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, da Associação Brasileira de Imprensa e do Centro Catarinense, do Rio de Janeiro, do qual foi vice-presidente no biênio 1927/1928. Quando comemorou os vinte e cinco anos de ordenação sacerdotal, em 8 de abril de 1942, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, arcebispo metropolitano de Florianópolis, prestou-lhe homenagem de reconhecimento pelos serviços à Igreja e à cultura, outorgando ao Padre Fontes o título honorífico de Cônego da Catedral de Florianópolis. Dom Jayme de Barros Câmara, catarinense de São José, em 1943, ao ser nomeado arcebispo do Rio de Janeiro, escolheu-o como um de seus secretários particulares. Em 1945, laços fraternos de amizade e o apoio sempre recebido pelo Cônego Fontes a seus projetos de cultura da parte do ex-governador Adolfo Konder o levaram a aceitar o convite deste para ingressar na política e participar da campanha eleitoral, como candidato a deputado federal constituinte pela UDN/União Democrática Nacional de Santa Catarina. Naquela ocasião, de novo, por sua mãe ele seria repreendido: “Eu tenho um filho padre; não, filho político!” Mas ele dobrou a resistência materna, alegando que somaria forças no Congresso Nacional com Monsenhor Arruda Câmara contra a adoção do divórcio no Brasil. Em campanha eleitoral, percorreu todo o Estado catarinense, somente não tendo visitado o município de São Joaquim, e se elegeu o segundo em votação de seu partido com 9.601 votos. Foi um dos subscritores da Constituição Federal de 1946, defendeu na Câmara Federal causas da educação e da cultura e esteve entre os 169 deputados favoráveis à perda de mandatos dos deputados comunistas em 1948. Cônego Tomás Fontes faleceu no Hospital Santa Isabel, de Blumenau, a 17 de fevereiro de 1961, tendo sido sepultado no jazigo da família Fontes, no Cemitério Municipal da Fazenda, em Itajaí.

O Artigo

Raro escrito de características narrativas do Padre Fontes, destacado homem de letras e jornalista, esta crônica de viagem difere do que sempre ele escreveu, com grande competência literária, mais sobre religião, filosofia e gramática. O artigo publicado originalmente em 31 de março de 1928, no jornal "República", de Florianópolis, vem a ser republicado agora por se tratar de importante registro de época para mais ilustrar e se conhecer aquele período histórico do final da 1ª República. Aconteciam mudanças urbanísticas e sociais significativas em Santa Catarina, no caso, a Capital, e em Itajaí, fruto da modernização da sociedade brasileira, e que logo teriam impacto também na vida política, causando a Revolução de 1930. O texto tem quatro eixos narrativos: passagem por São Paulo, visita a Florianópolis, viagem de Florianópolis a Itajaí e visita a Itajaí. O começo da narrativa se dá com um prefácio, em que o autor, brincando com escritores futuristas/modernistas e compositores/tipógrafos, à conta do prefácio interrogativo, deixa antever a hesitação inicial para falar de si e vir a elogiar coisas e gentes de sua terra. Por fim, justifica-se, lançando mão de aforismos estrangeiros e versos de Casemiro de Abreu. Na passagem por São Paulo, que o autor chama de Pauliceia, a buscar certamente esse nome no livro modernista de Mário de Andrade, "Pauliceia Desvairada", são ditos os diversos contatos feitos por conta da "Revista de Cultura". No tempo em que viagens do Rio de Janeiro a Florianópolis ainda se faziam por mar, pela inexistência de transporte rodoviário e aéreo, os vapores fundeavam ao largo da Ilha de Santa Catarina, na baía Norte, e os passageiros eram transportados até a Capital em lanchas. A visita do Padre Fontes em Florianópolis consumiu-lhe três dias entre receber e visitar parentes e amigos e conhecer novas instalações de entidades particulares e públicas, desde que estivera na cidade pela última vez em 1923. Daqueles parentes e amigos, não se pode saber com quais ele manteve contatos, porque os nomes foram omitidos "para não encher estas colunas". Mas se sabe pelo jornal que ele ficou hospedado na casa do irmão, Henrique da Silva Fontes, e recebeu a visita do Assistente Pessoal do Governador Adolfo Konder, amigo particular, que veio cumprimenta-lo em nome dele. Chamaram em especial a atenção do autor aquelas obras voltadas à educação, saúde, assistência social, segurança, religião e ao transporte. Dentre todas essas, aquela que mais o impressionou esteve a Ponte Hercílio Luz, inaugurada em 1926, que o autor classificou de arrojada e ciclópica. Nelas o Padre Fontes buscou realçar aspectos condizentes com aqueles tempos de busca da modernidade. Elas eram arrojadas, amplas, elegantes, confortáveis, modelares, renovadoras. Todas tinham características do moderno. A viagem de duzentos quilômetros entre Florianópolis e Itajaí fora feita de carro por estrada de rodagem, a antiga estrada de terra anterior à BR-101. É um dos primeiros registros de uma viagem de automóvel da Capital a Itajaí. Essa estrada recebera importantes obras de melhorias por determinação do Governador Adolfo Konder. Daí o elogio que faz à mesma o autor, estendendo-o às demais estradas de Santa Catarina; o que pode ter sido um exagero. Pela atenção especial dada pelo governador ao trecho, a oposição por despeito lhe deu o apelido de "Estrada da Mamãe", porque por ela o Governador Adolfo Konder vinha com frequência visitar a mãe em Itajaí. Também com essas viagens de carro a Itajaí, conta-se, tivera início o costume do professor Henrique da Silva Fontes, sempre que o carro fazia a última volta da velha estrada no

Morro Cortado, donde se podia avistar a cidade, mandar parar, saltar e ficar longos instantes apreciando Itajaí, que se estendia do sopé do morro até o rio Itajaí-Açu. Então, ele, embevecido e orgulhoso, sempre exclamava: - "Bendita seja a terra em que eu nasci!" Em Itajaí, foram de igual modo visitas aos lugares de inovações que mereceram o registro atento do narrador. As novidades urbanísticas itajaienses prenderam a atenção do Padre Fontes: o novo Palacete da Superintendência Municipal, as novas do balneário de Cabeçudas e o inovador bairro da Vila Operária. A arquitetura art-nouveau, decoração e mobiliário do edifício da Superintendência, que vem a ser o atual "Palácio Marcos Konder", encantaram o narrador, que considerou tudo muito avançado para o seu tempo e feito com parcimônia de gastos: apenas 120 contos de réis. A novidade de Cabeçudas fora se ter transformado na praia mais linda do Sul do Brasil, segundo os reclames dos jornais da época, o primeiro balneário de Santa Catarina, que estava por inaugurar naquele ano hotel com todos os requintes modernos de conforto. Por fim, veio a maior e melhor iniciativa inovadora da cidade: o bairro da Vila Operária, obra da Construtora Catarinense. Ao falar da Vila Operária, o autor destacou o empreendedorismo pioneiro e o significado social do empreendimento. O autor não quis fazer digressões a respeito da questão social vigente, porque implicava em apreciações políticas. Padre Fontes se limitou a fazer referências elogiosas a dois personagens políticos que emergiam no cenário de Itajaí como oponentes no quadro das anunciadas disputas partidárias e ideológicas pré-1930: Marcos Konder, prefeito municipal e José Eugênio Müller, diretor da Construtora Catarinense. Eles seriam adversários antes e depois de 1930. Padre Fontes teria sido o primeiro a se referir a Itajaí como "a terra de governadores e ministros".

Rua Hercílio Luz, esquina com a Rua Lauro Müller, Itajaí, 1928. Acervo: FGML/CDMH.

Prefácio?

Não é erro do compositor nem pontuação futurista o sinal de pergunta que se levantou ante o meu leitor, no fim da palavra prefácio.

Escrevi-o intencionalmente, para indicar a hesitação em que me debati, antes de tomar dos apetrechos com que estou garatujando.

Dizer algo de minha ida a Santa Catarina?

Que interesse podem despertar assuntos de Estado pequeno, tratados por escrevedor mínimo? Impressões são as mais das vezes pretextos para falarmos de nós. *"Et le moi est haissable.."*

Decidi-me afinal pela afirmativa, cedendo a argumentos bem fracos: dois versos e um adágio.

Lembrei-me de Casemiro de Abreu:

"Todos cantam sua terra,

Também vou cantar a minha".

Lembrei-me dos ingleses:

"Right or wrong, my country".

E aqui tens, paciente leitor, estas mal traçadas linhas...

I. Início da Excursão

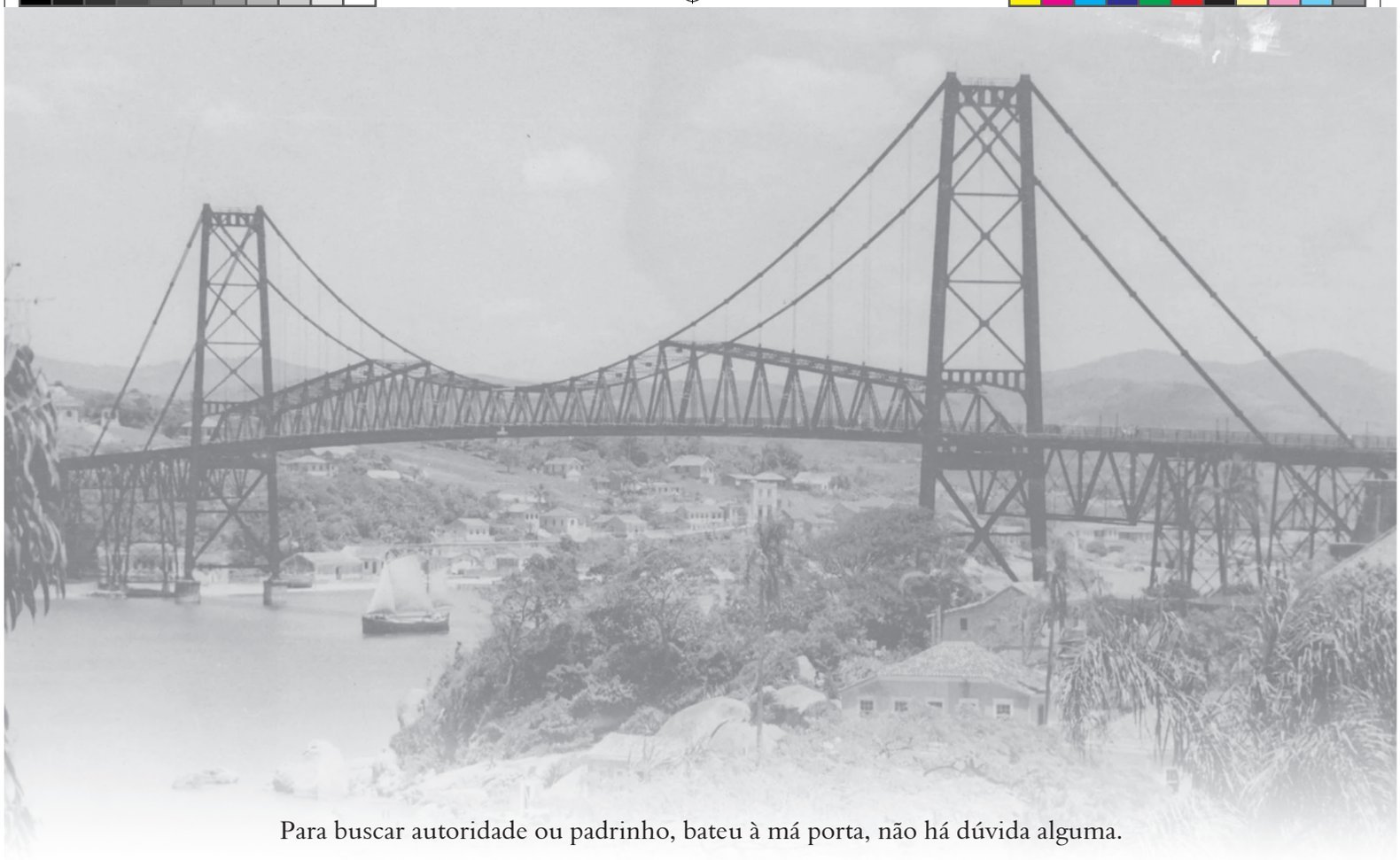
O que me fez deixar o Rio foi o motivo bem brasileiro da saudade. Cinco anos longe de minha Mãe pareceram-me suplício que urgia cessar.

Entretanto, os interesses da Revista de Cultura me impunham também uma visita a S. Paulo, não segui logo para meu Estado. Fui primeiramente à Paulicéa e a Campinas, descendo depois para Santos, donde o "Itaquera" me transportou a Florianópolis.

Abro parênteses para um agradecimento ao sr. professor João Lourenço Rodrigues, cujas gentilezas em São Paulo me acabaram de convencer que a Revista tem nele uma coluna firmíssima.

A escassez de tempo e várias pequenas contingências privaram-me da alegria de rever outro baluarte paulistano do meu periódico, o eminente professor Álvaro Guerra.

Fecharei o parêntese com uma referência à magnífica creche católica de São Paulo, única instituição que aí pude visitar, e que é estudada neste fascículo da Revista pela pena adestrada do sr. professor Rodrigues. Julgando-se ele seu tanto suspeito para elogiar tal obra, por ser amicíssimo do seu organizador, o revmo. padre Gastão Pinto, e duma das atuais diretoras, a exma. senhorinha Odilla Roche, pediu-me reforço para os seus encômios, do modo que se me afigurasse melhor.



Para buscar autoridade ou padrinho, bateu à má porta, não há dúvida alguma.

Entretanto, faço o que posso. Convictamente, dou testemunho de que esse nosso abalizado colaborador é incapaz de inverdades e lisonjas. Homem de talento, cultura e caráter – sabe observar e expor, deve, portanto, convencer.

II. Florianópolis

A 12 de Fevereiro, pelas oito horas da noite, o "Itaquera" fundeava nos Ratones, dois ilhotes da baía do Norte.

A cidade insular, muito ao longe, como que estava a acenar-nos com os mil olhos de sua iluminação.

Pareceu-me muito maior, mas logo me explicaram o porquê: a extensa ponte de ligação com o continente minha desconhecida ainda, iludia-me com a profusão de suas lâmpadas.

Pouco depois meu irmão Henrique levava-me para a capital catarinense. A travessia numa lancha a gasolina durou cerca de hora e meia.

Ufanamente, passei pela vez primeira sob a ponte Hercílio Luz, obra que consagrará para todo o sempre o nome do arrojado administrador que a ideou e mandou construir.

Demorei-me três dias na antiga Desterro.

Para não encher estas colunas de nomes, abstenho-me de citar obséquios pessoais aí recebidos. Não posso calar, porém, a agradabilíssima impressão que me causaram as obras realizadas, de 1923 até hoje: o Paço Arquiepiscopal, elegante no seu estilo Renascença; o Ginásio Catarinense, estabelecimento de primeira ordem, sob todos os aspectos; a Catedral

inteiramente reformada; a Maternidade, a cargo da solicitude das irmãs da Divina Providência, que dirigem também o grande Colégio Coração de Jesus (equiparado à Escola Normal), os prósperos Asilos de Órfãos e de Mendicidade, e o modelar hospital do Menino Deus.

Nessas instituições e edifícios a caridade e a religião se esmeram.

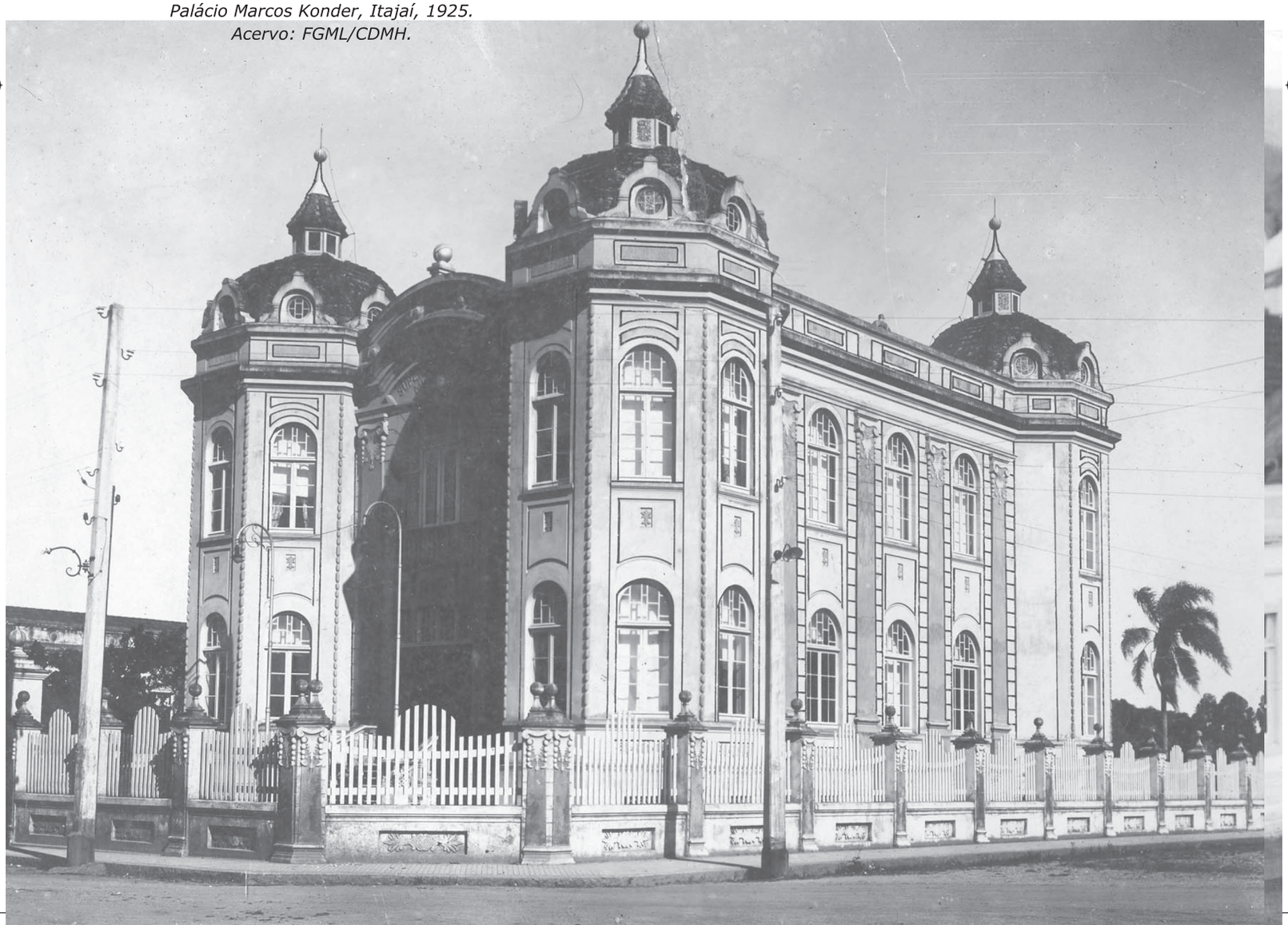
Mas o que há de novo, dentro do campo de ação das autoridades estaduais, não é menos digno de louvores: a Escola Normal agrada pela largueza, conforto e bom gosto; o quartel da Força Pública com as suas múltiplas dependências – farmácia, alfaiataria, correaria, cantina, etc. – atesta a operosidade de um comandante esclarecido, enérgico e probo.

Já me referi à ponte, construção verdadeiramente ciclópica pela altura, extensão, solidez e beleza.

Elogiarei, enfim, rasgadamente as estradas de Santa Catarina, por onde os autos e caminhões deslizam com segurança que pede meças ao asfalto carioca.

Pode-se ir de Florianópolis a Itajaí em duas horas. E são 200 km de distância. E atravessam-se regiões desabitadas. E sobe-se por vários morros!

Palácio Marcos Konder, Itajaí, 1925.
Acervo: FGML/CDMH.



III. Itajaí

Fui de automóvel para a minha cidadezinha natal. Meu irmão, inimigo das precipitações, impôs ao motorista a velocidade máxima de 50 km por hora. Mesmo assim, atravessamos o Estreito, Biguaçu, Tijucas e Camboriú em três horas e meia chegando sem novidade à "terra de governadores e ministros".

Fiz uma segunda vez o mesmo percurso, a fim de tomar o vapor em Florianópolis, para regresso ao Rio.

Tive, portanto, dois ensejos de apreciar a beleza e uberdade dos terrenos marginais.

Caberia bem aqui uma pintura da praia de Itapema, com seus nove quilômetros de areia fina, acariciada pelas vagas rumorejantes.

Uma digressão acerca da pompa variegada dos cafezais, bananais e outras plantações que orlavam a estrada, não estarão também fora do lugar. Mas, destituído do dom da descrição, nem tento ensaiar o pincel, e continuo a rabiscar com minha pobre pena...

Em Itajaí, três novidades me prenderam mais a atenção: o Palacete Municipal, a praia de Cabeçudas e a Vila Operária.

Vila Operária, Itajaí, 1928. Acervo: FGML/CDMH.

O edifício da prefeitura é decididamente um mimo, sobretudo quanto à decoração e mobiliário. Direi mais: é uma antecipação feliz; parece construído para o Itajaí de 1948...

No entanto, custou uns 120 contos apenas, graças à probidade e inteligência dos seus obreiros principais, os srs. Marcos Konder e Marcos Heusi.

A atuação desses dois administradores exemplares vê-se por toda a cidade, limpa e alindada sempre, embora não seja das mais opulentas a receita municipal.

A praia de Cabeçudas, à beira do Atlântico, dista da cidade dez minutos de automóvel. É o balneário de Itajaí e dos municípios vizinhos, Blumenau e Brusque. Com a iluminação elétrica; com os novos prédios, alguns notáveis pela beleza e conforto; com duas estradas para trânsito de veículos – a minúscula praia proporcionou-me, em passeio inesquecível, a mais agradável surpresa.

Deixei para o fim uma verdadeira glória de Itajaí: a Vila Operária. Ergueu-a a Construtora Catarinense, que saneou uma área enorme, não longe da cidade para aí proporcionar moradia às classes pobres. Estão construídas mais de 70 casas, a maioria de madeira.

Tal foi, porém, o êxito do tentâmen que gente abastada também adquiriu terrenos na Vila, contratando com a Construtora a edificação de boas residências.

A Vila tem uma grande capela em construção, dedicada à Nossa Senhora da Paz. O governo estadual edifica uma escola mista, que vai receber o nome do maior dos itajaienses – Lauro Müller. Funciona na Vila uma próspera fábrica de tecidos de algodão, com trabalho para mais de cem operários.

Cabeçudas, Itajaí, s/d. Fundo digital Immanuel Currlin. Acervo: FGML/CDMH.

Em quanto tempo se conseguiu tudo isso?

Em menos de três anos.

Qual o milionário que realizou tudo isso? Milionário é ser que Itajaí não conhece...

Deve-se tudo isso ao tino e dedicação do sr. José Eugênio Müller, coadjuvado por grupo de pessoas abastadas, cujo número vai aumentando sempre.

A administração da Construtora é gratuita; não há dividendos anuais, vencendo juros fixos as quantias emprestadas à empresa; todos os lucros dever ser aplicados em obras pias.

Os operários recebem as casas prontas, pagando-as em prestações mensais módicas, não passando algumas de 12$000.

Ao sr. José Müller têm chegado de vários pontos do país pedidos de informações acerca do funcionamento da Construtora Catarinense. E sei que a todos atende, empenhado em que o bem exemplo de Itajaí se alastre, para o bem das famílias, por todo o Brasil.

Posfácio

Aí tens, leitor amigo, um pouco do que me sugeriu a viagem ao meu Estado. Antes de fazer ponto, uma observação: não penses que qualquer interesse inconfessável me tenha movido nesse continuado panegírico.

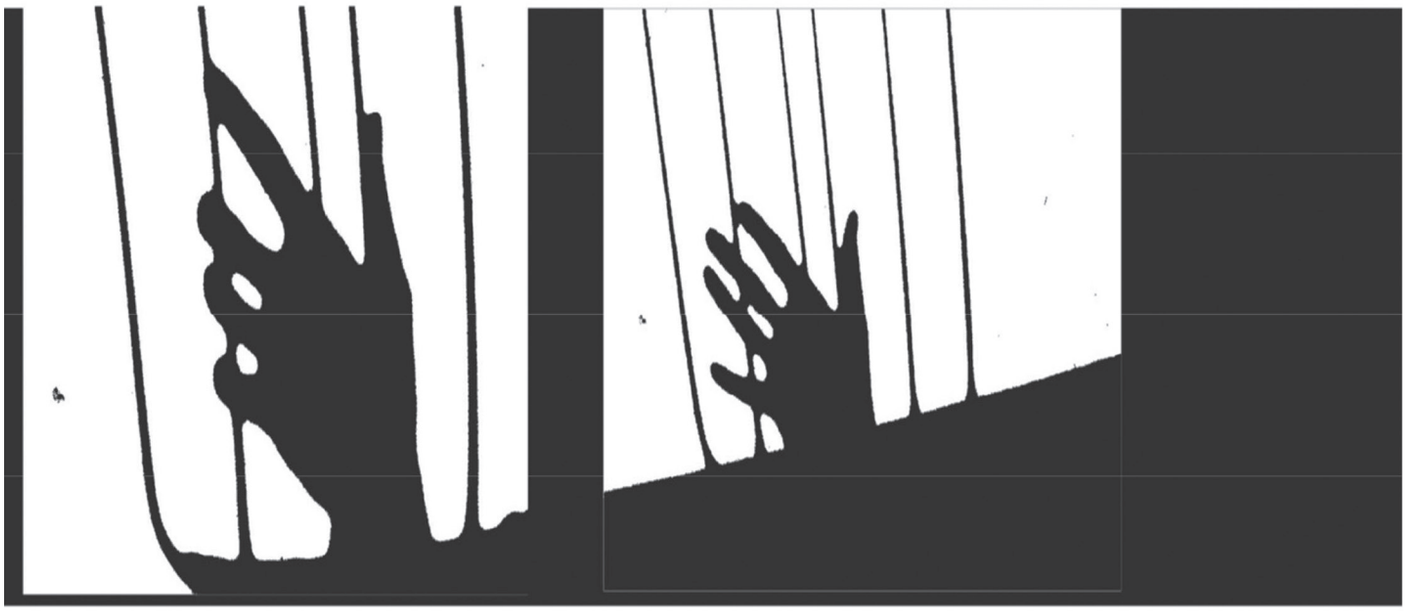
Franco até a rudeza, costumo escrever como falo: sem lisonjas, sem medo, sem segundas intenções.

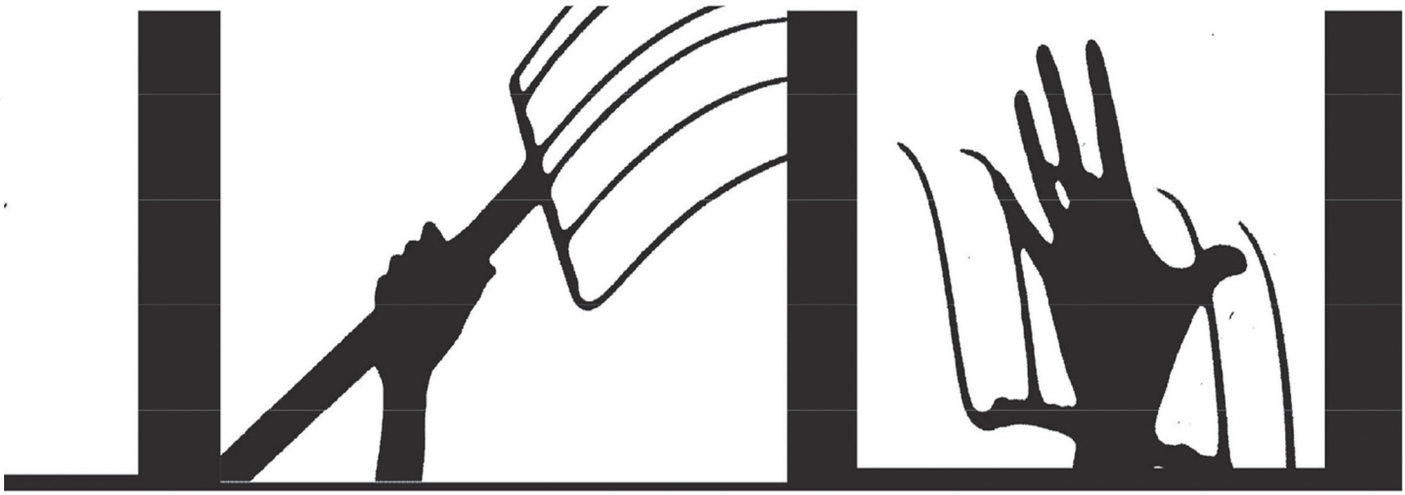
Penso que fiz apenas justiça a Santa Catarina e a sua gente.

Se exagerei, ou errei, ou menti, mostra-me onde.

Mas, se concordares comigo, brademos juntos: Deus continue a proteger povo tão bom e terra tão linda!

Jardineiro Metafísico.

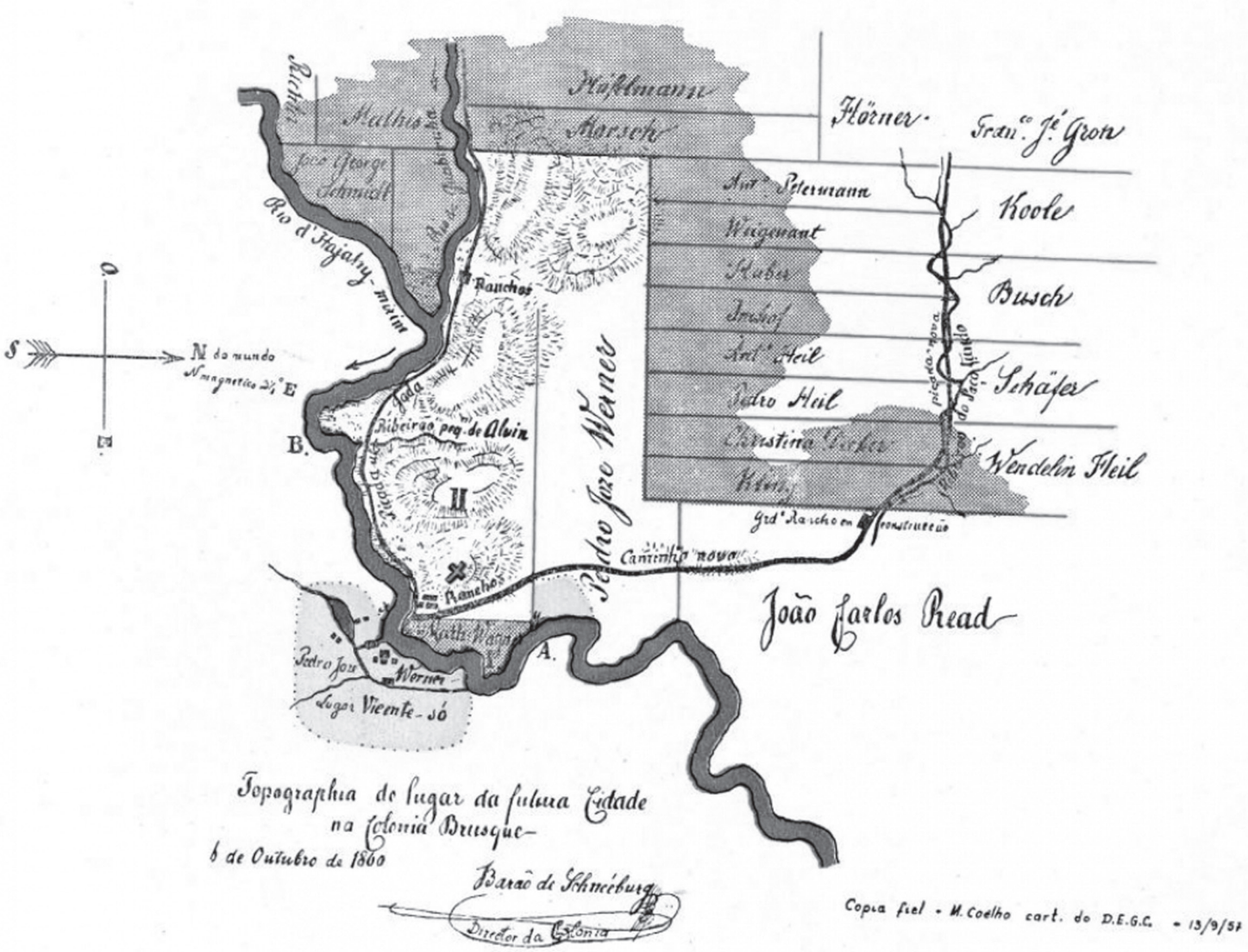




Os primeiros tempos da cidade Schneeburg

Saulo Adami - escritor, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

PRIMEIRO MAPA DA COLÔNIA "ITAJAI" (BRUSQUE)



A colonização de Brusque

Na segunda metade do século XIX, famílias inteiras deixaram a Europa para escrever sua nova história em uma terra estranha, separada pelo mar. Em 24 de julho de 1860, sob céu nublado e sobre mar revolto, o navio Belmonte rumou à barra do rio Itajaí-Mirim. À bordo, o presidente da Província de Santa Catarina, Francisco Carlos de Araújo Brusque, e o barão austríaco Maximilian von Schneeburg que, a serviço do imperador Dom Pedro II, trouxe 55 imigrantes alemães e prussianos. Seu destino: o lugar Vicente Só.

Ancoraram em Itajaí. Um armazém estava preparado para dar pouso provisório aos colonos. No relatório *Viagem do Presidente da Província ao Rio Itajahy em 1860*, Joaquim Monteiro Caminhoá anotou:

> Foi naquele sítio lindo que houve lugar um dos interessantes episódios da viagem. O senhor Barão de Schneeburg, diretor da colônia que ia ser fundada, pedia à Sua Excelência para pôr o nome de Colônia Brusque, visto ter o senhor Ministro mandado dizer ao senhor Presidente para o pôr o nome que lhe aprouvesse. Sua Excelência recusou-se a isso; e enquanto esse diálogo tinha lugar na Câmara, os oficiais da Belmonte, o Sr. Capitão do Porto e as outras pessoas combinavam entre si para pedirem o mesmo ao Sr. Presidente, que de novo não quis aceitar, visto como ele era o fundador. Eram quatro horas da tarde.

A primeira turma de imigrantes era integrada por 10 famílias assim identificadas pelo escritor João Carlos Mosimann em sua obra *As famílias de Brusque, Guabiruba e Botuverá – Nos meandros do Itajaí-Mirim*:

> – Johann Hermann Boiting, 41 anos, lavrador, católico, recebeu lote na Guabiruba do Norte. Chegou acompanhado da mulher, Anna Maria Therback (35 anos), e dos filhos: Johann Anton (nascido em 1845), Elisabetha (Isabella? – nascida em 1º. de abril de 1848 em Vreden), Bernhard (nascido em 1851), Hermann (nascido em 1853, em Vreden); e Joseph (nascido em 1855). Segundo Mosimann, a família Boiting era originária de Vreden, na Prússia Renana, perdeu uma filha de 15 meses, que morreu em Itajaí em 27 de julho, quatro dias antes do início da viagem para Brusque;
>
> – August Höfelmann, 28 anos, tecelão, "declarado lavrador ao ingressar na colônia", luterano, nascido em Herscheid, região de Dusseldorf, na Renância do Norte. Chegou acompanhado da mulher, Anna Maria Scheidtmann (28 anos), com os filhos: Peter (nascido em 27 de março de 1852, em Herscheidt), Wilhelm (nascido em 1857), e Louise (nascida em 1859);
>
> – Jakob Morsch, nascido em Mosburg, perto de Koblenz, Prússia Renana, em 6 de abril de 1823, lavrador, católico. Chegou acompanhado da mulher, Christina Amalia Flecker (32 anos), e dos filhos: Franz (nascido em 1853), Heinrich (nascido em 1857) e uma menor, recém-nascida, não batizada. Segundo

Colonos limpando a terra. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Mosimann: "Recebeu terras defronte ao rio Guabiruba, onde hoje inicia-se a estrada para Rio Branco, em terreno acidentado, e fundos para as terras da família Hörner, no Peterstrasse";

– Friedrich Wilhelm Neuhaus, lavrador e cuteleiro, luterano, natural da Prússia. Recebeu lote no braço norte do rio Guabiruba. Chegou acompanhado da mulher, Elisa Margaretha Isaac (35 anos) e dos filhos: Friedrich (12 anos), Gustav (10 anos), Emil (7 anos), August (5 anos) e Emma (2 anos);

– Friedrich Orthmann, lavrador, luterano, 33 anos, nascido em Solingen, Prússia Renana. Chegou acompanhado da mulher, Joana Schmaklemberg (28 anos) e dos filhos: Friedrich (4 anos), Bertha (3 anos) e os gêmeos Emil e Ernest (1½ ano);

– Johann Ostendarp, carpinteiro e lavrador, 45 anos, católico, natural da Prússia. Chegou acompanhado da mulher, Maria Catharina Sebbing (51 anos) e dos filhos: Joseph (18 anos) e Heinrich (13 anos);

– Ludwig Richter, lavrador, luterano, 41 anos, casado com Henriqueta Bartels (33 anos), com quem teve os filhos: Ernest (5 anos), Emil (3 anos) e Wilhelmine (1½ ano). Segundo Mosimann: "De início, Richter não trouxe a família, que permaneceu em Petrópolis, aguardando transporte. Receberam terras na Guabiruba, a margem esquerda do rio Itajaí-Mirim, na localidade chamada Grosser Fluss (atual Guarani);

– Johann Joseph Scharfenberg, alfaiate, católico, 32 anos. Chegou acompanhado da mulher, Catharina Elisabetha Riesevick (45 anos), filhos Joseph (15 anos), Heinrich (14 anos), Anton (11 anos) e Maria (4 anos), e do agregado Johann Zimmer (49 anos), católico que por ser solteiro, ou viúvo, segundo Mosimann, "não podia ingressar isoladamente";

– Daniel Walther, lavrador, luterano, 50 anos, viúvo de Friedericke Hagemann, natural da Prússia, estabelecido no Poço Fundo. Chegou acompanhado dos filhos Gustav (nascido em 26 de dezembro de 1843, em Solingen, Prússia), Albert (nascido em 1849) e Anna Catharina Johanna (nascida em Solingen, em 25 de setembro de 1851);

– Johann Wilhelm, lavrador, católico, nascido em 1802 em Gernsheim, Grão Ducado de Hesse-Darmstadt. Chegou acompanhado da mulher (segundas núpcias), Margaretha Ritsch (nascida em 1812), e dos filhos da primeira mulher, Isabela Wagner, todos nascidos em Gernsheim: Simon (nascido em 15 de maio de 1834), Karl (nascido em 20 de abril de 1843), Eva (nascida em 10 de agosto

de 1846), Margaretha (nascida em 18 de setembro de 1851), Nikolaus (nascido em 1852), Johann (nascido em 1854) e Johann Sebastian (nascido em 1858). Segundo Mosimann, esta família "recebeu o lote colonial de número 10 da Linha Guabiruba (atual Guarani) com área de 27,7 hectares, tendo Simon, maior de idade, recebido o lote vizinho de número 12.

Schneeburg citou uma família que não embarcou para Brusque: a de Pedro Mopei, "casado com Francisca Sternebad, possuindo o casal três filhos menores. Tendo ficado retido na Barra do Rio por doença da esposa, Mopei, que era marceneiro, resolveu ir morar em Blumenau, tentado pelas promessas do Dr. Hermann Blumenau, seu Diretor".

Cidade Schneeburg

Em 4 de agosto de 1860, depois de cinco dias enfrentando a correnteza do rio, os imigrantes chegaram ao destino e instalaram a nova colônia, que mais tarde receberia o nome do presidente da província. A história da viagem rio acima e dos primeiros dias dos colonizadores constam do primeiro relatório de Schneeburg endereçado ao presidente em 31 de agosto:

> Tenho a honra de levar ao conhecimento de Va. Exa. que em 4 de Agosto corrente, 5º dia de viagem pelo Rio d'Itajahy-Mirim acima, cheguei com a 1ª turma de 55 colonos com bom tempo e com muito zelo conduzidos pelo contraente Pedro Werner (vulgo: Pedro Miúdo) ao lugar Vicente Só, cujo proprietário Pedro José Werner os agasalhou com o melhor recebimento no seu espaçoso engenho de farinha. Tratei logo de inspecionar o lugar da Colônia, construí 4 ranchos grandes e um armazém de mantimentos com a despesa, que se vê na tabela junta de jornais, e algum tabuado marcado na conta corrente da Caixa. As picadas antigas das medições estão quase todas fechadas por capoeiras e sem novo limpamento intransitáveis, excetuando parte da Meridiana e algumas ao Oeste da mesma ultimamente limpadas.

Naquele ano, quatro turmas de imigrantes deram entrada na colônia de Schneeburg. Foram 290 adultos e 116 menores de 90 famílias.

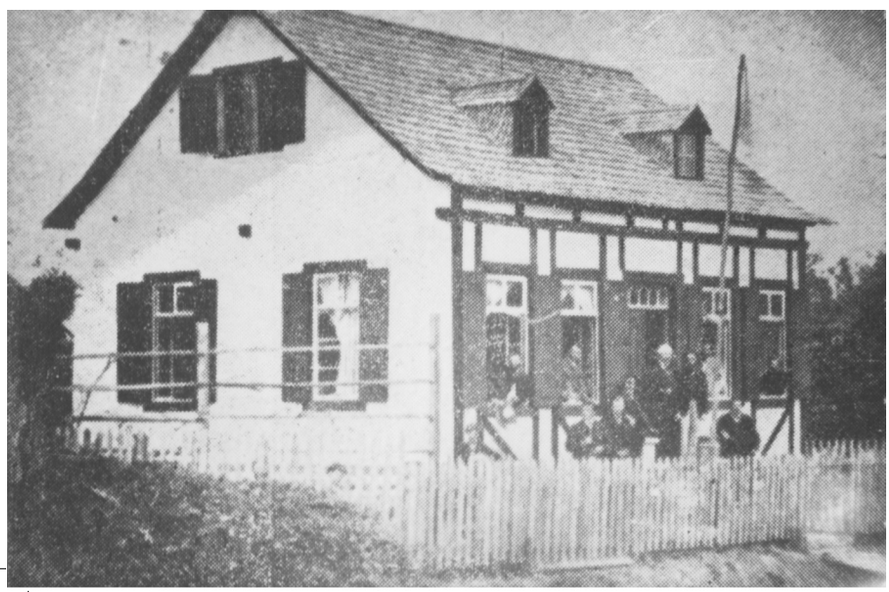
As primeiras moradias eram feitas com troncos e folhas de palmitos. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Pensar que o mulato Vicente Ferreira de Mello ou Vicente Só mudou-se de Itajaí para Brusque apenas para caçar e pescar é ingenuidade. Isso porque não havia lugar mais farto de peixes do que Itajaí, onde também não lhe faltavam matas para explorar e caçar. Para Ayres Gevaerd, Vicente Só "[...] provavelmente foi outro minerador. Entretanto, como ninguém pode viver em eterno sonho, contemplando as belezas naturais, Vicente Só teria sido *mais um* garimpeiro cuja frustração só viria no fim de seus dias". O sonho de Vicente Só terminou antes da chegada de Schneeburg. A região era procurada por mineradores desde a década de 1840. A possibilidade de encontrar ouro trouxe os irmãos Leslie (Robert, August e Leweson) dos Estados Unidos para Brusque, e batizaram o seu local de exploração de Ribeirão do Ouro, atual município de Botuverá. "O ouro era de aluvião, cuja procura requer trabalho paciente", ponderou Ayres Gevaerd.

Há quem afirme que Brusque tem "um fundador sem rosto". Porque não há em parte alguma, nem no Brasil e nem na Europa, um retrato do barão Maximilian von Schneeburg. Verdade? – Mentira? Há quem afirme que o retrato do barão que está depositado na Casa de Brusque e que desfilou em 4 de agosto de 1960 durante o primeiro centenário de Brusque é na verdade o retrato de seu pai, Joseph Johann von Schneeburg. Então, este retrato foi equivocadamente reproduzido em livros e revistas?

A revista *Notícias de Vicente Só* publicou em 2013 uma carta de 15 de setembro de 1986 escrita por Hann Jäger-Sunstenau ao industrial brusquense Horst Schlösser. A carta continha ampla pesquisa sobre as origens e a biografia do fundador de Brusque. Tal pesquisa localizou mais de um Barão de Schneeburg. Na Biblioteca da Sociedade Heráldica-Genealógica Adler, em Viena, Jäger-Sunstenau encontrou o livro de bolso genealógico das casas de barões, Gotha 1869, que em sua página 795 trazia dados dos Schneeburg, nível de barões por diploma imperial, de 31 de agosto de 1664. O primeiro mencionado foi o pai do nosso *barão sem rosto*: "Joseph Johann Barão de Schneeburg, nascido em 3 de fevereiro de 1769 e falecido em 5 de abril de 1799. Foi capitão imperial, casou-se em 6 de janeiro de 1799 com Maria Barbara Limbeck von Lilienau – falecida em 1841".

Do casamento de Joseph Johann – Barão de Schneeburg – e Maria Barbara Limbeck von Lilienau, nasceu o fundador de Brusque, Maximilian von Schneeburg, em 1799. Ou teria sido em 1798? Porque é isso que afirma Friedrich Gatti, em sua obra *História da Academia Imperial de Engenharia e Gênios 1717-1869* (Viena, 1901): "Maximilian Barão de Schneeburg,



Casa da Administração da Colônia. Acervo: MAHVIM/Sociedade Amigos de Brusque.

nascido aos 28 de outubro de 1798 em Eger, cujo pai era Capitão dos atiradores tiroleses, ingressou na academia em 26 de dezembro de 1815". Nosso barão, segundo Gatti, entrou para o Corpo de Engenheiros em 3 de setembro de 1820, como cadete. Passou a subtenente (1822-1823) e tenente maior (1824-1826). O volume referente a 1827 não foi localizado por Gatti, e no volume de 1828 o nome de Schneeburg já não consta, o que nos sugere que tenha sido em 1827 ou em 1828 que ele se transferiu para o Brasil.

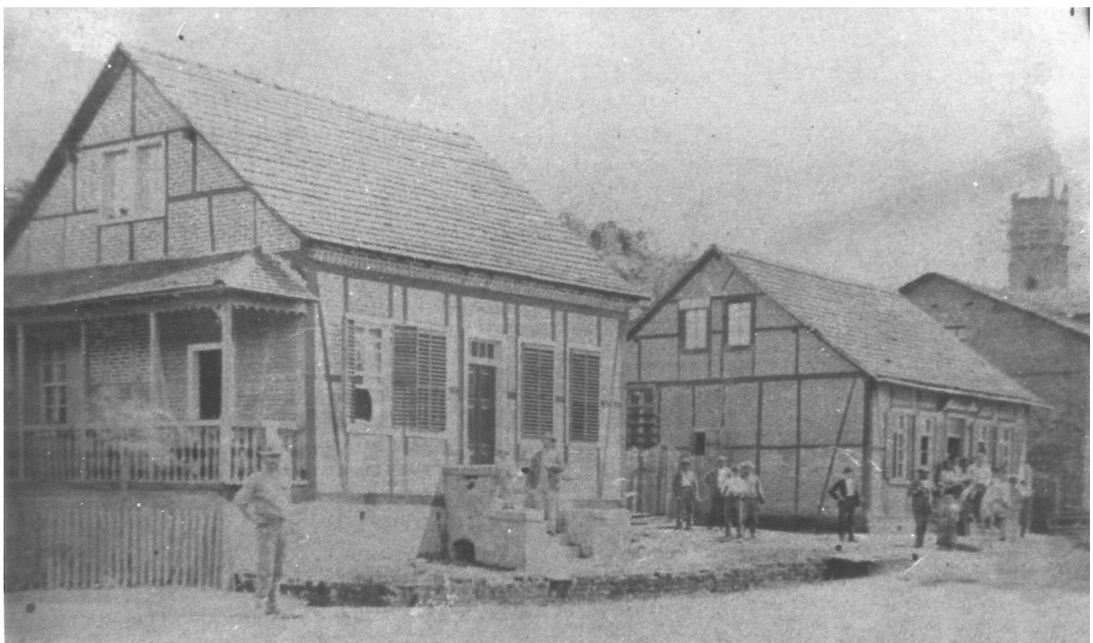
Maria Barbara Limbeck (e não Lindegy, como consta de algumas pesquisas) von Lilienau, também era filha de um Maximilian. Seu pai se chamava Maximilian Mathaeus Limbeck, "burgomestre da cidade de Eger, na Bohemia, que em 17 de dezembro de 1793 recebeu o título de nobreza austríaco", de acordo com informações de Hann Jäger-Sunstenau. Limbeck passou, portanto, a ser "Nobre de Lilienau".

"Maximilian Schneeburg não foi Mestre Cavalheiro de um regimento de cavalaria, como parece", ponderou Jäger-Sunstenau em sua carta a Schlösser. "Dados mais exatos sobre sua saída do exército imperial deveríamos descobrir no Arquivo de Guerra austríaco. Mas não consegui encontrar sobre o assunto".

Em seu perfil biográfico de Maximilian von Schneeburg, Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart destacou que:

> O barão era minucioso no trato dado a "documentação endereçada ao Presidente da Província, sempre dando conta de seu desempenho junto aos colonos, e relacionando as devidas providências tomadas para o bem estar deles, era um governante preocupado e sempre voltado à responsabilidade que o cargo exigia, apesar de estar avançando em anos. Muito preciso e detalhado, apresentava a cada trimestre uma contabilidade de fazer inveja, com os gastos tidos e com os prováveis para o trimestre seguinte. Sempre sonhando com a Colônia transformada em cidade, ia-lhe também no fundo do coração ouro grande desejo: o de vê-la ligada ao seu nome: tanto é que muitos já a identificavam como Cidade de Schneeburg".

Quem deu a denominação de Cidade Schneeburg para a então colônia foi Anton Dinkelborg. Em um requerimento escrito em 13 de novembro de 1863, Dinkelborg mencionou



Centro de Brusque. À direita, a Igreja Católica em construção (1874/1875). Acervo: MAHVIM/ Sociedade Amigos de Brusque.

um "dia de pagamento no centro da Colônia Cidade Schneeburg, na Colônia Brusque". Esta, segundo Ayres Gevaerd, foi a "única citação conhecida de Cidade Schneeburg em todos os documentos coloniais".

Cartas e relatórios reconstituem o dia a dia da colônia

Na revista *Notícias de Vicente Só*, Ayres Gevaerd publicou a série *Brusque – Fragmentos de sua história, dia a dia*, com ênfase para a administração Schneeburg (1860-1867). Desta série, selecionei alguns de seus apontamentos, com anotações e complementos que considero oportunos, referentes ao primeiro ano da vida na colônia, a partir de 31 de agosto de 1860, data na qual o barão redigiu seu primeiro relatório ao presidente da Província, Francisco Carlos de Araújo Brusque.

Em 6 de outubro de 1860, Schneeburg assinou o primeiro mapa, sugerindo a localização para construção do povoado. "Farinha de trigo não se distribui por regra, dá-se só em caso de doenças e crianças que dela carecem", anotou Schneeburg em 16 de outubro. Oito dias depois, acrescentou notas a um relatório: pagou ao mestre Alexandre *Inglez* 100$000 para construção de uma lancha de madeira (louro ou garuva), com 50 palmos de comprimento e 11 de largura, com capacidade para carregar de 370 a 380 arrobas.

Para a Festa de Todos os Santos, um boi foi abatido e a carne distribuída entre os colonos; registrado o primeiro óbito: uma criança de 18 meses, filha de João Adão Groh; a colônia contava com 112 menores sem escola; foram sugeridas a vinda de uma professora de Desterro, condessa Maria de Buettner, e a vinda do cura Ludvig Bundschuh, de Karlsdorf; 26 soldados protegeram a colônia do ataque dos bugres; um caminho novo foi aberto ligando a sede da colônia à encruzilhada do ribeirão Poço Fundo; o médico Eberhard faz solicitação de 53 remédios.

Novembro foi marcado pela morte de Maria Elisabeth, 38 anos, esposa de Georg Melchior Schlindwein, no dia 4. A criança à qual deu à luz ficou aos cuidados da família Neuhaus. Em 30 de dezembro, assinou contrato com o agrimensor Augusto Germano Thieme para abertura de picadas, medições de lotes e outros serviços.

Primeiro batizado na igreja católica de Brusque: Francisco, filho de Georg e Francisca Riffel, tendo como padrinhos Francisco M. Völker e Joana Erthal, se deu em 19 de março de 1861. "Tomou o número 35, sendo os anteriores realizados nas colônias Blumenau e São Pedro Apóstolo (Gaspar)". Em junho, padre Alberto Gattone, em sua visita oficial, permaneceu sete dias na colônia, dia 9; Gattone realizou o primeiro casamento na colônia, dia 15: Jacob Habitzreuter e Catarina Riffel, sendo testemunhas Vicente Siegel e Louis Huber. A professora Augusta von Knorring, com salário de 30$000, assumiu a educação da colônia, sendo seus primeiros alunos Frederico Nitzel, Francisco Weitgenant e Carlos Boos. "O nascimento mais antigo que se verificou na colônia, anotado pela Igreja Evangélica, foi o do menino Heinrich Paul Gustav Philip Ludvig, filho de Johann J. F. Zabel", registrou Ayres Gevaerd. "O menino

As imagens de Francisco Carlos de Araújo Brusque, Dom Pedro II e Maximilian von Schneeburg no desfile do centenário de Brusque. Fotografia de Erico Zendron. Imagem: cortesia do autor.

nasceu no dia 23 de dezembro de 1861, foi batizado com urgência no dia 1 de janeiro seguinte pelo colono E. Rieger, abençoado a 21 de abril de 1863 pelo pastor O. Hesse. Serviram de padrinhos: Guido von Sekendorf, Johann Rieger, Philip Krieger, Paul Plönis e Gustav Rose".

O diretor interino da colônia Brusque, João André Cogoy Jr., que substitui Schneeburg – afastado por problemas de saúde – encaminhou seu relatório à presidência da Província, dia 1 de janeiro de 1862. Entre suas reivindicações, a presença permanente de um padre católico e de um pastor luterano para atender ao elevado número de colonos residentes. "Denuncia o abuso cometido pelo colono Eugênio Rieger, que batizou, arvorando-se em pastor, uma criança em perfeito estado de saúde. O referido colono, segundo o documento citado, é prejudicial à colônia, por ser um *cabeça de motim*, despertando ideias subversivas nos colonos", anotou Ayres Gevaerd.

Schneeburg escreveu ao presidente da Província solicitando dois soldados de confiança para escoltá-lo na viagem de Desterro a Brusque, levando consigo 25:000$000, dia 26 de janeiro, embora tenha reassumido a colônia apenas em 8 de fevereiro. Em 4 de março, foi assaltado o rancho de Schneeburg ou a Casa da Diretoria, sendo roubado o cofre com 9:000$000, dinheiro destinado às despesas coloniais. Dia 5, o cofre "foi encontrado pelo colono Philip Krieger, parcialmente mergulhado em uma lagoa, na sede. Todo o dinheiro, somente notas de 2$000, foi encontrado molhado". Depois de secar todas as notas, o barão "teve de alisá-las com um ferro de passar roupa". Krieger, conhecido como Bäcker (padeiro), recebeu como gratificação 100$000, prêmio oferecido pelo barão.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana registrou em 16 de abril o primeiro nascimento: Heinrich Friedrich, filho de Christine Sofia Henriette Krüger e Heinrich Friedrich Kühl. Em maio, Schneeburg encaminhou a Desterro o soldado Luiz Camilo, do destacamento local, que fraturara uma perna. "De canoa, o soldado saiu da Colônia até a Vila de Itajahy, para então aguardar outro meio de transporte até a capital, caso não fosse possível tratamento naquela localidade".

Na carta de 20 de julho ao presidente da Província, Vicente Pires da Mota, Schneeburg "encarece a necessidade urgente da abertura da estrada da colônia para a vila de Itajahy, 'necessidade manifesta a grande vantagem para essa Colônia e a súplica dos colonos'. Indica: 'Joaquim Antônio Coelho se propõe a V. Excia. Para fazê-la em empleito'. O presidente determinou em despacho: 'Por cópia ao Ministro da Agricultura'".

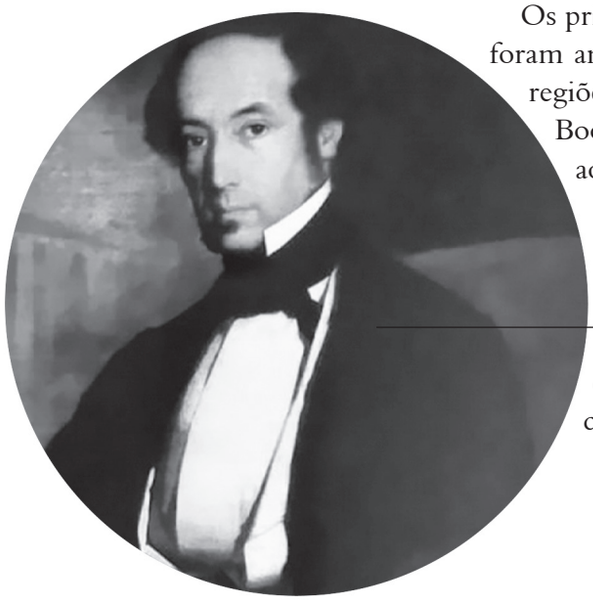
"Observa-se em documento dessa data (6 de outubro) que Bateia era distrito colonial. Incluía as atuais terras (1960) da Bateia, estendendo-se até a margeam do rio (Jönk, Steffen,

Heinig, Todt, Misfeld, Mörsch...)", anotou Gevaerd. "O colono João G. Koole recebe o lote nº 88, situado no distrito Bateias; ganhando a maior parte de seu sustento como condutor de lancha. Koole (possivelmente Kohler) era marinheiro, chegou só e casou na colônia com uma filha de Melchior Petermann".

A colônia recebeu pela primeira vez, em novembro, a visita de um presidente da Província, o comendador João Francisco de Souza Coutinho, vice-presidente em exercício. Dia 16, cerca de 20 colonos liderados por Anton Straub e Valentin Schaefer, organizaram um motim, "dizendo que iriam exigir da administração (de Schneeburg) maior salário e outras vantagens e, se preciso, empregariam armas de fogo. Sabedor do que ocorria, por intermédio de amigos, Schneeburg agiu rapidamente, prendendo os instigadores".

O agrimensor Germano Thieme voltou à colônia em fevereiro de 1863, depois da busca frustrada ao ouro supostamente existente nas minas abandonadas há vários anos pelos holandeses, no Salto do Itajahy-Mirim, distante três dias de viagem rio acima. Dia 18, au saudar o padre Gattone com um tiro de espingarda carregada de chumbo, o colono José Scharf teve a mão esquerda gravemente ferida por ter estourado o cano da arma. Schneeburg, na falta de médico, mandou Scharf à barra do rio Itajahy, "esperando receber socorro aos cuidados da casa Sallenthien & Haendchen".

Em Águas Claras, dia 13 de março, um ataque de bugres (que Schneeburg supõe ser Botocudos) matou a flechadas os colonos alemães João Dittner e Pedro Gorke e o brasileiro Manoel Paranaguá, cujos corpos foram sepultados no cemitério da Villa do Santíssimo Sacramento do Itajahy. Dia 17 de abril, pastor Hesse fundou a Comunidade Evangélica de Brusque. Dia 29, "Schneeburg registra em documento que, para estabelecer a sede da colônia, lhe foi indicado pelo então delegado de Terras Públicas, major Alvim, um terreno fronteiro a Vicente-Só, sito na margem direita por ser de fácil agresso fluvial", anotou Gevaerd. "Entretanto, achou parte da planície do citado terreno ocupado pelo 'intruso' colono Mathias Wagner, casado e já com benfeitorias. Conclue-se que Wagner foi um dos precursores na região, assim como Peter Josef Werner. Wagner é citado em muitos documentos firmados por Schneeburg. Por várias vezes, o diretor pediu dinheiro à administração Provincial com objetivo de indenizar Mathias Wagner: casa, engenho, plantações, etc.".



Os primeiros professores espontâneos e particulares da colônia foram anunciados em 7 de julho: Francisco Weitgenant, para as regiões de Peterstrasse e Bateias; Frederico Neitzel e Carlos Boos para Guabiruba Norte e região. Foi solicitada pelo barão ao presidente da Província gratificação aos professores.

Como se comprovou com a leitura das cartas e dos relatórios dos primeiros três anos nos quais Maximilian von Schneeburg esteve à frente da colônia, a movimentação foi tranquila até certo ponto, considerando os desafios enfrentados durante o estabelecimento da colônia, o recebimento das devidas assistências por parte

dos governos provincial e imperial. Houve muitos outros embates entre os colonizadores e os bugres, entre os colonizadores e o barão... Tudo está preservado no acervo da Casa de Brusque, aguardando a atenção dos pesquisadores, historiadores e memorialistas por vocação ou de ofício.

A partida do barão

O último documento assinado por Maximilian von Schneeburg enquanto diretor da colônia, tem data de 22 de abril de 1967, e foi endereçado ao presidente da Província:

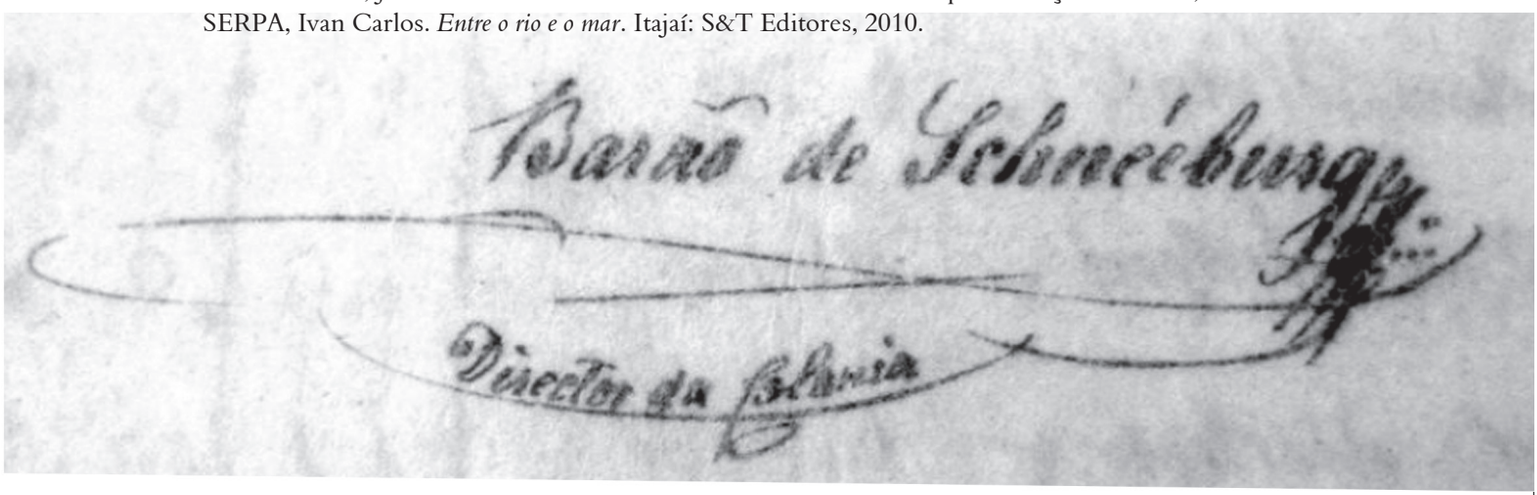
> Cumprindo com as ordens que me foram dadas por V. Exma. no mês de outubro de 1865, abonei aos voluntários da Colônia Brusque quantias assás moderadas e fiz as dispensas de suas conducções e alimentações da Colônia até a capital Desterro, como me fui ordenado, aonde pessoalmente as entreguei a V. Exa., assim como posteriormente a contas das despesas na imprtância de 136.440 Réis documentados. Algumas semanss depois, recebi por officio a ordem de V. Exa. de abonar a Eugenio Rieger quantia que ele julgar necessário para o transporte de outros voluntários que ele, por especial ordem de V. Exma., estava incometido de agenciar e entregue-lhe para esse fim e em cumprimento da ordem de V. Exma. a quantia de 42,000 Réis.

O barão dava amostras do seu cansaço e dos dissabores da função. Houve casos nos quais levou mais de 18 meses para ser ressarcido por parte do governo da Província das despesas que ele próprio assumira, em casos emergenciais, enquanto administrador colonial. Um ano antes, em 26 de janeiro de 1866, recebeu o reconhecimento de Dom Pedro II, que lhe concedeu o título de cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa.

Schneeburg deixou a colônia em abril de 1867, dirigindo-se à Corte, e de lá, após sua exoneração do cargo de administrador de Brusque, em dezembro, retornou à sua terra natal, que naquele período era parte do Império Austro-Húngaro, onde morreu em 16 de setembro de 1869.

Referências

ADAMI, Saulo; ROSA, Tina. *Histórias e lendas da Cidade Schneeburg*. Itajaí: S&T Editores, 2009.
GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. *Brusque: Essas ruas que eu amo*. Blumenau: Casa Dr. Blumenau, 1982.
MOSIMANN, João Carlos. *Catarinenses – Gênese e História*. Florianópolis: Edição do Autor, 2010.
SERPA, Ivan Carlos. *Entre o rio e o mar*. Itajaí: S&T Editores, 2010.



Um monumento que está impregnado n'alma

Emerson Ghislandi - Jornalista

A Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento constitui-se no mais significativo monumento artístico e cultural de Itajaí. Bela e majestosa obra que levou uma década e meia para ser construída. Ela completou, no dia 15 de novembro de 2020, nada menos que 67 anos de existência e de glória!

A imponente igreja, bem no coração da cidade, é um dos principais cartões postais da nossa "Pequena Pátria". Mas o que hoje enche os olhos e comove milhares de pessoas, foi motivo de muito esforço e doações durante os 15 anos de sua extenuante construção. Na sua edificação foram utilizados nada menos que 700 mil tijolos, artisticamente organizados numa área de 30 metros de largura por 60 metros de comprimento.

UMA DIFÍCIL TRAJETÓRIA - Foi em 1941 que meia dúzia de pedreiros lançaram os fundamentos e alicerces da igreja. Havia muito tempo que Itajaí sonhava com uma construção grandiosa. Antes da Matriz do Santíssimo Sacramento, a cidade tinha a Igreja da Imaculada Conceição como matriz. O terreno então escolhido abrigava um cemitério.

Constituiu-se uma comissão responsável para dar início ao monumental empreendimento, obedecendo projeto do arquiteto alemão Simão Gramlich. Após os reforçados fundamentos - visto ser o terreno bastante arenoso - e a colocação das sapatas, a comissão viu esgotar-se o dinheiro para dar continuidade à obra.

Depois de alguns meses, para angariar os fundos necessários, decidiu-se vender o Colégio São José para as Irmãzinhas da Imaculada Conceição. A Segunda Grande Guerra também influenciou na construção da Igreja Matriz. Em 1942 foi deflagrada intensa campanha contra os alemães aqui residentes, e o pároco José Locks - que estava à frente das obras - teve que fugir às pressas da cidade. Em 1944 iniciou-se a cobertura da nave central, que terminou no ano seguinte. E a comissão viu-se novamente às voltas com a falta de dinheiro.

Em 1948, o novo vigário, monsenhor Vendelino Hobbold, resolve retomar a construção e, para isso, promove festas e jantares, juntando assim os recursos que levariam à reativação das obras. Inaugurada em 1955, a igreja lembra um imponente castelo medieval, com deslumbrantes vitrais de temas eucarísticos e pinturas dos artistas italianos Aldo Locatelli e Emílio Cessa.

O projeto de Simão Gramlich contempla frontais que atingem 50 metros de altura. Desde sua arquitetura, passando pelos vitrais, pinturas, esculturas e vistosa iluminação externa compõem uma inigualável obra de arte e um dos mais significativos cartões postais de Santa Catarina.

O MENINO E O DIVINO - Ter uma igreja de tal magnitude e beleza é um orgulho para todos os itajaienses. Ela é admirável e sempre o será. Nela fui batizado, me casei e a frequentei durante muitos anos, desde criança, ainda de calças curtas.

Sempre ia à missa das 8. Mesmo nos domingos de frio ou chuva, lá estava eu, compenetrado, com um olho no padre e outro na missa e, claro, no majestoso interior da igreja. Olhava principalmente para cima, encantado com as imagens deslumbrantes que pairavam na abóboda celestial. Para mim, era o próprio céu materializado sobre a minha cabeça.

Entretanto, é uma pena que a construção desenfreada de edifícios no entorno esteja maculando o visual deste maravilhoso patrimônio arquitetônico de Itajaí. Antigamente, quando se vinha pela rua Tijucas em direção ao centro, via-se a Matriz imponente, em todos os seus contornos belos e intocados.

Hoje, fica difícil prender-se apenas na inteireza arquitetônica da Igreja, pois ao seu olhar misturam-se os diversos prédios levantados nas imediações, ao fundo. Apenas quando você se aproxima, é possível notar toda a beleza do monumento. Mas, fazer o quê, é o progresso e contra ele não há remédio, a não ser zelar para que o que resta dos casarios e prédios históricos sejam efetivamente preservados.

Dom Joaquim Domingues de Oliveira, tendo ao lado direito o Pe. Vendelino, durante a Missa de Inauguração da nova Matriz, Itajaí, 1955. Acervo: FGML/CDMH.

Veneza SUBTROPICAL (1)

Prezado Eduardo, papel vegetal e nanquim. Um anjo anunciador com um LIVRO NAS MÃOS. A ROSA, A cadeira, o carneiro, a desconstrução CUBISTA representada com linhas curvas. A GEOMETRIA EUCLIDIANA ABALADA. ME FALASTE CERTA FEITA, QUE Itajaí era UMA "VENEZA SUBTROPICAL". A cidade ESTADO, A POTÊNCIA COMERCIAL. O NANQUIM QUE OBTURA a TRANSparência do vegetal papel, deve ter vindo de um entreposto d'aquela Veneza. Como o VIDRO, a LOUÇA, a seda, os pigmentos, sem falar nos magnetos da orientação marítima. Todos eventos civilizadores. Civilizadores no nível objetual não ao nível dos crenças. Já tinha-mos Jago e Desdemona, e todo o universo do ~~mundo~~ mundo da representação. Representa-se inicialmente as evidências do mundo das formas, das coisas. Estes signos precisam de um suporte para existirem. NOTE-SE a catedral

002-Anuario2019-17-144.indd 134 24/05/2021 15:25:15

da nossa cidade; é um suporte (2)
monumental para certa representação
simbólica.

Cinquenta anos e tudo
muda, agora não é mais uma
rede de tijolos; é o desvio do im-
pulso elétrico em um átomo de
silício. E evoluindo passamos a preci-
são da linguagem para o universo
dos sentimentos e das emoções.

Nossa cidade, e ouso dizer, nossa
"pequena pátria" floresce com poesias,
música e literatura. Expressão dos
bardos, autônomos e inconformados
universais linguagens.

Ao apelo de referir-me a ti, neste
anuário histórico, de nossa "pequena
cidade", me fiz observar este arlequim
vegetal moldura, que tenho o privilégio
de guardar! E o calçado do
Arlequim é a moldura medieval e
coreta, que equilibra o ser na
borda do abismo.

(3)

Então prezado Eduardo, devo ~~[illegible]~~ dizer... que as melhores visões que tinhas desta [redacted] "pátria pequena", tinhas, observando-a e sentindo-a, sentado em um telhado de uma casa de madeira, na rua Almirante Barroso.

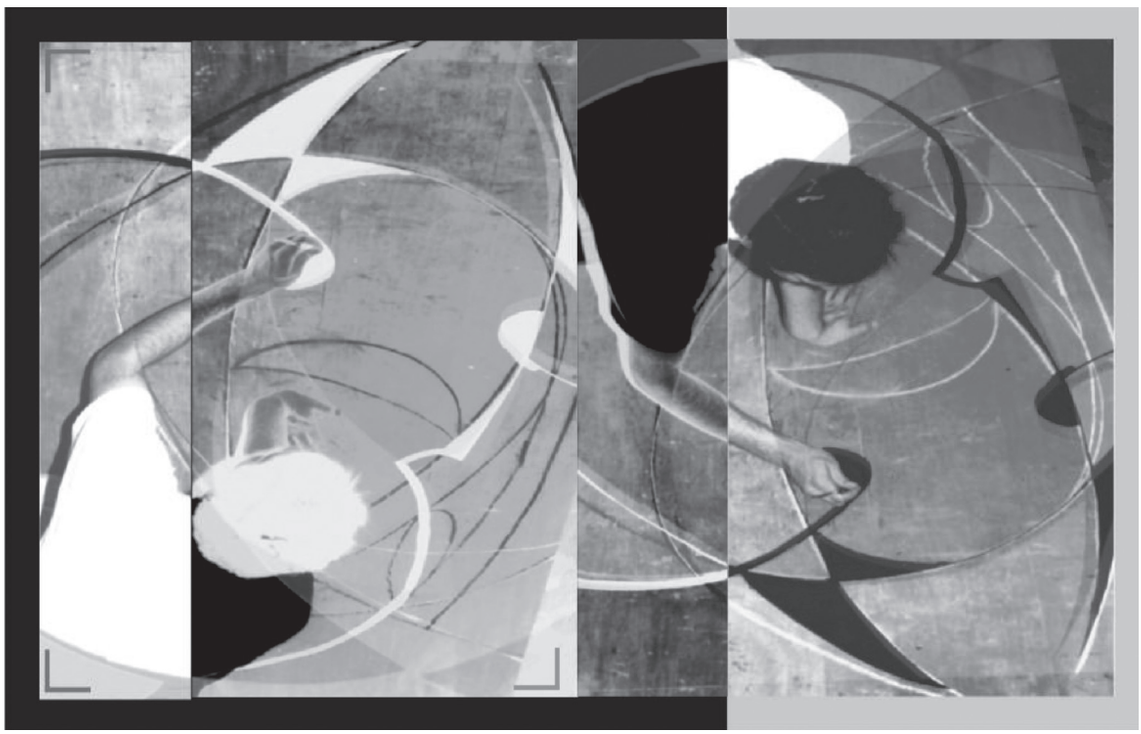
Não te intimidavas em quebrar a taça, fazendo estilar o vidro, que poderia conter o nectar ou o veneno.

Despeço-me prezado Eduardo. Foi um privilégio ter conhecido você e convivido contigo. Partilhado vivências nesta universal aldeia

marco
2021

Fac-símile da carta de Edmundo Campos.

002-Anuario2019-17-144.indd 136 24/05/2021 15:25:17



002-Anuario2019-17-144.indd 137 24/05/2021 15:25:18

A arte cerâmica de Edmundo Campos

Maria Eduarda Bressan - Academica de História.

"Eu não tenho medo de sair caminhando indefinidamente, no sentido literal...
porque eu não tenho onde chegar, sabe?!

E se eu não tenho onde chegar, onde eu estou é o meu lugar."[1]

Edmundo Campos.

O que é ser artista? O que define uma obra de arte? O que define a importância de um objeto ao longo do tempo, esse grande escultor[2]? O que faz com que uma peça seja legitimada no agora ou no futuro? A resposta está na técnica, nas influências, na biografia do artista, nos aspectos sociais e culturais? Essas indagações encontram um oceano de respostas, vão de simples afirmações em uma linha, a extensas teses de pesquisadores renomados. As tais respostas podem ser alicerçadas em gerações e mais gerações de teóricos, ou podem partir de uma simples constatação pessoal, nunca entrando em um consenso que solidifique a questão. Mas um aspecto do mundo da arte chama-me a atenção: apesar de estarmos cada vez mais familiarizados com museus, galerias, exposições, intervenções públicas artísticas; de assistirmos arte em nossos televisores e computadores, de estarmos amparados por um mercado editorial abrangente que facilita o acesso a imagens, críticas e biografias detalhadas... mesmo com todo esse aparato que pretende aproximar o público comum das genialidades humanas, ainda assim estamos paradoxalmente distantes do contato com obras e artistas contemporâneos. Dificilmente afirmamos conhecer um artista próximo, e quando enumeramos nomes, a extensa maioria carrega uma pronúncia estrangeira, data de batismo e de morte.

Sem a pretensão de impor lições sobre o que deve ou não ser valorizado num contexto multicultural, busco apenas honrar nomes próximos que coexistem em nosso tempo imediato. Mostrar o artista sem a roupagem do teor divino – comum nos grandes círculos artísticos –, que transforma o processo de produção de obras artísticas num nascimento sem gestação. Todo artista é composto da mesma matéria que nós e nossos próximos, é homem[3] comum, dotado de competências não tão comuns.

Edmundo Campos é um desses seres, um artista de alma hermética que, apesar da misticidade da arte, frequenta a padarias e estabelecimentos comuns a todos nós. A arte de Edmundo é, simultaneamente, nova e antiga. Um misto de tradição e inovação, combinando técnicas e materiais tão comuns em peças milenares (vide as antigas obras de argila, que dotavam

1 RETRATOS de Porto Belo - Edmundo Campos. Porto Belo: Retratos de Porto Belo, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ETc_2uShb0g&t=45s. Acesso em: 09 dez. 2020.

2 N.A. Alusão à obra de Marguerite Yourcenar.

3 N.A. A palavra Homem se refere a espécie humana, não ao gênero do indivíduo.

de significado e utilidade, e resistiram ao tempo apesar das restrições e fragilidades supostamente impostas pelo material), a um estilo e características próprias das mãos do ceramista.

A elaboração de uma peça em cerâmica perpassa etapas rudimentares e ao mesmo tempo delicadas, cuidadosamente calculadas pelo habilidoso artesão e finalizadas pelas chamas do forno que conclui o enrijecimento da peça e dá sua forma última. A cor é atribuída através da mistura de metais, componentes extraídos da própria terra, que durante a queima se materializam na peça. O processo é longo, trabalhoso, constituído de tentativas e erros, e nos erros as peças se unem novamente. O barro retorna ao barro, sendo adicionado, moldado, medido para, ao fim, transformar-se em outro objeto.

Não é necessário a imposição de um movimento artístico para caracterizar as obras de Edmundo Campos. Elas o são em si próprias. Também não entrarei em detalhes e minúcias sobre a vida pessoal do artista ceramista, pois seu talento e sua técnica subsistem independente dos caminhos percorridos. Suas cabeças de garoupa e seus painéis, cuidadosamente ornados, estão sujeitos as mais variadas interpretações, assim como qualquer outra obra artística. Carregam o peso da intenção do artista e do entender do observador.

A matéria prima da cerâmica, por sua vez, é a mesma que edifica nosso mundo, a poeira estelar, os objetos que nos rodeiam, o chão em que pisamos... A terra que atravessou processos químicos e temporais modificando sua consistência e densidade. Somos o barro e enxergamos o barro, que é diferentes formas: a madeira, as paredes, o solo, as partículas que se deslocam do Saara e descansam em solo amazônico. A beleza que compõe uma peça de cerâmica criada por mãos humanas é a mesma que cria o mundo, que compõe a essência do que existe. Edmundo e o tempo são escultores habilidosos da mesma matéria, um atuando numa fração da existência humana, enquanto o outro jaz onipresentemente em tudo o que é.

002-Anuario2019-17-144.indd 141 24/05/2021 15:25:19

002-Anuario2019-17-144.indd 142 24/05/2021 15:25:20

EDUARDO

Dizia,
como algo Eduardo,
a palavra -

afogado
entre marulhos de vinho,
a carne em vinhas d´alho,

- encharcado
na tontura
do domingo:

Amigo,
assemos os corpos,
celebremos os ossos,
a garrafa está vazia.

Soletras, irmão,
o viver,
que nosso dia
é combustão.

Fim do Anuário de Itajaí - 2019

Esta publicação foi composta
nas fontes Aldine401 BT, corpo
11,3/entrelinhas 14,7, para textos;
Aldine401 BT, corpo 10,8/
entrelinhas 13,7, para citações;
impresso em papel pólen soft 80
gramas e papel couché fosco 90
gramas para Fundação Genésio
Miranda Lins no outono de 2021

Itajaí - SC - Brasil

002-Anuario2019-17-144.indd 144 24/05/2021 15:25:20

Projeto Yoga Unir: mais de 1.400 pessoas beneficiadas em 2019. Intervenção digital. Rogério Lenzi.

ALCALINA

VIDRO

Fotos: Rogério Lenzi.

PROIBIDO
TRÂNSITO

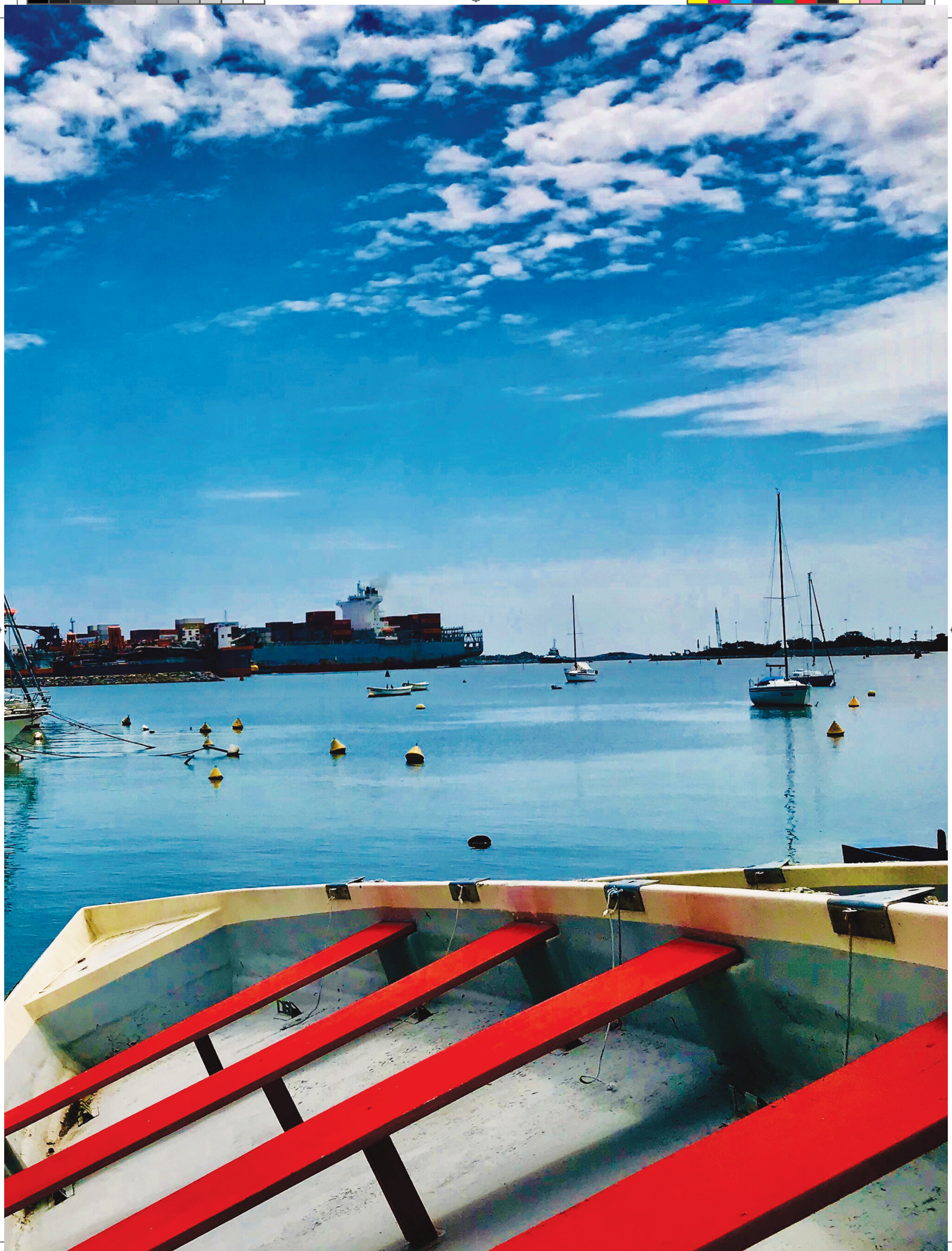
Foto: Rogério Lenzi.

003-Anuario2019-145-160.indd 150 24/05/2021 15:28:11

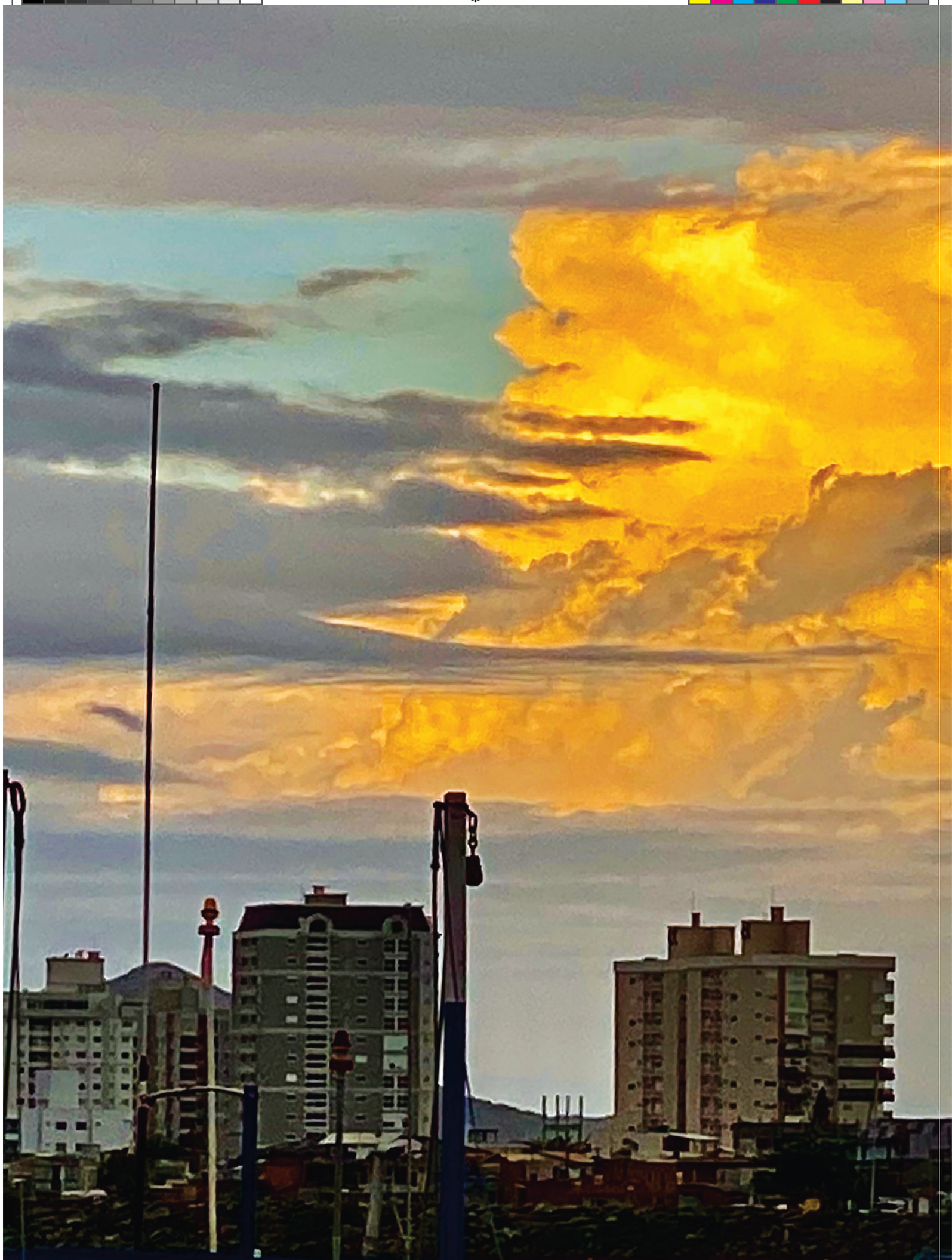
Foto: Rogério Lenzi.

003-Anuario2019-145-160.indd 151 24/05/2021 15:28:13

Foto: Alberto César Russi.



003-Anuario2019-145-160.indd 153 24/05/2021 15:28:17



003-Anuario2019-145-160.indd 154 24/05/2021 15:28:18

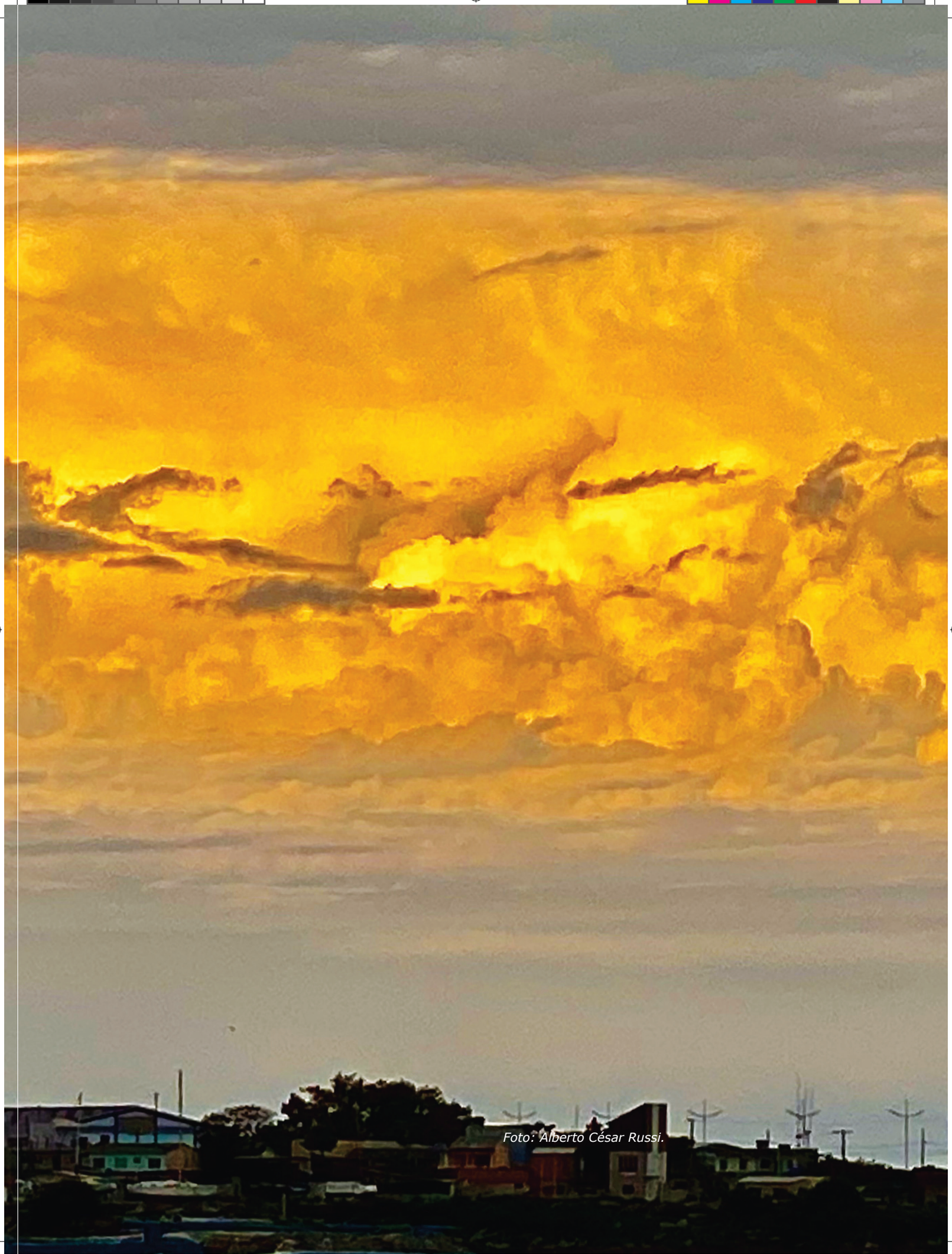


Foto: Alberto César Russi.

Imagem: intervenção sobre fotos de Alberto César Russi e Rogério Lenzi.

Imagem: intervenção digital sobre foto de peça de Edmundo Campos.

003-Anuario2019-145-160.indd 159 24/05/2021 15:28:27

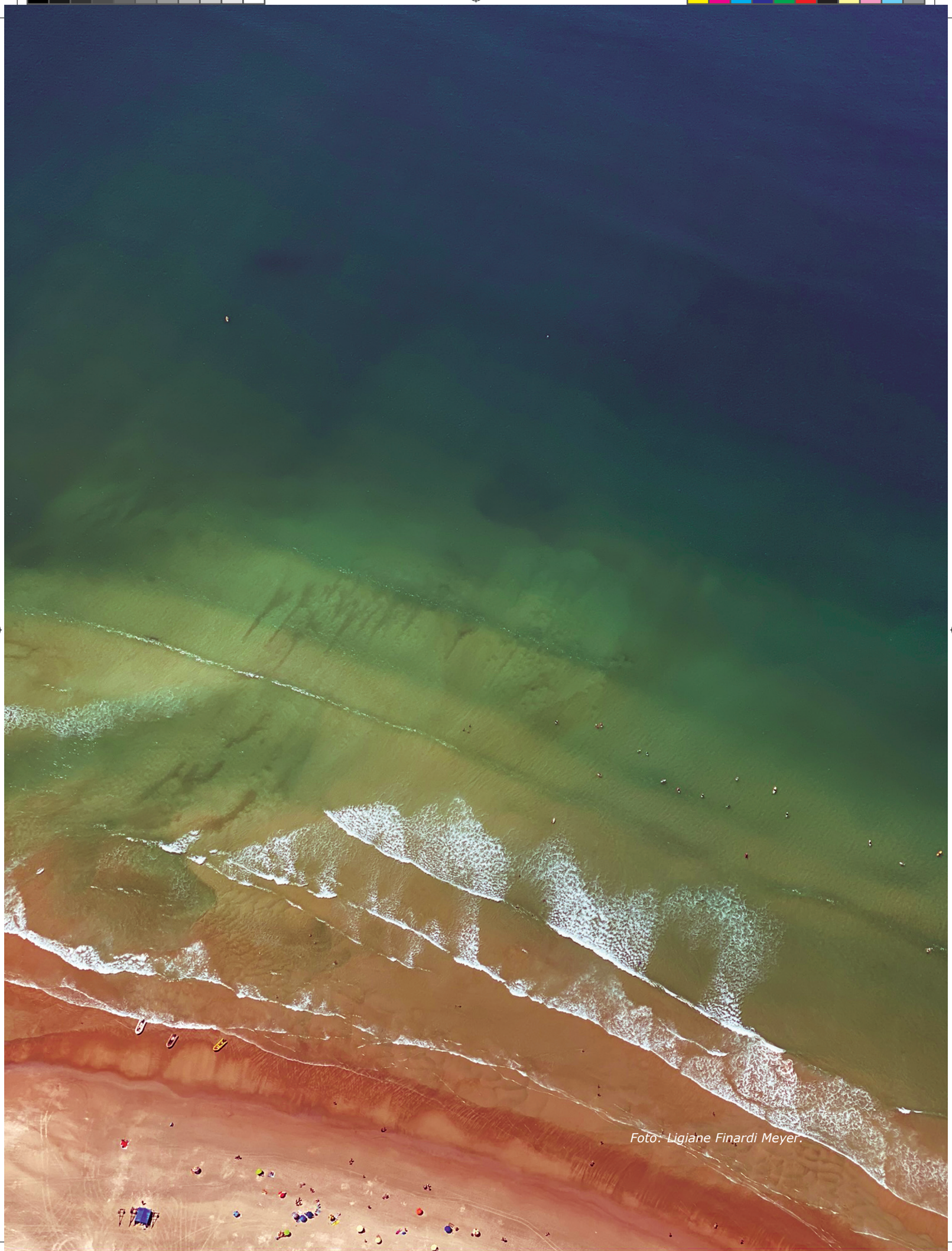


Foto: Ligiane Finardi Meyer.

003-Anuario2019-145-160.indd 160 24/05/2021 15:28:28